



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DO OESTE DO PARANÁ - CAMPUS DE CASCAVEL.  
CENTRO DE EDUCAÇÃO, COMUNICAÇÃO E ARTES.  
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *STRICTO SENSU* EM LETRAS – NÍVEL DE MESTRADO  
E DOUTORADO.  
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO EM LINGUAGEM E SOCIEDADE**

**Jaqueline Ângelo dos Santos Denardin**

**O discurso televisivo e o sujeito transexual: sentidos e silenciamentos na  
mídia**

CASCAVEL - PR  
2019

**Jaqueline Ângelo dos Santos Denardin**

**O discurso televisivo e o sujeito transexual: sentidos e silenciamentos na mídia**

Dissertação apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE – para obtenção do título de mestre em Letras, junto ao Programa de Pós-Graduação *Stricto Sensu* em Letras, nível de Mestrado e Doutorado – área de concentração em Linguagem e Sociedade.

Linha de Pesquisa: Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade.

Orientadora: Professora Doutora Dantielli Assumpção Garcia.

CASCADEL - PR  
2019

Ficha de identificação da obra elaborada através do Formulário de Geração

Automática do Sistema de Bibliotecas da Unioeste.

Denardin, Jaqueline Angelo dos Santos

O discurso televisivo e o sujeito transexual: :  
sentidos e silenciamentos na mídia / Jaqueline Angelo dos  
Santos Denardin; orientador(a), Dantielli Assumpção  
Garcia, 2019.

135 f.

Dissertação (mestrado), Universidade Estadual do Oeste  
do Paraná, Campus de Cascavel, Centro de Educação,  
Comunicação e Artes, Programa de Pós-Graduação em Letras,  
2019.

1. Análise de Discurso. 2. Discurso televisivo. 3. Série  
Quem sou eu?. 4. Silenciamentos dos Sujeito Trans.

I. Garcia, Dantielli Assumpção . II. Título.

## JAQUELINE ANGELO DOS SANTOS DENARDIN

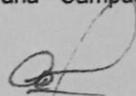
O discurso televisivo e o sujeito transexual: sentidos e silenciamentos na mídia

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras em cumprimento parcial aos requisitos para obtenção do título de Mestra em Letras, área de concentração Linguagem e Sociedade, linha de pesquisa Estudos da Linguagem: Descrição dos Fenômenos Linguísticos, Culturais, Discursivos e de Diversidade, APROVADO(A) pela seguinte banca examinadora:



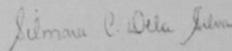
\_\_\_\_\_  
Orientador(a) - Dantielli Assumpção Garcia

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)



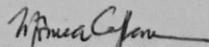
\_\_\_\_\_  
Alexandre Sebastião Ferrari Soares

Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Campus de Cascavel (UNIOESTE)



\_\_\_\_\_  
Silmara Cristina Dela da Silva

Universidade Federal Fluminense (UFF)



\_\_\_\_\_  
Monica Ferreira Cassana

Universidade Federal do Pampa (UNIPAMPA)

Cascavel, 8 de fevereiro de 2018

## AGRADECIMENTOS

Gratidão a Deus. A meus avós maternos, Francisca e Joaquim (ambos *in memoriam*), que, infelizmente, não se fazem mais presentes enquanto matéria, mas continuam presentes em minha vida, os quais foram essenciais em minha (re)existência, uma vez que me criaram como uma de suas filhas, dando todo amor, carinho e educação, para que eu me tornasse a mulher que sou hoje. Tenho certeza de que estariam orgulhosos em presenciar este trabalho, que é o resultado dos meus estudos/pesquisas do projeto de mestrado. Vocês foram e sempre serão para mim exemplo de afeto incondicional. A vocês, minha eterna gratidão e meu amor.

Aos meus pais, que me deram a vida e também me educaram, contribuindo e apoiando neste processo de crescimento pessoal para que eu me tornasse uma pessoa racional e soubesse ponderar os sentimentos, no intuito de cumprir os deveres e conhecer os meus direitos enquanto cidadã. Vocês são um exemplo/espelho para que eu sempre persista na minha vida acadêmica e seja uma profissional e um ser humano cada vez melhor. Muito obrigada!

À minha tia materna, Maria Ivanir Gomes dos Santos, que, durante toda a minha existência, contribuiu com suas experiências de vida para que eu me tornasse a mulher que sou hoje e repensasse sobre a mulher que eu quero vir a ser. E às suas filhas, Clarice (*in memoriam*), Cleonice, Gicele e Luciane, minhas primas, que jamais me discriminaram por eu ter me tornado a mulher que eu sou e por acreditarem na mulher que sempre fui e me tornei. Obrigada!

À minha amiga, Talita Lidirene Limanski de Quadros, que foi uma das precursoras entre as pessoas que me incentivaram e acreditaram que eu poderia estar em um curso de Mestrado. Ela, que considero como uma irmã e que possibilitou a mudança em minha vida, assim como em o *Mito da Caverna*, de Platão, direcionou-me para o caminho do conhecimento - caminho que eu continuarei seguindo. Portanto, muito obrigada, pois você fez a diferença em minha vida.

Ao queridíssimo professor, Cosme Freire Marins, que teve suma importância para que eu começasse a pensar em fazer um curso de Mestrado e que iluminou meus caminhos com suas ideias e propostas de pesquisa, a partir de um encontro inesquecível de troca de conhecimentos e afeto. Por isso, gostaria de expressar minha eterna gratidão a você, que chegou em um determinado momento da minha

vida, quando as coisas pareciam não fazer mais sentido, mas, então, apareceu para me orientar pelo caminho a ser seguido e eu segui. Levarei sua presença para sempre em minhas melhores lembranças. Obrigada.

Aos meus colegas de Pós-Graduação, que se tornaram mais uma família, Cláudia Hilgert, Fernanda Pereira, Aline Fantinel, Marcelo Nicomedes, João Rossi, Sil Vaillões, Lidiane Manfé e Renan Bini. Obrigada a vocês pelos momentos de partilha das angústias, das tristezas, das incompletudes que nos cercam, mas também pelos momentos de alegria, descontração, diversão e afeto. Lembrarei sempre de vocês com carinho. Obrigada!

Aos colegas da Graduação, em especial Bruna Américo, Charles Luciano e Paula Pezzini, que fazem com certeza parte dessa conquista, pois me incentivaram, apoiaram, ajudaram nos momentos difíceis e sempre estavam/estão ali/aqui prontos para o que preciso fosse/for. Vocês ficarão para sempre em minhas lembranças e, portanto, em meu coração, amo vocês. “Arrasa, viado!”

Ao meu amigo Bernardo, que foi um presente em minha vida, ajudando-me com a língua inglesa, afinal, é um excelente professor. Obrigada pelas contribuições, carinho e afeto depositados.

À minha amiga, Márcia Regina Longui, que me fez entender que algumas pessoas vão se tornando família em nossas vidas, mesmo sem ter um vínculo sanguíneo, mostrando a importância da relação social na construção do afeto entre os sujeitos. Te amo, minha amiga. Seu teto e seu apoio foram muito importantes para que eu conseguisse. Obrigada.

Ao queridíssimo professor, Alexandre Sebastião Ferrari Soares, minha eterna gratidão por colaborar para que eu permanecesse na universidade; você, que, por meio do seu campo de pesquisa, também foi um dos motivos pelo qual eu optei por vir para a UNIOESTE. Você faz parte dessa conquista. Serei eternamente agradecida.

À professora Silmara Dela-Silva, meus sinceros agradecimentos, visto que estive presente desde o início deste trabalho, colocando seus apontamentos para que tomasse a direção que tomou, sempre fazendo suas colocações de forma afetuosa; espero ter compreendido e me pautado corretamente nas suas considerações. Este trabalho não deixa de ser seu também. Muito obrigada.

Agradeço à professora, Mônica Ferreira Cassana, que, de maneira muito afetuosa, aceitou participar e contribuir para o desenvolvimento deste trabalho, a

qual também me afetou de forma construtiva com seus discursos sobre o sujeito trans. Obrigada.

Ao professor, Lauro José Siqueira Baldini, o qual se demonstrou uma pessoa muito afetuosa, tendo acompanhado o início deste trabalho, indicando sugestões que serviram para os desdobramentos que este trabalho teve. Obrigada por aceitar fazer parte da construção desta dissertação.

Agradeço ao professor, João Carlos Catellan, pelas trocas teóricas, pois o senhor é um excelente professor e possui um domínio admirável da teoria; seus dizeres foram muito importantes para a construção deste trabalho.

À minha sempre amada orientadora, Dantielli Assumpção Garcia. Fica difícil encontrar palavras para dizer o quanto você é significativa em minha (re)existência. Depois que a conheci, eu vi a materialização da minha perspectiva de vida. Você, que é um exemplo do que é ser mulher, que é batalhadora, estudiosa, disciplinada, coerente, afetuosa, irmã, filha, companheira e que reúne todas as características dessas várias formas de ser mulher - e dá conta - cumpre com todos os papéis previstos; tanto cumpre que, às vezes, rompe com eles e isso é que te faz ser tão admirável e exemplar. Obrigada por me ensinar e pela relação de afeto construída. Você, com certeza, me ensinou que eu posso ser quantas e quais mulheres eu quiser ser. Minha eterna gratidão, Maravidanti.

Agradeço à CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior) pela bolsa a mim concedida, pois foi imprescindível para que eu tivesse uma tranquilidade maior em relação à minha estrutura financeira e assim pudesse desenvolver minha pesquisa, que hoje resulta nesta dissertação.

Por fim, agradeço ao universo por ser tão generoso comigo, simplesmente pelo fato de eu poder fazer todos esses agradecimentos, pois, do que valeria meu trabalho, se eu não tivesse a quem agradecer pela companhia nessa empreitada? Obrigada.

DENARDIN, Jaqueline A. S. **O discurso televisivo e o sujeito transexual: sentidos e silenciamentos na mídia.** 2019. (135 f.) Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel.

## RESUMO

Neste trabalho, a partir da perspectiva teórica da Análise de Discurso (PÊCHEUX, 1969, 1975), articulada aos estudos do gênero (BEAUVOIR, 1967, 1970; BENTO 2008; BUTLER 2003, 2011), pretendemos analisar a série “*Quem sou eu?*”, transmitida pelo programa televisivo da Rede Globo de Televisão *Fantástico*. Realizada em quatro episódios, com circulação em quatro domingos consecutivos, entre os meses de março e abril de 2017, a série abordou o tema da transexualidade e as demandas pertinentes e “inerentes” ao sujeito transexual, tais como: as “escolhas” de quem nasceu no corpo “errado”; a repercussão na vida escolar e acadêmica por ser um sujeito trans; a questão da automedicação e tratamento(s); a cirurgia de transgenitalização e os relacionamentos no “mundo transgênero”, tanto em relação às questões de afeto familiar quanto às questões de desejo sexual. O objetivo principal é analisar como a série, que é narrada, metaforicamente, ancorada na história infantil “*Alice no País das Maravilhas*”, traz o(s) dizer(es) como um modo de fazer falar o tema da transexualidade. Nossa dissertação tem como intuito analisar o funcionamento ideológico que permeia as discussões feitas pelo programa televisivo acerca desse tema – assunto que tem sido pivô de várias discussões na contemporaneidade com repercussão social intensa, o que justifica cientificamente a nossa pesquisa e a necessidade de abordar a transexualidade no espaço de produção científica, para que não tenha, como dito, somente o que é produzido pelo senso comum, possibilitando, assim, uma construção epistemológica do conhecimento e saberes sobre a transexualidade. Portanto, este trabalho teve a intenção de compreender como se sustentam efeitos de sentidos – ditos e não ditos – em dizeres produzidos pelo discurso televisivo de tal programa; ademais, analisou como os sujeitos trans se dizem e são ditos nessa série sobre sua transexualidade.

**PALAVRAS-CHAVE:** Análise de Discurso; Discurso televisivo; Série *Quem sou eu?*; Silenciamentos; Sujeito Trans.

DENARDIN, Jaqueline A. S. **The Discourse of Television and Transexual individual: Senses and the Silencing in the Media.** 2019. (135 f.). Dissertation (Master's Degree in Language Studies) – Western Paraná State University. Cascavel.

### ABSTRACT

From the theoretical perspective of the Discourse Analysis (PÊCHEUX, 1969, 1975), attached to the gender studies (BEAUVOIR 1967, 1970; BENTO 2008; BUTLER 2003,2011), this work aims to analyze the series “*Quem sou eu?*” (Who am I?), which has passed on *Fantástico*, a program broadcasted by GLOBO Television Network. Being released in four episodes, on four consecutive Sundays, between March and April of 2017, the series approached transsexuality and its relevant demands attached to the transsexual individual, such as: the “choices” of whom was born in a “wrong” body, the impact in the person’s school and academic life due to the fact of being transsexual, the issue of self-medication and treatment(s), the sex reassignment surgery and the relationships in the “transgender world” regarding to familial affection, affection issues and sexual desire. The main goal is to analyze how the series, which is metaphorically narrated inspired by the popular child story “*Alice no País das Maravilhas*” (Alice in Wonderland) , brings out the topic in a way to start talking about transsexuality, in order to analyze the ideological functioning that permeates the discussions on this topic. Transsexuality has been facing a lot of discussions in the contemporary world covered by intense social impact that justifies the necessity of approaching transsexuality in the scientific production field, so that the conceptions related to this topic will not be mostly based on common sense, allowing the epistemological construction of knowledge on transsexuality. Therefore, this work intends to understand how the experienced effects are sustained – mentioned and not mentioned – in produced discourses – by the media, journalistic discourse, and even to notice the current ideologies in the transsexual individuals’ discourse, as a sense effect – inspired by the topic approached by the series, transsexuality.

**KEYWORDS:** Discourse Analysis; Television Discourse; Series Who I am?; Silencing; Trans Individual.

**nomes a menos**

*Nome mais nome igual a nome,  
uns nomes menos, uns nomes mais.  
Menos é mais ou menos,  
nem todos os nomes são iguais.*

*Uma coisa é a coisa, par ou ímpar,  
outra coisa é o nome, par e par,  
retrato da coisa quando límpida,  
coisa que as coisas deixam ao passar.*

*Nome de bicho, nome de mês, nome de estrela,  
nome dos meus amores, nome dos animais,  
a soma de todos os nomes,  
nunca vai dar uma coisa, nunca mais.*

*Cidades passam. Só os nomes vão ficar.  
Que coisa dói dentro do nome  
que não tem nome que conte  
nem coisa pra se contar?*

*Paulo Leminsk*

# SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	11
<b>NÃO NASCI MULHER, TORNEI-ME!</b> .....	12
<b>INTRODUÇÃO</b> .....	16
<b>1 UM POUCO DA ANÁLISE DE DISCURSO</b> .....	25
<b>1.1 Dispositivo analítico</b> .....	30
1.1.1 Condições de Produção .....	31
1.1.2 A posição sujeito .....	34
1.1.3 Formações Imaginárias .....	37
1.1.4 Formações Discursivas e Interdiscurso.....	39
1.1.5 Intertextualidade .....	43
1.1.6 Corpo.....	44
1.1.7 Esquecimento e Silêncio .....	46
1.1.8 Discurso Jornalístico .....	48
<b>2 TEORIA QUEER: UM POUCO SOBRE GÊNEROS E SEXUALIDADES</b> .....	50
<b>2.1 Sexo e gênero: entre a construção e a desconstrução</b> .....	55
<b>2.2 Interseccionalidades: raça, classe e gênero</b> .....	59
<b>2.3 Identidade de gênero: uma instabilidade?</b> .....	62
<b>2.4 Sexualidade(s) em transformação</b> .....	65
<b>3 CORPUS: UMA DESCRIÇÃO</b> .....	69
<b>3.1 As escolhas de quem sente que nasceu no corpo errado!</b> .....	71
<b>3.2 A perigosa tentação da automedicação</b> .....	76
<b>3.3 A cirurgia de mudança de sexo no processo de transição</b> .....	80
<b>3.4 O amor e os relacionamentos no universo dos transgêneros</b> .....	83
<b>4 COMO O(S) DISCURSO(S)</b> .....	87
<b>4.1 Médico Trata</b> .....	88
<b>4.2 Religioso Pune</b> .....	92
<b>4.3 Jurídico Condena</b> .....	97
<b>4.4 Midiático Expõe</b> .....	100
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	106
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS</b> .....	112
<b>ANEXOS</b> .....	117

## APRESENTAÇÃO



GERDA WEGENER: The ballerina Ulla Poulsen in the Ballet Chopiniana.

*“Quando se respeita alguém não queremos forçar a sua alma sem o seu consentimento” Simone Beauvoir.*

## NÃO NASCI MULHER, TORNEI-ME!

Embora no texto acadêmico, como nesta dissertação de mestrado, não esteja prevista uma parte de relato biográfico sobre quem é o sujeito pesquisador, ousei escrevê-la a exemplo de uma forma de (re)existência, de maneira que pudesse dizer a respeito da transexualidade que me acompanhou – e acompanhará – em minha constituição como sujeito, sobre ter me tornado mulher! Recordei-me de Pêcheux ([1982] 1990, p. 17), que assim dizia:

As resistências: não entender ou entender errado; não "escutar" as ordens; não repetir as litâneas ou repeti-las de modo errôneo, falar quando se exige silêncio; falar sua língua como uma língua estrangeira que se domina mal; mudar, desviar, alterar o sentido das palavras e das frases; tomar os enunciados ao pé da letra; deslocar as regras na sintaxe e desestruturar o léxico jogando com as palavras.

A imposição do silêncio faz parte do cotidiano do sujeito transexual e, se não relatasse minha experiência envolta nesse cotidiano, sentiria que eu me censurava, que eu me silenciava, que eu não resistia para poder existir. Espero que a academia saiba compreender o porquê desse dizer, antes da entrada específica na teoria da Análise de Discurso e no tema de nossa dissertação.

Início minha breve biografia com um título que parafraseia Simone de Beauvoir "*Ninguém nasce mulher, torna-se mulher*"<sup>1</sup>, por se tratar de um discurso que ressoou e me afetou das mais diferentes formas.

Do relacionamento amoroso entre Rosinha Gomes dos Santos e Celestino Denardin, nasceu Jackson Ângelo dos Santos Denardin, aos dez dias do mês de setembro do ano de 1992. Esse relacionamento, mais tarde, ficou apenas na amizade entre os dois, porém, ambos têm um laço para o restante de suas vidas, um filho.

Celestino, professor, e Rosinha, agricultora. Ele, com 33 anos, e ela, com 18; precisavam construir suas vidas e ambos foram em busca de um futuro melhor, em busca de trabalho e estudo. A criança, eu, ficara com os avós maternos, pais de

---

<sup>1</sup>Para Beauvoir ([1949], 2008), o tornar-se mulher faz parte da constituição subjetiva de qualquer mulher, seja cisgênera ou transgênera. A retomada que fazemos aqui dessa sua afirmação é para explicitar como eu, mulher trans, fui me tornando mulher, com as particularidades de minha história de vida.

Rosinha, Dona Francisca e Seu Joaquim, na cidade de Corbélia – Paraná; assim, fui criada por eles desde os três meses de vida até os 12 anos de idade. Nesse período, esses avós direcionaram-se para os estudos (educação básica), à religião (católica) e às convenções sociais a que somos todos impostos desde que nascemos. Meus pais se faziam presentes eventualmente, mas sempre auxiliando em questões financeiras e afetivas. Nesse período em que eu estive sob os cuidados de meus avós maternos, já eram perceptíveis algumas “fugas” para uma criança aos padrões de gênero conhecidos, estabelecidos e impostos pela sociedade (meninos têm que brincar de carrinho e não de boneca, usar calça e não saia, gostar de azul e não de rosa, etc.), pois eu, um menino, gostava de brincar de boneca, usava as roupas (saias e saiotos) da avó Francisca, entre outras coisas.

Aos 11/12 anos de idade, fui residir com meu pai em Braganey – Paraná, com o qual eu tinha uma relação difícil, período em que fui aluno interno de um Colégio Adventista, durante a 7ª série (hoje 8º ano), e no ano seguinte, 8ª série (hoje 9º ano), em um colégio da zona rural. Em ambos os estabelecimentos, sempre houve algumas divergências, principalmente, no Colégio Adventista.

Já no Ensino Médio, iniciado em 2007, como aluno interno em um Colégio Agrícola do Estado de Santa Catarina, os “conflitos aumentaram”, uma vez que esse colégio era composto quase em sua totalidade por meninos e eu usava vestimentas unissex ou femininas. Nesse momento, ao completar 15 anos, tive meu primeiro relacionamento amoroso com outro menino, também interno do Colégio e, então, os problemas foram aumentando a cada dia nesse internato. Até que não foi mais possível, para o colégio, sustentar a minha permanência nesse estabelecimento de ensino. Quase findando o 2º ano (hoje 2ª série) do Ensino Médio, eu fui convidada a retirar-me do Colégio – devido ao meu “comportamento” não condizente com as normas e parâmetros do estabelecimento – e, junto com o encerramento desse ciclo no Colégio Agrícola, em Santa Catarina, eu tive que lidar com o fim de outros dois ciclos, pois, em Abril do mesmo ano (2008), eu perdi a minha avó materna, Francisca, que havia falecido; além disso, agora, que não estudaria mais no Colégio, acabava o meu primeiro relacionamento amoroso, um namoro que durou pouco mais de um ano.

Ao retornar do colégio, já em desacordo com meu pai, tentei morar com a minha mãe em Corbélia, porém, não houve sucesso, uma vez que ambos entravam em discussões, as quais foram resolvidas legalmente. Novamente, já com 16 anos,

eu voltei a residir com o meu pai em Braganey, mesmo com a relação difícil existente entre nós. E foi assim até a conclusão do Ensino Médio, no ano de 2009, quando eu fugi para a cidade de Assis – São Paulo e fui morar com uma tia (Inês) e uma prima (Jaqueline), ambas por parte de mãe, ficando por lá durante o período de aproximadamente um ano. Esse período foi essencial em minha vida para que eu pudesse e conseguisse me autoconhecer, autocompreender, autorreconhecer como uma mulher e não como um homem, o que era esperado de mim até então.

Após esse tempo em Assis, retornei ao Paraná para a casa de meu pai, em Braganey, mas agora como Jaqueline Denardin, exigindo que todos que fizeram e fizessem parte do meu convívio social me reconhecessem e me respeitassem como Jaqueline Denardin.

No ano de 2011, eu dei início à minha formação em Ciências Sociais, na Universidade Luterana do Brasil e, concomitantemente, fazia alguns serviços domésticos para obter renda; era diarista e também já trabalhava na casa de uma enfermeira como empregada doméstica.

Já no ano seguinte, em 2012, iniciando o segundo ano da graduação de licenciatura em Ciências Sociais, eu fui convocada no Processo Seletivo Simplificado do Estado do Paraná para lecionar a disciplina de Sociologia no Ensino Médio.

Em 2014, fiz o processo seletivo para professora no município de Corbélia, tendo sido contratada. Concomitantemente, nesse ano, iniciei a segunda graduação, dessa vez, Licenciatura em Pedagogia, que foi concluída no ano de 2016 pela Faculdade Tecnológica Machado de Assis.

Eu me tornei Especialista em Educação do Campo, Educação Especial e Docência no Ensino Superior. Assim, fui aprovada para o Mestrado em Letras na Universidade Estadual do Oeste do Paraná; fiz parte da turma que ingressou no ano de 2017 e que concluirá o processo em 2019, recebendo o título de mestre, algo tão almejado por muitos e conquistado por poucos. No caso das transexuais, menos sujeitos ainda chegam a obter essa titulação, realidade que precisa ser modificada já!

Esta sou eu, Jaqueline Denardin, professora, 25 anos, apaixonada pela vida, hoje, feliz com os meus familiares, galgando um lugar de presença e militância em uma sociedade que mata, a cada 48 horas, uma pessoa trans, rebaixando a expectativa de vida desses sujeitos a 35 anos, nem se quer a metade da expectativa de vida nacional.

Ainda existe muito desconhecimento sobre a transexualidade e sobre a própria sexualidade:

O mundo da sexualidade é altamente sobrecarregado de interdições. Não respondemos às crianças suas perguntas sobre o tema, proibimos que se masturbem, desestimulamos o sexo antes do casamento; fantasias sexuais são quase sempre práticas pervertidas. (SOARES, 2015, p.28)

Portanto, eu, Jaqueline Denardin, tenho orgulho de dizer que sou uma mulher transexual e represento esses sujeitos. Mesmo tendo passado pelos conflitos, preconceitos, sofrimentos, angústias, mágoas, que só nós transexuais conhecemos e vivenciamos, hoje, eu sou feliz e tenho muito orgulho da mulher que me tornei, porque eu não nasci essa mulher, tornei-me essa mulher, assim como tantas outras que se constroem ao longo de/pela sua (r)existência.

## INTRODUÇÃO



GERDA WEGENER: Neve, noite na Ópera em Paris.

*“Tesouro, presa, jogo e risco, musa, guia, juiz, mediadora, espelho, a mulher é o Outro em que o sujeito se supera sem ser limitado, que a ele se opõe sem o negar. Ela é o Outro que se deixa anexar sem deixar de ser o Outro. E, desse modo, ela é*

*tão necessária à alegria do homem e a seu triunfo, que se pode dizer que, se ela não existisse, os homens a teriam inventado” (Simone Beauvoir).*

Este trabalho busca analisar discursivamente (PÊCHEUX, 1995; ORLANDI, 2015) como o tema transexualidade foi abordado na série “*Quem sou eu?*”, exibida no programa televisivo “*Fantástico*”, de abrangência nacional, transmitido pela Rede Globo de Televisão. O propósito de tal análise emergiu porque, num primeiro momento da série, o sujeito transexual, por vezes, é metaforizado/a – a partir da história infantil *Alice no País das Maravilhas* – e, assim, compreendido/a como um sujeito que não sabe e não tem conhecimento de si, não sabe quem ele/ela próprio/a é, representado/a como confuso/a. Como a repetição desse sentido do não autoconhecimento é retomada em diversos momentos, o título da série, ainda quando se refere ao sujeito trans, “*Quem sou eu?*”, enfatiza que eles/elas (os sujeitos trans) e somente eles/elas querem responder ao questionamento, *Quem sou eu?* (silencia todo um processo sócio-histórico-ideológico construído por/para esse sujeito; tal questionamento é e move a humanidade, independentemente do gênero com o qual os sujeitos se identificam, no entanto é construído outro processo sócio-histórico-ideológico). No entanto, esse mesmo questionamento “*Quem sou eu?*” permite uma abertura a qualquer sujeito, para que possa se autoquestionar sobre quem é. Assim, mobilizando como perspectiva teórica a Análise de Discurso pecheutiana, pretendemos analisar os sentidos que essa série televisa colocou em funcionamento, acerca do tema transexualidade, a cada domingo de sua exibição.

A série “*Quem sou eu?*” foi transmitida em rede nacional durante quatro domingos consecutivos, entre os meses de março e abril, iniciando-se no dia 12 de março de 2017 e findando em 02 de abril de 2017. A cada domingo (o *Fantástico*, programa utilizado para exibição da série, é um programa dominical e que abrange, em audiência, grande parte das famílias brasileiras, atualmente 34,1%, ou seja, a cada 100 televisores ligados, 34 estão conectados ao programa<sup>2</sup>), uma temática diferente, relacionada à transexualidade, foi apresentada. Respectivamente, os títulos foram: “As escolhas de quem nasceu no corpo errado! Imagine o que você olha, não é o que você vê!”, “Os conflitos e descobertas de jovens que começam a descobrir o corpo”, “Processo de transição: intervenção cirúrgica”, “O amor e os

---

<sup>2</sup> Disponível em: <https://vefamosos.uol.com.br/noticias/ooops/2018/03/29/fantastico-tem-publico-estagnado-veja-audiencia-do-programa-desde-2000.htm>. Acesso em: 10 jul 2018.

relacionamentos no universo transgênero”.

Em um segundo momento, a nossa inquietação aconteceu diante das (não) formulações que fazem parte de demandas da comunidade trans, as quais precisam e devem ser evidenciadas. A exemplo disso, o silenciamento das questões relacionadas ao uso do nome social e o gênero (autorreconhecido pelo sujeito) que, geralmente, é atribuído a ele; o sujeito transexual e o uso destes – nome social e gênero autoidentificado – possibilitam, de certo modo, um sentimento de pertencimento ao gênero com o qual o sujeito se identifica.

A série ainda evidencia questionamentos para a esfera da saúde, uma vez que as questões ditas pertinentes à saúde do sujeito transexual (hormonização, tratamento psicológico, assistência social, exames, cirurgias, dentre outros) são apresentadas e, como se formula na série, trata-se de uma questão de saúde pública, logo, o Estado tem integral responsabilidade com esses sujeitos, o que, diversas vezes, falha, principalmente na prática de garantias de direitos.

E, em um quarto momento, é preciso discutir ainda sobre a inclusão desses sujeitos à sociedade. A inclusão é abordada pela série, porém, não se apresentam políticas públicas efetivas para que haja uma inclusão de fato, até porque essas tais políticas não existem. A série apenas apresenta os conflitos que esses sujeitos enfrentam, mas não aponta uma possível solução para esse problema social e de ordem pública, que é a inclusão dos sujeitos transexuais, sua permanência e sobrevivência na sociedade; muitos acabam por ser marginalizados e vivem às sombras, ainda que sejam cidadãos com os mesmos direitos e deveres previstos na legislação, portanto, devem/deveriam ter seus direitos respeitados, como os sujeitos não transexuais.

A série retoma como ponto de ancoragem, por um funcionamento metafórico, a conhecida história infantil de *“Alice no País das Maravilhas”*. Brevemente, essa história é reformulada, com inúmeras versões e detalhes diferentes, evidenciados pelos personagens que a recontam; mas, iremos tentar citar os pontos comuns retomados. Resumidamente, a história traz o relato de uma menina (Alice) que, ao seguir um coelho – o qual porta um relógio -, cai na sua “toca” (um buraco), que é a porta de entrada para o País das Maravilhas. Esse novo mundo proporciona para a menina, protagonista da história, situações que a levam a tomar decisões e a viver novas experiências, porém, ela não se sente preparada para algumas dessas decisões; mesmo assim, ela vai vivendo as experiências e percebe as

consequências de cada um de seus atos/escolhas.

Assim, a história infantil de *Alice no País das Maravilhas*, recontada na série, traz à tona as consequências de escolhas e decisões que são tomadas ao longo da vida pelos sujeitos trans, colocando muitas situações como escolhas. Também, retoma a questão da importância de se ter conhecimentos diferentes – pensando no domínio dos mais variados campos do conhecimento – pois há um momento em que a personagem de Alice é indagada: “Mas qual caminho você quer seguir?”, ao que ela responde: “Tanto faz.”. Se pensarmos que em “tanto faz” qualquer caminho serve e relacionando essa formulação com a questão da transexualidade, a série coloca as questões de sexualidade e gênero como “escolhas” que tanto fazem para os sujeitos, dizeres que estão na contramão de muitas das suas lutas por uma posição legitimada e legalizada na sociedade, como um sujeito que sabe de si, que sabe quem é e que não escolheu ser quem é: simplesmente é.

Ainda, a série retoma a vida de Alice como uma menina que não se reconhece como é e não sabe o que quer, como se ela mesma não conhecesse a si; no primeiro episódio, esse autodesconhecimento próprio da Alice é metaforizado com o suposto autodesconhecimento do sujeito transexual, como se as pessoas trans não se conhecessem ou se reconhecessem no corpo que “ocupam”, como se não soubessem quem são ou não soubessem a respeito de sua orientação e desejo sexual. O discurso jornalístico vai sustentando, como mostraremos em nossas análises, a transgeneridade no campo da dúvida e, pela via do silêncio, afirma ser a cisgeneridade algo do sujeito que sabe quem é, que sabe de si, que está em “um corpo certo”. Como já pontuamos, a série apaga esses questionamentos sobre “quem sou”, que fazem parte da constituição dos sujeitos e, aparentemente, faz circular como se fosse parte só do sujeito transexual, que “nasceu em um corpo errado” e quer responder “quem sou eu?”

Num outro momento, a série retoma a história de Alice, na passagem em que ela se utiliza de poções para aumentar e diminuir o seu tamanho, conforme a necessidade que ela encontrará pela frente em sua caminhada, segundo a história infantil. De forma metafórica, evidencia-se, para esse contexto de Alice, o fato da automedicação, que é algo corriqueiro, comum e dito como necessário entre os sujeitos transexuais, pois é afirmado que, somente por meio do tratamento hormonal, as mudanças físicas serão adquiridas, ou seja, é algo que fará parte da vida do sujeito transexual - o uso de medicamentos hormonais -, quando este quiser adquirir

características do sexo com o qual se identifica (características que são engendradas pela sociedade, mas alicerçadas no biológico também). Isso é algo comum aos sujeitos trans, pois muitos fazem uso de medicamentos; são considerados “necessários”, à medida em que o sujeito quer iniciar o processo de transição, o qual contempla mudanças corporais ou não, como é o caso daqueles que não querem fazer essas mudanças ditas necessárias.

Em outro episódio, a série evidencia a história de Alice quando ela se depara com a personagem da Rainha de Copas, que é um ser intolerante, a qual não aceita ouvir não e quer que tudo aconteça como ela deseja, que todos estejam subordinados às suas vontades. Caso isso não aconteça, ao sujeito que a contraria, ela ordena que “cortem a cabeça”. Nesse contexto, a série traz a discussão sobre a intervenção cirúrgica como “único” meio de adequar o corpo do indivíduo à sua identidade e orientação, como se o processo de transição se efetivasse de fato e somente com a cirurgia de redesignação sexual (e outras que são socialmente consideradas pertinentes aos sujeitos transexuais).

Num quarto momento, a série recupera a história infantil no viés de como Alice, após o contato com a personagem da Rainha de Copas, modifica sua forma de relacionar-se e ver os outros sujeitos e, assim, a série contextualiza a questão dos sentimentos e relacionamentos dos sujeitos transgêneros, colocando-os em um “mundo” de relacionamentos “diferentes” dos demais, por exemplo, os heterossexuais, bissexuais, etc.; logo, transexuais relacionar-se-iam apenas com transexuais, não?

A série “*Quem sou eu?*”, metaforizada pelo uso da história infantil de *Alice no País das Maravilhas*, ao formular um dizer a respeito do sujeito trans, transita, como mostraremos em nossa dissertação, entre o discurso médico, religioso, jurídico, midiático, pois, no discurso médico, o sujeito trans é patologizado por diversos segmentos da área da saúde; já no discurso religioso, o sujeito é considerado perverso e pecaminoso, enquanto que, no jurídico, ele não é legitimado, sendo, ademais, silenciado, condenado. Assim, corroborando tudo isso, as mídias, principalmente por um funcionamento do discurso jornalístico, contribuem para a exposição desses sujeitos de uma maneira dissidente, não conhecedor de si.

A série especial “Quem Sou Eu?”, narrada por Renata Ceribelli<sup>3</sup>, com algumas participações dos jornalistas Tadeu Schmidt<sup>4</sup> e Poliana Abritta<sup>5</sup>, contou com diversas histórias de diferentes sujeitos transexuais, transgêneros em fases distintas de suas vidas, formulando dizeres sobre identidade de gênero e orientação sexual.

Em seu texto inicial de apresentação da série aos telespectadores, Renata Ceribelli faz a seguinte indagação: “O que a ciência já consegue explicar?”, trazendo para a série os dizeres amparados no discurso médico que, historicamente, vai patologizar a transexualidade, a qual se encontrava, até os primeiros meses de 2018, no Código Internacional de Doenças (CID), no capítulo que trata de Transtornos Mentais e Comportamentais - grupo de Transtornos da Personalidade e do Comportamento Adulto, na categoria de Transtornos da Identidade Sexual.

Esse fato de que a transexualidade era pensada e relacionada com uma doença retoma uma ideia de erradicar, reforçando o estigma de preconceito e ódio socialmente instituído; ademais, caso seja concebida como uma doença, é passível de cura. Logo, alguns sentidos ecoam em uma sociedade na qual a transexualidade é tratada/vista como doença, a qual deve ser “erradicada” a qualquer custo, inclusive, com a morte ou extermínio.

Isto está explícito em mapeamentos e pesquisas, nos quais, corriqueiramente, é apontada a morte dos sujeitos trans. Tais mortes, infelizmente, apenas contribuem para o aumento dos índices sobre os sujeitos trans no Brasil, pois quase nada é feito para que esse cenário não continue se repetindo, a tal ponto de que as estatísticas mostram que o Brasil é o país que mais mata os sujeitos travestis e transexuais no mundo. Esses índices de mortalidade mais que triplicaram nos últimos 10 anos, como podemos observar nos dois gráficos a seguir<sup>6</sup>. O primeiro gráfico mostra as

---

<sup>3</sup> É uma jornalista e apresentadora da televisão brasileira, que, a partir de 2015, retomou o posto de repórter no programa *Fantástico*. <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/renata-ceribelli/renata-ceribelli-trajetoria.htm>. Acesso em: 15 ago 2018.

<sup>4</sup> Emanuel Tadeu Bezerra Schmidt atualmente trabalha na Rede Globo como apresentador do *Fantástico*. <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/tadeu-schmidt.htm>. Acesso em: 15 ago 2018.

<sup>5</sup> Poliana Abritta Martins Ferreira é uma jornalista, repórter e apresentadora brasileira. Atualmente, apresenta o *Fantástico* ao lado de [Tadeu Schmidt](http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/poliana-abritta/poliana-abritta-trajetoria.htm). <http://memoriaglobo.globo.com/perfis/talentos/poliana-abritta/poliana-abritta-trajetoria.htm>. Acesso em: 15 ago 2018.

<sup>6</sup> Embora saibamos que essa discussão poderia estar em outra seção da dissertação, resolvemos apresentar os dados, por meio dos gráficos, na introdução, pois nos ajudam a compreender os diversos silenciamentos que a série fez funcionar, tais como a transfobia e



Para que todas essas discussões e reflexões apontadas sejam possíveis, nós dividimos este trabalho em quatro capítulos, sendo que, no primeiro, realizamos uma breve retomada sobre o surgimento da Análise de Discurso francesa e nosso dispositivo analítico, considerando pertinentes os seguintes conceitos para nosso trabalho: condições de produção, posição-sujeito, formações imaginárias, formações discursivas e interdiscurso, intertextualidade, esquecimento, silêncio, corpo e o discurso jornalístico.

No segundo capítulo, retomando os estudos dos gêneros/*queer*, buscamos compreender como foram tratadas as questões sobre as constituições dos sujeitos como homens, mulheres, trans e suas e/ou outras sexualidades, para percebermos como os sentidos são ou não retomados na série “*Quem sou eu?*”.

No terceiro capítulo, nós descrevemos os quatro episódios da série, tendo sido selecionadas algumas Sequências Discursivas (SDs), as quais constituem o *corpus* do nosso trabalho, que é a série, observando cada episódio de acordo com o tema abordado referente à transexualidade, naquele dia em que o episódio foi transmitido.

No quarto e último capítulo, estão as análises feitas por nós, a partir do *corpus*, a série “*Quem sou Eu?*”. As sequências discursivas selecionadas para as análises do quarto capítulo nos permitem analisar e perceber como vários temas relacionados e que dizem e significam sobre/a transexualidade foram divulgados e postos em circulação pelo discurso jornalístico, como a união entre transexuais, questões burocráticas relacionadas à saúde, constituições familiares diferentes das comumente conhecidas, entre outras.

E, para findar o trabalho, as considerações finais, nas quais estão as reflexões que foram possíveis com o desenvolvimento deste trabalho.

Nos anexos, estão as transcrições dos quatro episódios da série, as quais representam as falas dos personagens que aparecem no programa, que servirão como materialidade linguística e, conseqüentemente, para análise discursiva da série *Quem sou Eu?*.

As imagens que abrem cada sessão são do acervo de quadros de Gerda Wegener. Eles retratam Lili Elbe, em diversos momentos e circunstâncias. Lili, antes de ser Lili Elbe, foi Einar, marido de Gerda. É uma história que vale a pena ser lida ou ouvida, pois fala sobre uma das primeiras transexuais na história que realizou a cirurgia de transgenitalização. Isso marca seu legado de luta e resistência, em meio

a uma sociedade tão calcada em normas. Essa história serviu como roteiro para o filme *“Garota Dinamarquesa”*.

## 1 UM POUCO DA ANÁLISE DE DISCURSO



GERDA WEGENER: Rainha e Copas (Lili).

*“Hoje cedo (...) desejei ardentemente ser a garota que comunga na missa da manhã e tem uma certeza serena... No entanto, não quero acreditar: um ato de fé é o ato mais desesperado que existe e quero que meu desespero pelo menos conserve sua lucidez. Não quero mentir para mim mesma” (Simone Beauvoir).*

Iniciada na França, na década de 1960, com as publicações *Análise Automática do Discurso* (AAD69), de Michel Pêcheux; e *Langages*, nº 13, intitulada *Analyse du discours*, organizada por Jean Dubois, a Análise de Discurso constitui-se em um entremeio (ORLANDI, 2015) entre o Materialismo Histórico, a Psicanálise e a Linguística.

Fundador da Escola Francesa da Análise de Discurso, Michel Pêcheux tomou para si, como objeto de estudo, o Discurso. Como pontua Orlandi (2015), o autor entendia que a ideologia era materializada e tomava forma por meio da linguagem; a linguagem era constituída pela ideologia, materializada no discurso: “Consequentemente, o discurso é o lugar em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos” (ORLANDI, 2015, p.15).

Pêcheux desenvolve sua teoria baseada na relação entre ideologia (noção advinda da releitura por Althusser de Marx), linguagem (conceito deslocado de Saussure), inconsciente (na releitura por Lacan de Freud), os quais estão intrincados com o processo discursivo, no qual se efetiva a produção do discurso.

Com relação à Linguística, mais especificamente ao Estruturalismo, Pêcheux faz uma releitura de Saussure, com quem concorda com o fato de a língua ser social, mas não a considera como homogênea, e sim, em sua sistematicidade, em seu funcionamento. Isto é, trata a língua no mundo, (re)considerando o sujeito que havia sido deixado de lado por Saussure. Pêcheux questiona a Linguística por negligenciar a historicidade dos sentidos. Para a Análise de Discurso, a linguagem tem uma relação necessária com a exterioridade, o que nos permite trabalhar com as condições de produção.

Durante o século XX, até o fim da década de 50, o estruturalismo de Saussure – com o estudo sobre *langue*, por exemplo – teve grande contribuição nos estudos e pesquisas que viriam a contribuir para essa disciplina, a Análise de Discurso, que estava em processo de desenvolvimento. É a partir desse momento histórico que se começa a repensar os aspectos teóricos sobre a língua enquanto um sistema composto por signos linguísticos, discussões que pairavam entre linguistas, historiadores e psicanalistas; é dessa discussão, entre essas três áreas do conhecimento, que surgirá a base de estudos da Análise de Discurso Francesa. Diante disso, afirma Gadet:

Na França, a Análise de Discurso é, de imediato, concebida como um dispositivo que coloca em relação sob uma forma mais complexa do que suporia uma simples covariação, o campo da língua (suscetível de ser estudada pela linguística em sua forma plena) e o campo da sociedade apreendida pela história (nos termos das relações de força e de dominação ideológica). Emergência temporal, também; a Análise de Discurso aparece nos anos sessenta, sob uma conjuntura dominada pelo estruturalismo ainda pouco criticado na linguística, e triunfante por ser “generalizado”, isto é, exportado para as outras ciências humanas (por exemplo Lévi-Strauss ou Barthes), ou inspirador de reflexões mesmo quando não se declara explicitamente (por exemplo por Lacan, Foucault, Althusser ou Derrida). (GADET, 1997, p. 08).

Já o Marxismo, mais especificamente o Materialismo Histórico, chega até a Análise de Discurso por uma leitura de Marx, empreendida por Althusser, em *Ideologia e aparelhos ideológicos do Estado* (1985). O Materialismo Histórico considera que o homem faz história, mas ela não lhe é transparente. O que a Análise de Discurso questiona é que a própria história tem o seu real afetado pelo simbólico. Ademais, quando se fala em história na Análise de Discurso não se trata de cronologia, já que ela se relaciona a práticas e não ao tempo em si. Com efeito, Orlandi (1990, p.35) afirma que a história “se organiza tendo como parâmetro as relações de poder e de sentidos, e não a cronologia: não é o tempo cronológico que organiza a história, mas a relação com o poder (a política)”.

A influência de Althusser nas teorias de Pêcheux teve início ainda nos anos 1960, quando Pêcheux participou de um seminário ministrado por Althusser na Escola Normal Superior (Paris - França). Durante esse seminário, Pêcheux percebe que está em meio ao embate das reproduções pensadas pela elite e as releituras do marxismo, o materialismo histórico da luta de classes, feitas por Althusser. Diante disso, Pêcheux assumiu o pseudônimo de Thomas Herbert e passou a produzir alguns escritos. Como afirma Henry (1997): “De fato, os conceitos e as noções-chaves dos textos assinados Thomas Herbert, que fazem explicitamente referência ao ‘materialismo histórico’ e à ‘psicanálise’, estão quase que completamente ausentes do livro de Pêcheux sobre a análise automática do discurso” (HENRY, 1997, p.13-14), mas era a primeira publicação de Pêcheux, entre 60 e 70, texto no qual ele desejou suscitar a discussão de uma possível articulação entre os campos de estudo do materialismo histórico, da psicanálise e da linguística.

Nas publicações posteriores, com o pseudônimo de Herbert, o materialismo histórico estava presente nos textos do teórico, momento em que o autor também reavivava as críticas ao estruturalismo de Saussure: “o que interessava a Pêcheux no estruturalismo eram aspectos que supunham uma atitude não-reducionista no que se refere à linguagem” (HENRY, 1997, p.14), distanciando-se da noção de língua enquanto forma abstrata. A Análise de Discurso, porém, não deixava de considerar as questões articuladas entre a linguagem e os processos discursivos, pensando naquilo que se referia à língua e ao discurso como prática política:

Segundo Althusser, e tendo como referência a ideologia que Pêcheux introduz o sujeito enquanto efeito ideológico elementar. É enquanto sujeito que qualquer pessoa é “interpelada” a ocupar um lugar no sistema de produção. Em um texto publicado mais tarde, ao qual Pêcheux refere-se com frequência, Althusser escreve: “Como todas as evidências, incluindo aquela segundo a qual uma palavra ‘designa uma coisa’ ou ‘possuía uma significação’, ou seja, incluído a transparência da evidência da linguagem, esta evidência de que eu e você somos sujeitos – e que este fato não constitui nenhum problema – é um efeito ideológico, o efeito elementar. (HENRY, 1997, p.30)

Pensando nesse sujeito que é afetado pela ideologia, mas que falha - e é nessa falha que o inconsciente se expressa na/pela linguagem, com relação à Psicanálise -, a Análise de Discurso concorda com o deslocamento da noção de homem para a de sujeito (afetado pelo inconsciente), mas trabalha a ideologia considerando-a como materialmente relacionada ao inconsciente, sem que este seja tomado por ela. Segundo Orlandi (2015, p.20), isso implica em “dizer que o sujeito discursivo funciona pelo inconsciente e pela ideologia”.

Ao falar acerca da Análise de Discurso, Pêcheux (2015, p. 288) afirma que:

No contexto filosófico e político evocado acima, o projeto da análise de discurso marca uma ruptura com esta problemática psicossocial pela qual o triplo registro da história, da língua e do inconsciente permanece literalmente recalado. As teorias e métodos desenvolvidos em análise de discurso não pararam de se confrontar com essa situação de *triple recalque*, com a esperança (que se poderá julgar ingenuamente pretensiosa) de contribuir para desfazer esse nó.

A Análise de Discurso está entremeada por essas três áreas de conhecimento – linguística, materialismo histórico e psicanálise – e, por se tratar de uma disciplina

de interpretação, procura observar o que é e não é observável no discurso, levando em consideração seu “espaço” de produção e circulação, como é o caso dos “espaços discursivos não estabilizados logicamente, derivando dos domínios filosófico, sócio-histórico, político ou estético, e logo também o dos múltiplos registros do cotidiano não estabilizados” (PÊCHEUX, 2015, p.292).

Em 1975, quando a Análise de Discurso está mais sustentada teoricamente, pois já estão articuladas as áreas de entremeio da linguística, do materialismo histórico e da psicanálise, Pêcheux busca, com base em um processo de “desconstrução objetivista e subjetivista” (MALDIDIER, 2003, p. 38), compreender a interligação entre a ideologia, o discurso e a subjetividade:

[...] o campo teórico, o “quadro epistemológico” do empreendimento que articula três regiões de conhecimento científicas: - O materialismo histórico como teoria das formações sociais e suas transformações, aí compreendida a teoria das ideologias; - A linguística como teoria ao mesmo tempo dos mecanismos sintáticos e dos processos de enunciação; - A teoria do discurso como teoria da determinação dos processos semânticos. Intervém uma quarta referência de “uma teoria da subjetividade (de natureza psicanalítica)”. É apontado o que vai estar no centro da proposta: a questão da leitura, na sua ligação com a do sujeito. (MALDIDIER, 2003, p.38).

Orlandi (2006, p.13) salienta, porém, que a AD tem seu método e seu objeto próprio, que se relacionam com a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise, todavia, que não se confundem com eles. Ainda de acordo com a autora (2006, p. 14), a AD constitui-se como uma “disciplina de entremeio”, que se formula na contradição desses três campos do saber:

Podemos, isso sim, dizer que a análise de discurso pressupõe a psicanálise, a linguística e o marxismo. E os pressupõe na medida em que se constitui da relação de três regiões científicas: a da teoria da ideologia, a da teoria da sintaxe e da enunciação, e a teoria do discurso como determinação histórica dos processos de significação. Tudo isso atravessado por uma teoria psicanalítica do sujeito. É este o contexto teórico da análise de discurso. São essas as condições históricas do aparecimento da análise do discurso (ORLANDI, 2006, p. 13).

Após essa breve apresentação da base teórica da Análise de Discurso, passaremos a discorrer sobre nosso dispositivo analítico.

## 1.1 Dispositivo analítico

Orlandi (2015), em seus trabalhos, propõe uma distinção entre dispositivo teórico e dispositivo analítico. Conforme a autora (2015), o primeiro diz respeito à teoria da Análise de Discurso, ao conjunto de seus conceitos, enquanto o segundo consiste no dispositivo teórico já “individualizado” pelo analista, de acordo com a especificidade de sua pesquisa, a partir das questões por ele propostas:

Por isso distinguimos entre o dispositivo teórico da interpretação, tal como o tematizamos, e o dispositivo analítico construído pelo analista a cada análise. Embora o dispositivo teórico encabece o dispositivo analítico, o inclua, quando nos referimos ao dispositivo analítico, estamos pensando no dispositivo teórico já “individualizado” pelo analista em uma análise específica. Daí dizermos que o dispositivo teórico é o mesmo mas os dispositivos analíticos, não. O que define a forma do dispositivo analítico é a questão posta pelo analista, a natureza do material que analisa e a finalidade da análise. (ORLANDI, 2015, p. 25).

O dispositivo analítico selecionado para este trabalho foi mobilizado buscando intentar compreender como a série televisiva “*Quem sou Eu?*” tratou, durante quatro domingos, a transexualidade. As questões que sustentam nossas análises são: como se diz a respeito da transexualidade na série? Por que há a retomada da história “Alice no País das Maravilhas”? Como os direitos dos sujeitos trans são tratados nos episódios? Como esses sujeitos dizem de si? Para intentarmos responder a esses questionamentos, trabalharemos com os seguintes conceitos: condições de produção, posição-sujeito, formações imaginárias, formações discursivas e interdiscurso, corpo, silêncio e esquecimento, intertextualidade e discurso jornalístico.

Para uma exposição mais ampla do nosso *corpus*, que é constituído por 277 sequências discursivas<sup>7</sup>, relativas às transcrições dos 4 episódios da série, nós trazemos, desde já, algumas SDs que selecionamos de forma a explorar com o próprio *corpus* o dispositivo analítico que consideramos pertinente a ser utilizado neste trabalho.

---

<sup>7</sup>Gostaríamos de pontuar que não analisaremos em nosso trabalho todas as sequências discursivas, mas sim, as que apresentam regularidades em relação ao modo como os discursos médico, religioso, jurídico e midiático, expostos na série, tratam a transexualidade.

### 1.1.1 Condições de Produção

Para a compreensão de um discurso, é necessário considerar suas condições de produção. Esse conceito, tal como trabalhado na AD, considera como no discurso se inscreve o ideológico. As condições de produção, então, compreendem os sujeitos e a situação. Essa pode ser trabalhada em 1) Sentido Estrito, que se efetiva no contexto imediato (quem fala, o que, para quem e onde), está relacionada com a superficialidade da materialidade linguística; e em 2) Sentido Amplo, que se concretiza com base no contexto sócio-histórico, ideológico, elementos da nossa forma da sociedade, suas instituições, etc.:

Podemos considerar as Condições de Produção em sentido estrito e temos as circunstâncias da enunciação: é o contexto imediato. E se as considerarmos no sentido amplo as condições de produção incluem o contexto sócio-histórico, ideológico. (ORLANDI, 2015, p. 28-29).

Assim, as Condições de Produção estão relacionadas com a produção de sentidos ou sua ressignificação. Neste trabalho, ao analisarmos a série “Quem sou Eu?” e trabalharmos as condições de produção, em sentido estrito, temos a emissora Rede GLOBO de Televisão e o programa televisivo *Fantástico*, no qual foi transmitida a série, como enunciadores; em relação às condições de produção, em sentido amplo, há a mídia como discurso televisivo e os dizeres sobre gêneros, enfatizando os discursos sobre transexualidade na mídia. Segundo Moraes:

A grande mídia assim opera tanto por adesão ideológica à globalização, quanto por deter a capacidade única de interconectar o planeta, através de malhas de satélites, cabos de fibra óptica e redes infoeletrônicas. Não creio existir outra esfera da vida cotidiana habilitada a interligar, em tempo real e on line, povos, países, sociedades, culturas e economias. A característica integradora é algo peculiar e intrínseco aos complexos de difusão. Eles concatenam, simbolicamente, as partes das totalidades, procurando unificá-las em torno de determinadas significações. (MORAES, 2001, s.p.)

É nesse contexto da globalização que a mídia vai operando, transmitindo e, ao mesmo tempo, integrando os sujeitos e assujeitando-os, pois estão constantemente expostos a dizeres que os afetam e os constituem. Em um século

de inovação tecnológica e informatização, como o século XXI, a mídia, como um aparelho ideológico, contribui para o assujeitamento ideológico de cada sujeito e da sociedade, de um modo geral.

Para intentarmos compreender esse funcionamento das condições de produção, observemos as seguintes Sequências Discursivas<sup>8</sup>, que foram transcritas da série<sup>9</sup>:

SD126 Poliana Abritta: nos últimos dois domingos, a gente mostrou **aqui** como é difícil nascer com o corpo de uma mulher e pensar como um homem, ou o contrário, se sentir mulher, mas ver a imagem de um homem no espelho.

SD001 Tadeu Schmidt: no dicionário, a palavra trans significa além de; gênero é o que identifica e diferencia homens e mulheres, ou seja, o gênero masculino e o gênero feminino, e transgêneros são aqueles que vão além do simples conceito de masculino e feminino.

Na SD 126, temos materializada a palavra “aqui”, a qual demarca o lugar no qual a série foi transmitida. A Rede GLOBO faz parte de uma rede de televisão comercial aberta brasileira e tem a sua sede na cidade do Rio de Janeiro. É assistida por mais de 200 milhões de pessoas diariamente, estejam no Brasil ou no exterior, por meio da TV Globo Internacional. A emissora alcança 98,56% do território brasileiro, portanto, quase toda a população geral brasileira. A empresa faz parte do Grupo Globo, um dos maiores conglomerados de mídia do planeta<sup>10</sup>. Por ser a maior rede de televisão do país e uma das maiores do mundo, a emissora possui grande capacidade de fazer circular dizeres sobre a cultura, a política e a opinião pública. Como afirma Dela-Silva:

---

<sup>8</sup>Embora saibamos que essa discussão poderia estar em outra seção da dissertação, resolvemos apresentar os dados, por meio dos gráficos, na introdução, pois nos ajudam a compreender os diversos silenciamentos que a série fez funcionar, tais como a transfobia e o alto assassinato dos sujeitos trans. Esses gráficos marcam como o Brasil ainda é violento quando o assunto é a transexualidade.

<sup>9</sup>É importante salientar que não seguimos a ordem cronológica em que as sequências (discursivas) aparecem na série. Escolhemos expô-las a partir de nosso gesto no batimento entre teoria e análise, com a finalidade de sustentarem nossa apresentação dos conceitos teóricos mobilizados.

<sup>10</sup> Informações disponíveis em: <http://historiagrupoglobo.globo.com/hgg/index.htm>. Acesso em 12 nov. 2018 às 09:32.

Para compreender como a televisão em seu discurso constitui realidade e ficção faz-se necessário a consideração da tecnologia voltada à comunicação não como um simples meio de transmissão de informação, destinado a levar as mensagens produzidas ao público telespectador, mas como integrante das condições de produção dos discursos que se constituem em um determinado momento histórico. Como em toda produção discursiva, a televisão, nos diferentes programas, produz sentidos a partir da seleção de elementos apropriados aos seus objetivos, servindo-se de modos de argumentação específicos para reproduzir a realidade, no telejornalismo, ou para imitá-la, no caso da telenovela. (DELA-SILVA, 2004, p. 12-13)

Desde a sua fundação, a Rede GLOBO possui um vasto histórico de controvérsias em suas relações com a sociedade brasileira, que vão desde seu apoio ao Golpe Militar de 1964 até a influência e persuasão em eleições presidenciais do período democrático, a exemplo de 1989, e ao processo de golpe/impeachment de 2016.

Logo, percebemos que a mídia, como um aparelho ideológico, tem uma responsabilidade social, pois afeta, por um funcionamento ideológico, os sujeitos. Como nos aponta Lima:

A responsabilidade social se baseia na crença individualista de que qualquer um que goze de liberdade tem certas obrigações para com a sociedade, daí seu caráter normativo. Na sua aplicação à mídia, é uma evolução de outra teoria da imprensa – a teoria libertária – que não tinha como referência a garantia de um fluxo de informação em nome do interesse público. A teoria da responsabilidade social, ao contrário, aceita que a mídia deve servir ao sistema econômico e buscar a obtenção do lucro, mas subordina essas funções à promoção do processo democrático e à informação do público (“o público tem o direito de saber”) (LIMA, 2009, s.p.).

O *Fantástico*, originalmente *Fantástico: O Show da Vida*, um programa brasileiro de televisão, apresentado aos domingos pela Rede GLOBO de Televisão, teve sua estreia em 5 de agosto de 1973. Tal programa foi criado por José Bonifácio de Oliveira Sobrinho, o Boni, e outros colaboradores, num formato de revista eletrônica. A música de abertura é de autoria de Guto Graça Mello, com letra de Boni. Atualmente, Tadeu Schmidt e Poliana Abritta apresentam o Show da Vida. O

programa é reprisado pelo canal Globo News e o seu site disponibiliza grande parte do conteúdo veiculado<sup>11</sup>.

Na SD 001, que é a primeira frase da série, ou seja, o enunciado de abertura, Tadeu Schmidt traz um dizer sobre gênero dicionarizado e uma breve contextualização sobre o assunto abordado na série, a transexualidade/transgeneriedade, discurso no qual ele já evidencia que há diferença entre os gêneros, as quais vão além do biológico e físico, pois esses sujeitos, os transexuais, são constituídos e construídos socialmente.

Portanto, buscaremos refletir sobre como o contexto sócio-histórico-ideológico sustenta os dizeres produzidos pela série televisiva “Quem sou eu?” acerca dos sujeitos trans e dizem sobre a sociedade que assiste a TV aos domingos.

### 1.1.2 A posição sujeito

O assujeitamento, para a AD, é a própria possibilidade de ser sujeito. Essa é a contradição que o constitui: ele está sujeito à (língua) para ser sujeito de (o que diz). Sendo assim, a ideologia interpela o indivíduo em sujeito, o qual se submete à língua, significando e significando-se pelo simbólico na história. Dessa forma, reiteram Pêcheux e Fuchs ([1969] 1997, p. 162):

O funcionamento da Ideologia em geral como interpelação dos indivíduos em sujeito (e, especificamente, em sujeitos de seu discurso) se realiza através do complexo das formações ideológicas (e especificamente, através do interdiscurso intrincado nesse complexo) e fornece “a cada sujeito” sua “realidade”, enquanto sistemas de evidências e significações percebidas – aceitas – experimentadas.

O paradoxo pelo qual o sujeito é chamado à existência forma-se em torno da interpretação de que “a Ideologia interpela os indivíduos em sujeito” (ALTHUSSER, 1985) que tem sempre “um efeito retroativo que faz com que o indivíduo seja sempre-já-sujeito”, pois “o sujeito é desde sempre um indivíduo interpelado em sujeito” (PÊCHEUX, [1975] 1995, p. 141). A interpelação ocorre de:

---

<sup>11</sup> Informações disponíveis em: <http://memoriaglobo.globo.com/programas/jornalismo/programas-jornalisticos/fantastico/evolucao.htm>. Acesso em 12 nov. 2018 às 09:32.

[...] tal modo que cada um seja conduzido, sem se dar conta, e tendo a impressão de estar exercendo sua livre vontade, a ocupar o seu lugar em uma ou outra das duas classes sociais antagonistas do modo de produção (ou naquela categoria, camada ou fração de classe ligada a uma delas (PÉCHEUX, FUCHS, 1997, p. 166)

Orlandi (2010, p. 04) propõe a seguinte representação, em que se pode observar o modo como a ideologia interpela os indivíduos e os constitui como sujeito:



Figura 1: A interpelação do indivíduo em sujeito (ORLANDI, 2010, p. 04) <sup>12</sup>

Salienta Orlandi (2010, p. 04), ao teorizar sobre a constituição do sujeito, dois movimentos, observados na representação:

Um primeiro movimento em que temos a interpelação do indivíduo em sujeito, pela ideologia, no simbólico, constituindo a forma-sujeito-histórica. Em seguida, com esta forma-sujeito histórica já constituída dá-se então o que considero como processo de individuação do sujeito. A noção de sujeito individuado não é psicológica mas política, ou seja, a relação indivíduo-sociedade é uma relação política.

A forma-histórica do sujeito atual representa-se em uma contradição. Ele é um sujeito ao mesmo tempo livre e submisso; retomando as palavras de Orlandi (2010, p. 04), é “um sujeito capaz de uma liberdade ilimitada e uma submissão sem falhas, na qual pode dizer tudo, desde que se submeta à língua para sabê-la”. Desse modo, pode-se perceber que a AD busca compreender o processo de assujeitamento ao Outro, em termos do modo de inscrição da interpelação pela ideologia. Sendo assim,

<sup>12</sup> É importante pontuar que esse esquema, proposto por Orlandi (2010), tem recebido algumas críticas. Contudo, para as nossas análises, ele é considerado, pois nos permite refletir acerca do processo de individuação do sujeito (trans) pelo Aparelho Ideológico Mídia.

o sujeito da AD não é o sujeito empírico, mas a posição sujeito projetada no discurso. Isto é, há em toda língua mecanismos de projeção que permitem passar da situação sujeito para posição-sujeito no discurso. Nos dizeres de Orlandi (1999, s.p.):

Pensando-se a subjetividade podemos então observar os sentidos possíveis que estão em jogo em uma posição-sujeito dada. Isso porque, o sujeito, na análise de discurso, é posição entre outras, subjetivando-se na medida mesmo em que se projeta de sua situação (lugar) no mundo para a sua posição no discurso. Essa projeção-material transforma a situação social (empírica) em posição sujeito (discursiva).

Para compreender melhor a questão da subjetividade, trazemos uma SD:

SD035 Pai de criança trans 2: eu, como pai, eu olhava, e eu achava assim, eu falava meu, que, que, que é **isso**? Ele deve tá copiando algum personagem de desenho, eu achava que eu tava criando errado e que eu tinha que mudar, porque você escuta, oh! Dá boneca pra menina e dá carrinho pra menino.

Na SD 035, a fala do pai de uma criança transexual, o qual já enuncia sua posição-sujeito, Pai (“eu como pai”), remete-o aos conceitos e funções engendradas pela sociedade do ser pai, tais como ser responsável pelo sustento do filho, fazer do filho um “machão”, que “pegue várias mulheres”, no caso da criança menino, que “comece desde cedo a olhar para as meninas”. Há uma demarcação, inclusive, sobre os brinquedos; existem os brinquedos que são para meninos, especificamente, e brinquedos que são para meninas, entre outros dizeres que surgem em virtude das construções sociais engendradas para determinado gênero e para a sociedade sobre ser pai, pois, necessariamente, precisa ser homem, com as características citadas anteriormente, que refletem um pouco do que a sociedade diz ser do homem. Ao se referir ao filho/a usando o adjetivo “isso”, o próprio pai produz um sentido de estranhamento do que é um sujeito trans, algo que não é conhecido, é isso, mas não tem um nome.

Para compreendermos esse processo de subjetivação, consideramos o que nos diz Pêcheux (2015, p. 217) acerca da teoria do discurso em sua relação com a teoria da subjetividade “enquanto teoria das representações das quais o sujeito é

suporte”, ou seja, o sujeito é já-sujeito, interpelado por um pré-construído e, por isso, assume uma (pré)determinada posição(sujeito).

A questão crucial para a análise de discurso é a do estatuto do sujeito enunciativo, na fala e na escrita, na escuta e na leitura: na medida em que ela se alinha entre as disciplinas de interpretação, colocando em causa a existência de um metadiscurso do sentido sobre os discursos, a análise de discurso não pode se satisfazer com a concepção do sujeito cognitivo epistêmico, “mestre em seu domínio” e estratégico em seus atos (face as coerções bio-sociológicas); ela supõe a divisão do sujeito como marca da sua inscrição no campo do simbólico. (PÊCHEUX, 2015, p.229-230).

Logo, todo e qualquer sujeito é constituído/interpelado pelo simbólico: “o simbólico faz do homem um animal fundamentalmente regido, subvertido pela linguagem, o que determina as formas de seu vínculo social e principalmente suas escolhas sexuais” (OCARIZ, 2003, p.103) e acionado pelo inconsciente, ou seja, ele não tem domínio sobre seus discursos; trata-se de um sujeito que é constituído e afetado pelo Outro, que ressignifica sentidos e que é interpelado em sujeito pela(s) ideologia(s).

O que se estabelece quando pensamos a própria produção dos sujeitos e dos sentidos. Inverte-se o polo de observação: não se parte dos sentidos produzidos, observa-se o modo de produção de sentidos e da constituição dos sujeitos. E aí não se pode prescindir, de um lado, da linguagem, de outro, da ideologia. Não como ocultação da realidade, mas como princípio mesmo de sua constituição. As chamadas evidências que estão sempre já-lá. (MALDIDIÉ, 2003, p.12).

Essas evidências do já-lá aparecem em nosso trabalho nas demandas por posições-sujeito, conforme o que é esperado daquele sujeito ser (menina, menino, mulher cis, mulher trans, etc.). Assim, mobilizando a noção de posição-sujeito, pretendemos analisar como na série “*Quem sou eu?*” as diferentes posições-sujeito de mãe, pai, filho, filha, homem, mulher, transexual, transgênero emergem e fazem falar acerca da transexualidade e da constituição da subjetividade do/da trans, às vezes, como se essa constituição fosse evidente, estivesse sempre já-lá.

### 1.1.3 Formações Imaginárias

As Formações Imaginárias estão relacionadas com os mecanismos que possibilitam o funcionamento do discurso. “Assim não são os sujeitos físicos nem os seus lugares empíricos como tal, isto é, como estão inscritos na sociedade, e que poderiam ser sociologicamente descritos, que funcionam no discurso, mas suas imagens que resultam de projeções” (ORLANDI, 2015, p.38). Sobre as formações imaginárias, Pêcheux afirma que:

Nossa hipótese é que esses lugares estão representados nos processos discursivos em que são colocados em jogo. Entretanto, seria ingênuo supor que o lugar como feixe de traços objetivos funciona como tal no interior do processo discursivo; ele se encontra aí representado, isto é, presente, mas transformado; em outros termos, o que funciona nos processos discursivos é uma série de formações imaginárias que designam o lugar que A e B se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro (PÊCHEUX, 1997, p. 82).

Essas são as imagens que sujeito A e sujeito B fazem de si; a imagem que fazem um do outro são constituídas pelo inconsciente:

As condições de produção implicam o que é material (a língua sujeita a equívoco e a historicidade), o que é institucional (a forma-social em sua ordem) e o mecanismo imaginário. Esse mecanismo produz imagens dos sujeitos, assim como todo objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. Temos assim a imagem da posição sujeito locutor (quem sou eu para lhe falar assim?) mas também da posição sujeito interlocutor (quem é ele para me falar assim, ou para que eu lhe fale assim?), e também a do objeto do discurso (do que estou lhe falando, do que ele me fala?). É pois todo um jogo imaginário que preside a troca de palavras. E se fazemos intervir a antecipação, este jogo fica ainda mais complexo pois incluirá: a imagem que o locutor faz da imagem que seu interlocutor faz dele, a imagem que o interlocutor faz da imagem que ele faz do objeto do discurso e assim por diante. (ORLANDI, 2015, p.38)

Para melhor esboçar as formações imaginárias, trouxemos uma sequência discursiva, selecionada das transcrições da série “*Quem sou eu?*”:

SD 010 Entrevistada mulher trans2: A parte mais difícil da infância é que eu já sabia que **era mulher, mas as pessoas não me viam assim.**

Na SD 010, a qual traz a fala de uma mulher transexual, com o nome não identificado, a entrevistada diz: “era mulher, mas as pessoas não me viam assim”. A

locutora (Entrevistada mulher trans<sup>2</sup>) exemplifica, assim, o conceito de formação imaginária no enunciado destacado por nós, na SD010, uma vez que retoma a memória da imagem do que é ser uma mulher (imagem que ela faz de si) ao dizer “era mulher”; recupera a imagem que as pessoas formulam sobre ela (imagem que o outro faz dela) ao dizer “mas as pessoas não me viam assim”, que funciona como um mecanismo de antecipação:

Em toda língua há regras de projeção que permitem ao sujeito passar da situação (empírica) para a posição (discursiva). O que significa no discurso são essas posições. E elas significam em relação ao contexto sócio-histórico e a memória (o saber discursivo, o já-dito) (ORLANDI, 2015, p.38).

Esse mecanismo imaginário produz imagens dos sujeitos, assim como do objeto do discurso, dentro de uma conjuntura sócio-histórica. De acordo com Orlandi (2002, p. 42):

O imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não “brota” do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa por relações de poder. [A imagem] se constitui nesse confronto do simbólico com o político, em processos que ligam discursos e instituições.

Portanto, as formações imaginárias estão permeadas pelas relações de poder e por sentidos estabilizados acerca dos sujeitos. Essas formações estão condicionadas às imagens que são produzidas em um determinado contexto histórico-social, pois o imaginário está presente, é constitutivo e essencial no funcionamento da linguagem. Há, como mostraremos em nossas análises, diferentes imagens que a sociedade faz do sujeito trans, que esse sujeito faz de si e da sociedade, as quais estão em constante funcionamento nas relações sociais.

#### 1.1.4 Formações Discursivas e Interdiscurso

Para compreender os sentidos produzidos pelos discursos e sua relação com a ideologia, é necessária a noção de formação discursiva. Segundo Orlandi (2002, p. 43): “A formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica

dada – determina o que pode e deve ser dito”. Isto é, as palavras filiam-se a sentidos, segundo as posições discursivas daqueles que as empregam. Explicita Orlandi (2002, p.43):

O discurso se constitui em seus sentidos porque aquilo que o sujeito diz se inscreve em uma formação discursiva e não outra para ter um sentido e não outro. Por aí podemos perceber que as palavras não têm um sentido nelas mesmas, elas derivam seus sentidos das formações discursivas, que por sua vez, representam no discurso as formações ideológicas. Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente. Não há sentido que não o seja. Tudo o que dizemos tem, pois, um traço ideológico em relação a outros traços ideológicos. E isto não está na essência das palavras mas na discursividade, isto é, na maneira como, no discurso, a ideologia produz seus efeitos, materializando-se nele. O estudo do discurso explicita a maneira como a linguagem e ideologia se articulam, se afetam em sua relação recíproca.

Ao conceito de formações discursivas, encontramos entrelaçado o conceito de Formações Ideológicas (FIs):

Dito de outro modo, a espécie discursiva pertence, assim pensamos, ao gênero ideológico, o que é o mesmo que dizer que as formações ideológicas que acabamos de falar “comportam necessariamente, como um de seus componentes, uma ou várias formações discursivas interligadas que determinam o que pode e deve ser dito (articulado sobre a forma de um harenga, um sermão, um panfleto, uma exposição, um programa, etc) a partir de uma posição dada numa conjuntura, isto é numa certa relação de lugares no interior de um aparelho ideológico, e inscrita numa relação de classes. (PÊCHEUX, FUCHS,1997, p.166-167)

A formação ideológica, portanto, é constituída por uma ou mais formações discursivas, as quais possuem uma relação, uma memória, e por assim ser, traz consigo aquilo que pode e deve ser dito, a partir de uma determinada posição, instaurada por uma conjuntura já dada.

As Formações Discursivas estão em funcionamento nos discursos transmitidos pela série “*Quem sou Eu?*”. As formações discursivas na série, de modo bem resumido, ao retomarem uma memória discursiva, o interdiscurso, denunciam a inscrição do sujeito em uma determinada ideologia, inscrevendo o sujeito trans no discurso médico, como doente; no discurso religioso, como pecado; no discurso amoroso, como anormal; e no discurso midiático, como espetáculo.

Assim sendo, as formações discursivas agrupam-se por terem entre si alguma relação, mas estão referenciando a um interdiscurso, ou seja, a uma memória discursiva que reúne um conjunto de já-ditos que sustentam os dizeres; logo, os sujeitos encontram-se imersos em um saber discursivo que já está dado, não é aprendido e que transparece seus efeitos por meio do inconsciente e das ideologias que envolvem os sujeitos:

[...] o interdiscurso, longe de ser efeito integrador da discursividade torna-se desde então seu princípio de funcionamento: é porque os elementos da sequência textual, funcionando em uma formação discursiva dada, podem ser importados (meta-forizados) de uma sequência pertencente a uma outra formação discursiva que as referências discursivas podem se construir e se deslocar historicamente.(PÊCHEUX, 2015, p.158).

Ao falar sobre interdiscurso, Pêcheux (1999) traz o conceito de memória, entendendo que é um espaço móvel e de divisões, disjunções, deslocamentos e retomadas, dos conflitos e das regularidades entre eles; um lugar no qual há desdobramentos, repetições, reproduções e contradiscursos, portanto, os sentidos são determinados pelo funcionamento da memória. Nas palavras de Maldidier (2003, p. 51):

O conceito de interdiscurso cuja “objetividade material [...] reside no fato de que ‘isto fala’ sempre ‘antes, em outro lugar e independentemente’”. Mas o interdiscurso não é a designação banal dos discursos que existiram antes nem a ideia de algo comum a todos dos discursos. Em uma linguagem estritamente althusseriana, ele é “o todo complexo a dominante” das formações discursivas, intrincado no complexo das formações ideológicas, e “submetido à lei de desigualdade-contradição-subordinação”. Em outros termos, o interdiscurso designa o espaço discursivo e ideológico no qual se desdobram as formações discursivas em função das relações de dominação, subordinação, contradição.

Assim, Pêcheux (1995) diz que a formação discursiva não é e não possui uma estrutura fechada, logo, capta elementos discursivos de outros lugares e com outras estruturas. Ainda, pensando sobre esse conceito de interdiscurso, o autor atenta para o conceito de pré-construído, que é aquilo que já foi dito/dado em outro lugar, em outro contexto histórico e, por assim ser, os deslocamentos são possíveis por essa relação das formações discursivas, que recorrem ao interdiscurso, que têm relação com o pré-construído. Tais considerações Pêcheux evidencia juntamente

com Henry para pensar o intradiscurso: “toda a reflexão feita com Paul Henry sobre o pré-construído mostrava os traços no discurso de elementos discursivos anteriores cujo enunciador foi esquecido” (MALDIDIER, 2003, p.51).

Desse modo, Pêcheux e Henry entendem que o interdiscurso é constituído por aquilo que já foi dito, como aquilo que fala, aconteceu antes, em um lugar diferente e que é independente; assim, “o intradiscurso só pode ser pensado como o lugar em que a forma-sujeito tende a “absorver-esquecer o interdiscurso no intradiscurso” (MALDIDIER, 2003, p.54). O interdiscurso materializa-se nas relações sintáticas, que retomam os já-ditos, porém, esquecidos por aquele que enuncia. Já o intradiscurso, seria uma reinscrição, despercebida, dos componentes do interdiscurso, ou seja, aquilo que já foi dito, atravessado pelo dito, de maneira que não seja perceptível.

Trata-se do conceito de “intradiscurso”, definido como o “funcionamento do discurso em relação a ele mesmo (o que eu digo agora, em relação ao que disse antes e ao que direi depois), logo o conjunto de fenômenos de “co-referência” que asseguram o que podemos chamar o “fio do discurso”, enquanto discurso de um sujeito”. O intradiscurso só pode ser compreendido na relação com o interdiscurso. (MALDIDIER, 2003, p.54).

O intradiscurso pode ser entendido como uma parte do discurso que foi retomado de outro discurso do sujeito que fala, recuperando os efeitos do interdiscurso, expressando sua interioridade, ou seja, o intradiscurso é uma marcação do que o sujeito está dizendo sobre sua relação consigo mesmo, relação que se efetiva com os pré-construídos e os construídos; assim, ao ser encontrado em uma formação discursiva que o identifica, o sujeito produz os discursos que lhe são convenientes por estarem inscritos em uma determinada formação discursiva. Ainda sobre o interdiscurso, faz referência àquilo que já foi dito, que está na regulamentação das fronteiras das formações discursivas, as quais possibilitam apagamentos, esquecimentos, paráfrases.

Parafrazeando Orlandi (2015), para compreendermos melhor, pensemos que o interdiscurso seria uma linha vertical, que representa a propriedade daquilo que já foi dito; e o intradiscurso, uma linha horizontal, representando o que se diz, que se está dizendo; a intersecção entre essas duas linhas representaria o dizível. Assim, Pêcheux (1995) postula sua teoria, afirmando que o discurso é o lugar de

materialização da ideologia ou das ideologias. O autor também concebe o sujeito como aquele que se constitui no processo de interpelação, o qual é assujeitado pelos processos históricos que falam sobre ele, antes dele mesmo.

Em nosso trabalho, o interdiscurso e o intradiscurso são conceitos que se fazem presentes, pensando que a série é narrada na atualidade, fazendo uma ancoragem com a história infantil de *Alice no País das Maravilhas*; dessa forma, ao retomar a história, há uma reformulação dos dizeres para que se signifiquem com o tema da transexualidade na atualidade, também funcionando interdiscursivamente por dizeres de outros lugares, como o discurso da medicina, da religiosidade, o discurso legal e o midiático.

#### 1.1.5 Intertextualidade

O conceito de intertextualidade será abordado neste trabalho, pois a série analisada, “Quem sou Eu?”, é narrada sendo relacionada com a história infantil de *Alice no País das Maravilhas*.

A intertextualidade ocorre quando existe discursivamente uma referência explícita ou implícita de um texto em outro, por isso, sempre que uma obra faz alusão/referência à outra, entende-se como intertextualidade.

As relações intertextuais relacionam um texto com outros textos. Estamos aqui face ao que já estamos habituados a nomear de intertextualidade. Entendo por intertextualidade a retomada/releitura que um texto produz sobre outro texto, dele apropriando-se para transformá-lo e/ou assimilá-lo. Dito de outra forma, o processo de intertextualidade lança o texto a uma origem possível. Deslocando esta noção, que nasce na literatura, para a análise do discurso, a intertextualidade aponta não apenas para o efeito de origem de um texto, mas também para outros textos que ainda estão por surgir e que se inscrevem na mesma matriz de sentido. (INDURSKY, 2006, p.70)

Para compreender melhor o intertexto, nós selecionamos a seguinte sequência discursiva:

SD015 Renata Ceribelli: **Alice no país das maravilhas, quem nunca ouviu falar desse livro?** Ele foi escrito há 152 anos pelo inglês Lewis Carroll e já foi recontado inúmeras vezes das mais diferentes formas. A partir de hoje, nós vamos mostrar essa história pelo olhar da Alice; **ela vai representar todas essas pessoas que**

**sentem que nasceram no corpo errado e estão em busca de sua identidade.** Tudo começa numa corrida contra o tempo. Alice quer alcançar o coelho branco e seu relógio; os transgêneros também têm pressa, pressa em responder a uma única pergunta: Quem sou eu? Melissa tem 11 anos, adora o apelido que ela mesma criou, Mel. Desde quando você passou a não gostar que te chamassem de Miguel?

Na SD 015, nós selecionamos duas partes para dizer sobre o intertexto. Na primeira frase selecionada: “Alice no país das maravilhas, quem nunca ouviu falar desse livro?”, a locutora retoma a memória de um texto já existente, que é mundialmente conhecido como uma história infantil e remete a pensar que servirá como ancoragem para a narração da série que apresentou. Já na segunda frase selecionada, “ela vai representar todas essas pessoas que sentem que nasceram no corpo errado e estão em busca de sua identidade”, a locutora está explicitamente inscrita em formações discursivas que não legitimam e reconhecem o sujeito trans, as quais falam ideologicamente sobre os já-ditos e pré-construídos sobre o sujeito transexual. Dessa forma, afirmam sobre o corpo desses sujeitos como os que não conhecem sua identidade, corroborando uma ideologia de contradição sobre esse sujeito.

Como afirma Indursky (2006, p.70): “As relações textuais são aquelas produzidas no interior do texto e são resultantes do trabalho de textualização realizado pelo sujeito que se encontra no exercício da função-autor”. Assim, a intertextualidade assemelha-se a um trabalho de costura, pois o sujeito faz recortes discursivos que originam de um interdiscurso.

Retomaremos, no capítulo de análises, como essa relação intertextual efetiva-se e sustenta dizeres e sentidos sobre o sujeito trans.

#### 1.1.6 Corpo

“Enquanto corpo simbólico, corpo de um sujeito, ele é produzido em um processo que é um processo de significação, onde trabalha a ideologia, cuja materialidade específica é o discurso” (ORLANDI, 2012, p.16). Essa afirmação de Orlandi sobre o corpo do sujeito e sua constituição como processo de significação traz luz às nossas reflexões sobre o sentido de corpo e o corpo produzindo sentidos, em um processo discursivo de produção de sentidos.

As questões relacionadas ao corpo do sujeito transexual são precursoras de várias discussões e decisões que envolvem esses sujeitos. Nessa perspectiva, sobre o corpo e a sua constituição como processo de (re)significação dos sujeitos, Orlandi nos diz:

Levei em conta, ao pensar o sujeito, em sua materialidade, significando-o e significando-se no espaço urbano, que havia uma especificidade em seu processo de significação que se relacionava fortemente ao seu corpo. Havia, por exemplo, marcas produzidas pela inserção do sujeito com sua materialidade em um outro espaço de significação: o urbano e o rural. A interpelação do indivíduo em sujeito pela ideologia produz uma forma sujeito histórica com seu corpo. Há, eu diria, uma forma histórica (e social) o corpo, se pensamos o corpo do sujeito. (ORLANDI, 2012, p.17)

Vejamos a seguinte sequência discursiva:

SD121 Andreia mulher trans: eu tinha né, algumas paixões minhas, que não dariam certo né, agora que eu realmente já me sinto, né? **Relativamente confortável com meu corpo**, eu já me sinto muito mais preparada pra ter um relacionamento, eu não teria mais o mesmo desconforto que eu teria antes em deixar alguém tocar o meu corpo realmente.

Na SD 121, na parte destacada “Relativamente confortável com meu corpo”, Andreia, uma mulher transexual, fala sobre a questão de estar bem com o próprio corpo, o qual ela foi constituindo num processo histórico-ideológico-social, que a representa e também diz sobre ter um determinado tipo de corpo para que alguém possa tocar - convencionalizado como feminino, socialmente. Ao utilizar-se da palavra “relativamente”, ela está se comparando, se relacionando a algo, nesse caso, a um padrão, portanto, relativamente, ao que é esperado para o corpo feminino, ela estaria confortável: “todas as funções do corpo feminino são controladas e reguladas pelo patriarcado, transformando o corpo em um objeto de exploração (sexual, econômica, familiar)” (PEREIRA, 2017, p.99).

Esse viés da exploração é abordado pela série, uma vez que os próprios sujeitos entrevistados fazem relatos sobre a prostituição, como principal alternativa para a sobrevivência, que se torna um meio de exploração desse sujeito, um corpo que é vendido e, conseqüentemente, explorado.

Portanto, partindo desse conceito, analisaremos em nosso trabalho como o corpo do sujeito trans é colocado em evidência para dizer sobre esse sujeito e para fazer com que esse sujeito também diga de si e do modo como relaciona (seja, algumas vezes, por intervenções cirúrgicas) com esse seu corpo que nem sempre é reconhecido e legitimado na sociedade, a qual tem a heteronormatividade como estrutura significante.

#### 1.1.7 Esquecimento e Silêncio

Orlandi afirma que “o real da significação é o silêncio. E como nosso objeto de reflexão é o discurso, chegamos a uma outra afirmação que sucede essa: o silêncio é o real do discurso” (ORLANDI, 2007, p.29). Desse modo, conforme a autora (ORLANDI, 2007, p. 29), o homem está condicionado a significar, portanto, com ou sem palavras, ele está sujeito à interpretação.

Com base no silêncio, também é possível significar, pois tal recurso veio antes da própria linguagem: “Quando o homem em sua história, percebeu o silêncio como significação, criou a linguagem para conhecê-lo. O ato de falar é o de separar, distinguir e, paradoxalmente, vislumbrar o silêncio e evitá-lo” (ORLANDI, 2007, p.27).

O sujeito pode ser silenciado pelo próprio discurso ou pela ausência dele, porém, esse sujeito permanece, jamais deixará de ser ressignificado, pois, silenciado ou não, estará produzindo dizeres e sentidos.

Diferentemente do silêncio, a autora ainda traz considerações sobre as duas formas de esquecimento e diz sobre o esquecimento nº 2: “que é da ordem da enunciação: ao falarmos, o fazemos de uma maneira e não de outra, e, ao longo de nosso dizer, formam-se famílias parafrásticas que indicam que o dizer sempre podia ser outro” (ORLANDI, 2015, p.33); e sobre o esquecimento nº 1: “o outro esquecimento é o esquecimento número um, também chamado esquecimento ideológico: ele é da instância do inconsciente e resulta do modo pelo qual somos afetados pela ideologia” (ORLANDI, 2015, p.33).

Na SD 065, temos:

SD 065 Renata Ceribelli: o bloqueio hormonal é a primeira fase do **tratamento**; o objetivo é adiar a puberdade **até que médicos e psicólogos possam dizer seguramente que aquela pessoa é trans**. O Conselho Federal de Medicina permite que seja feito em

crianças a partir de 12 anos de idade e só depois, por volta dos 16 anos, é que o adolescente trans pode começar a tomar hormônios. Agora por que precisa bloquear e não já entrar com tratamento hormonal direto?

Na parte destacada, é reforçada a ideia de que esse sujeito não sabe sobre si e não é capaz de dizer sobre si, assim, é dito e interdito por um outro sujeito e até mesmo por instituições, no caso citado acima, o Conselho Federal de Medicina; mas há um silenciamento do sujeito trans, que é dito por todos, menos por ele mesmo, em função de ideologias que constituem a sociedade:

Constata-se, com efeito, que o sujeito não pode penetrar conscientemente na zona nº2 e que ele o faz em realidade constantemente por um retorno de seu discurso sobre si, uma antecipação de seu efeito, e pela consideração da defasagem que aí introduz o discurso de um outro. Na medida em que o sujeito se corrige para explicar a si próprio o que disse, para aprofundar “o que pensa” e formulá-lo mais adequadamente, pode se dizer que esta zona nº 2, que é a dos processos de enunciação, se caracteriza por um funcionamento do tipo pré-consciente/consciente. Por oposição, o esquecimento nº 1, cuja zona é inacessível ao sujeito, precisamente por esta razão, aparece como constitutivo da subjetividade na língua. Desta maneira, pode adiantar que este recalque (tendo ao mesmo tempo como objeto o próprio processo discursivo e o interdiscurso, ao qual ele se articula por relações de contradição, de submissão ou de usurpação) é da natureza inconsciente, no sentido em que a ideologia é constitutivamente inconsciente dela mesma. (PÊCHEUX, FUCHS, 1997, p.177).

Pêcheux e Fuchs (1997) nos trazem a conceituação sobre os esquecimentos, dizendo que o esquecimento nº 2 é aquele da ordem do que pode ser enunciado e porque é enunciado de tal forma, com aquelas palavras e não outras. Como exemplo, na SD 065, é utilizada a palavra “tratamento” para se referenciar ao processo transexualizador do sujeito, uma vez que a transexualidade se encontra no rol de doenças relacionadas a transtornos mentais sobre a sexualidade, evitando, dessa forma, não chamar o sujeito trans diretamente de doente mental. “O esquecimento número 2” designa a zona em que o sujeito enunciador se move, em que ele constitui seu enunciado, colocando as fronteiras entre o “dito” e o rejeitado, o “não-dito” (MALDIDIER, 2003, p.42).

Já sobre o esquecimento nº 1, é da ordem do inconsciente. “No “esquecimento número 1”, o sujeito “esquece” ou, em outras palavras, recalca que o sentido se forma em um processo que lhe é exterior: a zona do “esquecimento

número 1” é, por definição, inacessível ao sujeito” (MALDIDIER, 2003, p.42); assim, por isso, é constituído no campo do ideológico. Como dito anteriormente, a transexualidade ainda é considerada<sup>13</sup> doença, por isso, está condicionada ao discurso médico patologizante e diversos outros discursos, como mostraremos neste trabalho.

#### 1.1.8 Discurso Jornalístico

O discurso jornalístico, considerado aqui também televisivo e midiático, é componente do nosso trabalho, pois a série, a qual analisaremos, foi transmitida em um programa televisivo. Para corroborar as reflexões acerca desse tipo de discurso, retomamos as discussões desenvolvidas por Dela-Silva (2004).

Para a autora:

Os discursos da telenovela e do telejornal como conhecidos hoje resultam de condições de produção específicas da televisão no Brasil, que reúnem as características das narrativas de ficção e da transmissão dos acontecimentos contemporâneos e os interesses mercadológicos da produção televisiva enquanto prática empresarial. As origens do discurso televisivo no país estão relacionadas ao início das transmissões pelas emissoras de televisão, na década de 50. Com a primeira transmissão em 1926, na Europa, a nova tecnologia que reúne som e imagens foi trazida para o Brasil pelo empresário Assis Chateaubriand em 1950, tendo como objetivo oferecer opções de entretenimento à população e ampliar o mercado das comunicações no país. A primeira emissora, a TV Tupi, foi inaugurada em 8 de setembro de 1950 e as primeiras transmissões privilegiavam o entretenimento, com a apresentação de shows de variedade e programas infantis. (DELA-SILVA, 2004, p.17).

Em virtude disso, o discurso televisivo constitui-se em função do telespectador, moldando-se para que determinado discurso produza um sentido, porém, não se pode ter controle sobre o sentido produzido. Quando se fala em sentido do discurso é, então, nessa perspectiva, que o discurso televisivo se vale do contexto sócio-histórico-ideológico para conquistar o telespectador.

---

<sup>13</sup> Na formulação, enquanto discurso, aparecia, no intradiscurso, como doença; no entanto, no ano de 2018, a questão da despatologização dos “transtornos das identidades de gêneros” é retomada nos círculos médicos, midiáticos e, então, a transexualidade não é mais considerada doença, passível de cura.

Nessa perspectiva midiática de conquista do telespectador, que não deixa de ser uma corrida de mercado e política, no sentido de que uma emissora se faz, constitui e permanece por conta de ter uma audiência considerável - e a Rede Globo, como já destacado, tem essa audiência -, a emissora ocupou-se em mostrar o tema da transexualidade, por estar no centro das discussões atuais e, ao se propor a transmitir dizeres sobre o sujeito transexual, ela espera reafirmar-se dentro do mercado atual consumidor e transmitir sentidos sobre o político da transexualidade, como ressalta Mariani:

Nos dias de hoje, não se nega mais a atuação da mídia, em geral, e também da imprensa, mais especificamente, nas situações em que ocorre a tomada de decisões políticas. A própria mídia tem reconhecido esta questão e dedicado vários artigos para discuti-la do ponto de vista ético. Se, antes, a imprensa só posicionava-se como um veículo neutro e imparcial, hoje, ainda que timidamente, ela assume seu lado interpretativo, e o fato de que cada jornal acaba tomando uma direção política prioritária. Sem dúvida, está cada vez mais em evidência esse aspecto do entrelaçamento entre os eventos políticos e a notícia: a imprensa tanto pode lançar direções de sentidos a partir do relato de determinado fato como pode perceber tendências de opinião ainda tênues e dar-lhes visibilidade, tornando-as eventos-notícias. (MARIANI, 1996, p.62).

Sobre o discurso jornalístico, nós ainda o desenvolveremos de forma mais aprofundada nas análises do quarto capítulo, relacionando-o como discurso também midiático e televisivo, pois o programa *Fantástico* tem um cunho jornalístico, com intuito de noticiar e informar aos seus telespectadores sobre os fatos ocorridos no Brasil e no mundo, durante a semana. Porém, passa a ser considerado por nós como midiático, no momento em que traz em sua programação entretenimento e é transmitido também pela *internet* (levando em consideração que essa tecnologia é, hoje, uma das mais utilizada pela mídia); além disso, é televisivo, por ser transmitido no aparelho de televisão, que é a forma pela qual a maioria do público desse programa acompanha.

## 2 TEORIA QUEER: UM POUCO SOBRE GÊNEROS E SEXUALIDADES



GERDA WEGENER: A modelo.

*“A relação dos dois sexos não é a das duas eletricidades, de dois polos. O homem representa a um tempo só o positivo e o neutro, a ponto de dizermos ‘os homens’ para designar os seres humanos... A mulher aparece como o negativo, de modo que toda determinação lhe é imputada como limitação sem reciprocidade” (Simone Beauvoir).*

Neste segundo capítulo, retomando os estudos *queer*, buscaremos compreender como foram tratadas as questões sobre as constituições dos sujeitos como homens, mulheres, trans e suas e/ou outras sexualidades; também, sobre como essas teorias vêm ganhando lugares de discussão na contemporaneidade.

As teorias sobre gênero e *queer* ganharam um espaço considerável na sociedade contemporânea, sendo discutidas em várias instâncias e inscrevendo-se em diferentes formações discursivas (mídia, família, religião, escola). Contudo, não sem algumas resistências e enfrentamentos.

A teoria *queer* começa a consolidar-se por volta dos anos 1990. No entanto, é com Butler, em seu livro “*Problemas de Gênero*”, que essa teoria ganha corpo e cientificidade, passando a problematizar, no âmbito acadêmico-científico, os gêneros e as sexualidades. Inúmeras vezes, as teorias sobre o gênero são recebidas como ameaças, uma vez que colocam em questionamento a binaridade, homem-mulher, feminino-masculino, macho-fêmea, que sustenta a sociedade capitalista e as relações sociais em seu contexto sócio-histórico-ideológico.

Na série, temos a seguinte enunciação:

SD 150 Pai de Luiza: eu fui militar e eu venho de uma cultura assim... dos pais, é... é rígidos, os pais que no entendimento deles, homem é homem e mulher é mulher.

A SD anterior indicia essa relação binária de constituição dos sujeitos e os dizeres sobre essa binaridade, que interpelam o indivíduo em sujeito, tornando esse um indivíduo assujeitado, engendrado. Todavia, como já apontava Pêcheux ([1975] 1995), todo ritual ideológico é passível de falha, o que nos aponta que essa identificação engendrada pode falhar, não ocorrer. Assim, diz sobre a construção social do gênero, logo, um indivíduo não nasce com um determinado gênero, mas sim, é constituído/ interpelado ideologicamente a orientar-se para um determinado gênero, com a “obrigação” imposta pela sociedade de encaixar-se em uma das duas possibilidades de ser, masculino ou feminino, sendo preciso ao sujeito adequar-se. Diante disso, ressalta Butler (2003, p. 24-25):

A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente

do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino.

Essa afirmação da autora nos ajuda a entender a ausência da relação dita – pela sociedade – existente, entre sexo e gênero, uma vez que o sexo é de ordem biológica e o gênero é da ordem do social. Nas palavras de Butler (2003, p. 27), retomando Beauvoir: “Beauvoir diz claramente que a gente ‘se torna’ mulher, mas sempre sobre uma compulsão cultural a fazê-lo. E tal compulsão claramente não vem do ‘sexo’”.

Os sujeitos que se encontram fora dessas normas entre gênero e sexo, como transexuais, travestis, *crossdresseres*, *drag queens*, entre outros, foram, por muito tempo e ainda são, considerados doentes mentais, por se apresentarem à sociedade normatizada fora dos padrões desse binarismo imposto. Dessa forma, evidencia Foucault:

Romper as leis do casamento ou procurar prazeres estranhos mereciam de qualquer modo, condenação. Na lista dos pecados graves, separados somente por sua importância, figuravam o estupro (relações fora do casamento), o adultério, o rapto, o incesto espiritual ou carnal, e também a sodomia ou a “carícia” recíproca. Quanto aos tribunais, podiam condenar tanto a homossexualidade quanto a infidelidade, o casamento sem consentimento dos pais ou a bestialidade. (FOUCAULT, 1988, p.38-39)

Nesse período, durante o século XX, o autor faz citação aos hermafroditas e ao modo como eram interpretados pela sociedade: “durante muito tempo os hermafroditas foram considerados criminosos, ou filhos do crime, já que sua disposição anatômica, seu próprio ser, embaraçava a lei que distinguia os sexos e prescrevia sua conjunção” (FOUCAULT, 1988, p.39). Nesse contexto histórico, não se falava em transexualidade, mas se pensava em outras formas de sexualidade. No entanto, as memórias de marginalidade, que pairam sobre esses sujeitos desse contexto, foram trazidas, por meio da linguagem, junto com o tempo para os dias atuais, pois esses sujeitos, que possuem uma sexualidade que destoa da heterossexualidade, ainda são vistos como criminosos por muitos e punidos ou castigados com violência (física, psicológica, patrimonial, etc.), como podemos observar na SD a seguir:

SD 130 Taís mulher trans: minha mãe, minha vó, minhas tias, sabiam que eu tinha um jeito diferente, né? Elas tentavam me corrigir, me batendo, me deixando de castigo, eu sou do interior e lá as pessoas não têm conhecimento do que é uma pessoa transexual.

Na SD anterior, Taís ressalta como foi o trato dos familiares ao perceberem que a criança é um possível transexual, sendo exposta à “correção”, para adequar-se aos padrões de gênero estabelecidos pela sociedade, já que o sujeito transexual é um sujeito que é “exceção” à regra da binaridade de gênero.

Ao utilizar-se da palavra “castigo”, como forma de punição ou autocorreção, Taís retoma uma memória do discurso religioso, no qual as pessoas devem ser castigadas por não obedecerem a determinadas normas, regras ou doutrinas.

O sujeito transexual é visto pela sociedade como aquele que não possui uma identidade própria, mas que se apropria das outras identidades, como se fosse um sujeito não verdadeiro:

Muito mais do que um corpo de exclusão (*não é homem, não é mulher*), o sujeito transexual apresenta um corpo de transição entre um gênero e outro. Nessa transição, que foge à organização estabilizada da norma, da rigidez da estrutura, configura-se um corpo ambivalente, (in)capaz de ser significado como legítimo nessa sociedade, configurando-se como um corpo (im)possível, cujos sentidos significam justamente no entre-lugar do discurso. (CASSANA, 2018, p.21).

Logo, esses sujeitos, os transexuais, são ditos como sujeitos sem identidade. No entanto, como ressalta Cassana (2018), possuem, sim, uma identidade, que é a sua própria constituição construída na sua vivência. Nos termos da autora, “mediante uma marca, o sujeito transexual rememora quem um dia foi, mesmo que na atualidade seu corpo esteja identificado com outro gênero” (CASSANA, 2018, p.21), ou seja, a identificação com o gênero, que antes era oposto e agora identifica o sujeito transexual, não apaga quem é esse sujeito, como foi constituído, muito menos seu processo sócio-histórico-ideológico de assujeitamento.

Uma pequena parcela da sociedade vem, a passos longos, principalmente a militância, buscando o reconhecimento da transexualidade como uma outra forma de manifestação da sexualidade, assim como a homossexualidade: “apenas existe, e, portanto, que ela não deveria ser explicada. Ela é somente mais uma forma de

expressão da sexualidade” (SOARES, 2006, p.35). A transexualidade, também, assim como a homossexualidade, é somente outra forma de expressão da sexualidade do sujeito, como outras tantas, como a bissexualidade, a heterossexualidade e demais formas de expressões sexuais.

No entanto, ainda, nos dias de hoje, estar fora das normas de gênero impostas pela sociedade, olhando pelo discurso religioso, por exemplo, é o mesmo que estar desobedecendo a Deus:

Ser homossexual [acrescentaríamos ser transexual] é estar em desobediência com as leis de Deus, ser desobediente é não ser humilde, não há virtuosismos em desobedecer, portanto não há qualquer dignidade nessa atitude. Não há, pois, presença de Deus nos atos homossexuais. Por isso o merecimento então da doença, da AIDS, vem a fortalecer o discurso que afirma que “por estar em pecado corre-se o risco de uma punição divina”. Reforçando a crença de que a desobediência aos preceitos cristãos tem as suas conseqüências. (SOARES, 2006, p.40).

Logo, o sujeito transexual, assim como o homossexual já foi considerado, é um sujeito envolto em pecado. Pode-se afirmar que ele é o próprio pecado e deve ser castigado, segundo o discurso religioso, uma vez que os sujeitos transexuais são ressignificados e ditos pelo discurso retomado do sujeito homossexual: “ou ainda a crença de que para uma doença grave há um ‘merecimento’, um castigo justo/divino por um comportamento inadequado: ou por ter feito alguma coisa ou por ter deixado de fazer” (SOARES, 2006, p.103). Tal discurso vai patologizar os sujeitos transexuais, por significar a partir de dizeres advindos do discurso religioso. Não por acaso, a transexualidade, até poucos dias atrás (início do ano de 2018), constava no rol de doenças relacionadas ao transtorno de gênero, o qual estava relacionado à saúde mental dos sujeitos.

Nas próximas seções, abordaremos brevemente a história da sexualidade e a construção dos ideais de gênero, bem como sua posterior desconstrução ou reformulação de conceitos pertinentes/inerentes aos sujeitos, suas sexualidades e identidades de gênero.

## 2.1 Sexo e gênero: entre a construção e a desconstrução

No século XIX, as questões inerentes à sexualidade e aos comportamentos humanos, relacionados ao desejo e ao afeto, foram estudados por Freud, em sua nova ciência, a psicanálise. Segundo Butler (2003), retomando a discussão desenvolvida por Freud, no final do século XIX, essa relação entre a sexualidade e o sexo é estabelecida pela relação da criança com o pai e a mãe, assim como pelo reconhecimento ou não do falo, o pênis:

Na formação inicial da identificação menino-pai, Freud especula que a identificação ocorre sem o investimento objetal anterior, o que significa que a identificação em questão não é a consequência de um amor perdido ou proibido do filho pelo pai, posteriormente, contudo, Freud postula a bissexualidade primária como fator complicador do processo de formação do caráter e do gênero. Com um conjunto de disposições bissexuais da libido, não há razão para negar o amor sexual original do filho pelo pai, mas Freud implicitamente o faz. O menino mantém, todavia, um investimento primário na mãe, e Freud observa que a bissexualidade manifesta-se no comportamento masculino e feminino com que o menino tenta seduzir a mãe. (BUTLER, 2003, p.93).

Os comportamentos ditos masculinos ou femininos manifestar-se-iam a partir do momento em que se identifica a presença do falo ou não; quando estivesse presente, a criança seria orientada para o masculino, portanto, estaria associado ao falo; na sua ausência, a criança seria orientada para o feminino, também dito como a falta e “inveja deste”.

Vejamos uma sequência discursiva:

SD 118 Psicóloga Clarice: é importante a gente dizer que essa transição de gênero ela não envolve só uma transição do corpo, né? Ela envolve toda uma... uma mudança social, de reconhecimento de si, de reconhecimento para a família, de reconhecimento para, para a sociedade.

Na SD acima, a psicóloga Clarice deixa explícita a relação existente entre o gênero, o social e as instituições. No entanto, coloca, implicitamente, sobre a palavra “reconhecimento”, que, para ser, para mudar de gênero, esse sujeito precisa ser aceito pela sociedade, citando a instituição familiar e um autorreconhecimento, como

se ele não soubesse de si, pois precisa ser reconhecido, precisa ter um próprio reconhecimento de si.

No decorrer do século XX, a teoria de Freud sobre as sexualidades foi revisada por várias psicanalistas feministas e outras estudiosas da época, as quais não concordaram com o teórico sobre o fato desse autor definir características particulares sobre o feminino e o masculino, a partir de suas experiências infantis, relacionadas aos órgãos genitais. Dentre elas, Simone de Beauvoir (1949), filósofa e feminista francesa, afirmava que o “destino anatômico” não pode explicar todos os comportamentos associados aos dois sexos, masculino e feminino.

Parafraseando Butler (2003), a entrada na cultura desvia o desejo de seu significado original, assim, do que era o desejo em sua gênese, no campo cultural, passa por uma série de deslocamentos. Dessa forma, é preciso analisar o contexto sócio-histórico-ideológico-cultural-educacional, o qual é responsável pela construção e imposição de padrões desejados sobre o que é ser feminino e masculino, bem como sobre o que é ser menina e menino.

A partir desse raciocínio que alguns teóricos e teóricas – principalmente mulheres – propuseram, ao estudar a distinção entre sexo e gênero, o sexo estaria, então, relacionado às características biológicas, portanto, correspondendo às genitálias, ditas para o macho e a fêmea, enquanto o gênero estaria relacionado às construções sociais e expectativas sobre comportamentos que são esperados para determinado gênero, sendo masculino ou feminino.

Assim, temos a identidade de gênero, que é entremeada por elementos culturais, pela família, durante a infância, e no decorrer do processo de socialização do sujeito; são esses elementos que vão ditar e afetar as crianças sobre comportamentos e usos sobre o corpo, como: cabelo curto para meninos e longo para meninas, carrinho para meninos e boneca para meninas, agressividade para meninos e passividade para meninas, e por aí vão as distinções para ser masculino e feminino.

Na sequência seguinte, temos apontada essa questão:

SD276 Helena mulher trans: nós vamos falar sim para o Gregório, que um dia eu fui homem, virei trans, o Anderson também vai falar para o Gregório, que um dia ele foi mulher e virou homem, e que ele é formado de uma família de um casal trans. Eu não tenho medo desse momento chegar, não tenho. Eu acredito que, da forma que a

gente trata ele, da forma que a gente cria ele, e o meio que ele vive, ele não vai ficar magoado, ele não vai ficar sentido, ele vai aceitar numa boa, ele não vai ter vergonha, não vai ter preconceito.

Na SD anterior, a fala de Helena marca que a construção social do sujeito é que influencia a sua formação-identificação como sujeito. No entanto, não possui garantias de que a criança, mesmo interpelada por um discurso de combate ao preconceito e reconhecimento dos pais, que são transexuais, não irá se inscrever e se identificar com uma outra FD (formação discursiva), pois o fato de ter pais transexuais não garante que o Gregório não irá se inscrever em um FD machista, preconceituosa ou misógina, por exemplo.

O processo de construção da identidade de gênero, embora esteja relacionado com a distinção ou identificação dos órgãos genitais, possui com estes uma relação simbólica, ou seja, cultural. Assim, as expressões menos carinhosas de um homem ou a explícita e “tão desejada” maternidade da mulher não têm relação nenhuma com os hormônios, e sim, com as imposições efetivadas pela sociedade, sobre como devem ser. Nas palavras de Butler (2003, p. 39):

Se a “identidade” é um *efeito* de práticas discursivas, em que medida a identidade de gênero – entendida como uma relação entre sexo, gênero, prática sexual e desejo – seria o efeito de uma prática reguladora que se pode identificar como heterossexualidade compulsória? Tal explicação não nos faria retornar a mais uma estrutura totalizante em que a heterossexualidade compulsória tomaria meramente o lugar do falocentrismo como causa monolítica da opressão de gênero?

As discussões sobre gênero ganharam mais força, influenciadas pela chamada segunda onda do feminismo, nas décadas de 1960 a 1980. A partir desse movimento social, o conceito de gênero ganha uma ênfase nos processos de construção dos comportamentos sobre o corpo e afeto, com o objetivo de ressignificar o conceito engendrado até então de homem e mulher, os quais estavam condicionados às descrições biológicas.

Essas discussões sociais sobre o gênero procuravam ressignificar a visão androcêntrica<sup>14</sup>, na qual as características masculinas se impõem às características

---

<sup>14</sup> Supervalorização do masculino e naturalização da experiência masculina como princípio universal e normativo da humanidade. Pode ser identificada como expressões

femininas, as quais foram instituídas socialmente por uma construção simbólica, baseada no biologismo, naturalizadas, que, por isso, dificilmente poderão ser desconstruídas.

As identidades sociais formam-se a partir das relações que estabelecemos na sociedade; assim, é importante falarmos sobre duas instituições que marcam esse período do sujeito: a família e a escola, atuantes como aparelhos ideológicos do Estado em relação ao sujeito, agindo, inúmeras vezes, pela violência e buscando a interdição desse sujeito. A família e a escola são tomadas como marcadores de gênero, pois a família é o primeiro contato do sujeito; desde que está sendo gerado pela mãe, já se discute entre os familiares sobre o que será a nova criança: um menino, uma menina, vai jogar bola com o pai, vai cozinhar com a mãe, entre outras situações. Já na escola, a segregação começa com o tipo de uniforme, que é diferente para meninos e meninas, além das filas:

Quando de fato, a diferença é anterior, é constitutiva dessa suposta igualdade. Portanto, não se trata de “saber conviver”, mas ter claro que a sociedade se organiza e se estrutura na e pela diferença. Se tivermos esta premissa clara, talvez possamos inverter a lógica: não se trata de identificar o estranho como diferente, mas de pensar que estranho é ser igual e quanta violência é cometida para se produzir o hegemônico transfigurado em uma igualdade natural. (BENTO, 2008, p.169).

E é por isso que as discussões sobre as diferenças são tão importantes, de maneira que a unificação dos pequenos grupos (movimentos sociais: de mulheres, negros, homossexuais, intersexos, drags, crossdresser, indígenas, etc.) marginalizados torna-se um movimento dominante, porque todos são diferentes e poucos são os que se dizem iguais ou normais.

Na série, por exemplo, há um silenciamento dos movimentos relacionados aos sujeitos transexuais e comunidade LGBTQI+, pois, em momento algum, esses movimentos e instituições (Parada Gay, Antra, Parada da Diversidade, Dia da Visibilidade Trans, entre outros(as)), que apoiam e servem para legitimar a existência e resistência desses sujeitos, ganharam divulgação na série ou foram citados.

---

convencionais que tomam o homem como representante de toda a espécie, as quais servem para legitimar o patriarcado. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/androc%C3%AAntrico/18346/>. Acesso em: 15 nov. 2018.

## 2.2 Interseccionalidades: raça, classe e gênero

As discussões sobre a interseccionalidade surgiram a partir dos movimentos feministas, quando o movimento feminista negro, no final da década de 1970, criticou o feminismo radical, apontando que o movimento feminista era branco, de classe média e heteronormativo, desconsiderando questões tão importantes que perpassam as relações de poder, como as diferenças de raça, classe e gênero.

Na série, as questões relacionadas ao gênero são trazidas a partir da formação imaginária, ou seja, das imagens que são projetadas socialmente do ser homem e do ser mulher, correlacionando essas imagens ao sujeito transexual e, ao mesmo tempo, dizendo que esse sujeito não é um e nem outro, nem homem e nem mulher, pois, várias vezes, na série, os dizeres dos discursos, presentes nas SDs, apontam para um desconhecimento do sujeito trans sobre si.

Reforçando a ideia de que os movimentos que abordam questões sobre as sexualidades e suas expressões foram e são fundamentais, Katz (1996) traz em seu texto alguns dizeres que evidenciam a forma de pensar o sujeito homossexual, o que se faz importante para nós, pois, pensando como dito anteriormente neste trabalho, os dizeres sobre o sujeito transexual foram ressignificados e retomados da memória discursiva referente ao sujeito homossexual.

No início dos anos 1970, muitos homossexuais começaram a tornar públicas as suas até então secretas vidas. Criando um modo novo e patente de viver as nossas paixões e os nossos amores, passamos de uma norma histórica de homossexualidade para outra. Observando as mudanças que experimentamos, percebemos a homossexualidade com uma visão dupla - a de nossas vidas amorosas secretas passadas e a de nossa homossexualidade desvelada presente. Rejeitando o velho e estático modelo psicológico da homossexualidade, alguns de nós ficaram fascinados com a descoberta da história mutante da homossexualidade - e então, lentamente, sem premeditação, da heterossexualidade. Naquele tempo muitos de nós passamos do vergonhoso *homossexual* para o assertivo *gay* e *lésbica*, tornando o poder dessas palavras o centro de nosso movimento político. (KATZ, 1996, p.14).

O sujeito transexual é o sujeito que rompe com a binaridade da ideologia de gênero, uma vez que essa é pautada no binarismo homem-mulher, masculino-feminino, agressivo-passivo e por aí vai. Portanto, o sujeito transexual é a exceção à regra, já que, discursivamente, não é nem um e nem o outro, nessa ideologia que supõe apenas duas representações do ser e de como ser.

Assim, o sujeito transexual é o que produz a ruptura na ideologia de gênero e permite aos pesquisadores da área estudar e pensar outras concepções teóricas acerca dessa temática, a exemplo do que houve no feminismo radical. A partir dele, foi criada uma ruptura, a qual originou outros movimentos/vertentes dentro do movimento feminista: o feminismo socialista, o feminismo negro e, posteriormente, o transfeminismo, movimento que desenvolve suas lutas em prol dos sujeitos transexuais que se identificam como mulheres.

Vejamos a SD a seguir:

SD142 Taís mulher trans: Tenho. Se a aceitação da família fosse diferente, talvez eu poderia tá estudando, ter ingressado numa faculdade, tá cursando uma faculdade já, poucas são as que cursam uma faculdade, as que a família aceita, que têm uma vida normal.

Na SD anterior, Taís é questionada se tem saudades da família, ao que responde ter: “Tenho”. Logo após a afirmação, Taís complementa sua fala, dizendo que, se a família tivesse lhe “aceitado”, ela teria ingressado em uma faculdade e, possivelmente, estaria cursando, se escolarizando; posteriormente, afirma que isso é uma realidade pouco vista entre as mulheres transexuais, ou seja, que em sua maioria, elas não chegam a ingressar no nível superior.

É importante destacar esse fato, visto que a escolarização do sujeito transexual é algo que pode – mas nem sempre ajuda – favorecer a sua ascensão social. É algo que pode levar o sujeito transexual a outros lugares ou empregos, que não sejam os costumeiramente correlacionados, ou implícitos a esses sujeitos: prostituição, stripper, casas noturnas, rua, cabeleireiros, maquiadores, auxiliar de serviços gerais, auxiliar de cozinha, entre outros. Não que não sejam empregos bons, no entanto, a escolarização é um fator condicionante para que esses sujeitos ocupem outras posições, como: médicos, professores, engenheiros, arquitetos, advogados, entre outros.

A discussão sobre classe, raça e gênero, dentro dos movimentos feministas, foi muito oportuna, uma vez que permitiu pensar adversidades que circundam esses grupos e que não tinham uma visibilidade, já que era negado a esses sujeitos o simples acesso ao espaço público; hoje, conseguimos encontrar – mesmo que ainda

em menor número – mulheres, negros, transexuais, classe média-baixa em universidades e na política.

O enfoque da interseccionalidade procura abarcar essas características histórico-sócio-culturais sobre as diferenças existentes em função do gênero, da classe, da raça e da orientação sexual, até porque essas diferenças existem. No intuito de combater a opressão, que é hierarquizada por conta dessas diferenças e peculiaridades de cada um, a interseccionalidade vem como entre-lugar de junção dessas classes, por vezes, marginalizadas na sociedade contemporânea, somente por serem quem são, diferentes, sim, do padrão classicista, heteronormativo, no entanto, sujeitos como qualquer outro. Como afirma Chasko (2017, p. 47):

O gênero, então, não é um dado exato e estável, é uma identidade em constante construção e (re)inovação, dadas novas experiências e contextos sociais os quais os indivíduos vivenciam. Nesse processo, novas elaborações de si, novos dilemas, novas (re)considerações tendem a (re)moldar a compreensão e identificação dos indivíduos de si e dos demais.

Portanto, nesse contexto de intersecção, é importante compreender que os conceitos, principalmente de gênero, raça, classe e sexualidade, estarão em constante reformulação e adaptação. Na sequência seguinte, temos:

SD 255 Renata Ceribelli: o sonho de Léo e Carla virou realidade na vida de Anderson e Helena. O Anderson e a Helena são pioneiros na formação de um novo tipo de família aqui no Brasil. Ele, que nasceu no corpo de mulher, e ela, que nasceu num corpo de homem, se casaram e tiveram o Gregório, essa criança linda aqui (e mostra a criança). Como as pessoas reagem quando sabem que vocês formaram uma família nessas circunstâncias?

Na SD, a narradora coloca um assunto ainda novo nas discussões contemporâneas, que é a formação de famílias fora do conceito tradicional do que é família, até então (casal cisnormativo, composto por homens e mulheres cisgêneros e heterossexuais). E, quando se utiliza da palavra “circunstâncias”, diz que essa formação familiar ainda não é aceita, não é legítima, pois a sua aceitação está ainda atrelada a dizeres preconceituosos e violentos.

A interseccionalidade também serviu para colocar a mulher (tanto cis como transgênera) no espaço público, uma vez que tal espaço era de uso somente dos

homens; à mulher, era destinado somente o ambiente doméstico, o lar e os filhos. Por isso, as discussões, consideradas a partir do conceito de interseccionalidade, que abarcam as relações de classe, gênero, raça e identidade de gênero, as quais são diversas, permitiram aos sujeitos a possibilidade de ocupar outros espaços não marginalizados, inclusive, o espaço público, que tem a sua marginalização implícita (mas não cabe a discussão para esse momento).

Na série, por exemplo, aparecem algumas pessoas transexuais que, segundo o programa, ocupam espaços “diferentes”, pelo menos é o que é dito: uma mulher transexual que é recepcionista; outra que sonha em ser dançarina, mas é prostituta; outra, auxiliar administrativo – sim, a série enuncia a mulher transexual como auxiliar administrativo (fica marcado pela língua o que falha no reconhecimento da identidade desse sujeito pelo discurso da mídia); um homem transexual que é gerente de loja e outros mais. No entanto, esses sujeitos continuam como coadjuvantes no espaço “público” que frequentam e são aceitos. Nas análises a serem desenvolvidas, no quarto capítulo, retomaremos essas discussões.

### **2.3 Identidade de gênero: uma instabilidade?**

A identidade de gênero, como vimos, é resultado da construção social e normativa de comportamentos para o masculino e feminino, a partir de conceitos advindos da divisão entre os sexos, masculino e feminino. Segundo Bento: “Nos anos 90, a comunidade transexual começaram as verdades produzidas pelo saber/poder médico e passou a trazer a público histórias de vida que divergiam do padrão transexual” (BENTO, 2008, p. 60).

É a partir dos últimos anos do século XX que as questões relacionadas a gênero são pensadas e teorizadas com um olhar para a subjetividade. Segundo Cassana (2018, p.46): “Por meio dos significantes do Outro – a ideologia que define como devem ser os corpos -, o corpo do desejo encontra um breve ponto de ancoragem, de significação”. Essa ideia traz consigo uma concepção de que as identidades seriam mais fluidas e menos fixas, ou seja, teriam mais mobilidade e seriam menos estruturadas, as quais se efetivam por meio das ações dos sujeitos, em função da sua subjetividade, que estaria ligada ao desejo, assim como às suas

relações com a linguagem e seus corpos, por isso, das diferentes expressões da sexualidade.

SD 027 Melissa menina trans: pra mim eu estava fantasiada de menino até 9 anos, 9 anos com uma fantasia quente e pinicante, e aí eu pedi de aniversário, isso era em agosto de 2015, que ela (a mãe) me transformasse em menina. Era o meu maior presente.

Na SD anterior, a criança, menina transexual, Melissa, diz sobre o seu desejo de ser menina/mulher. E ainda coloca que isto é algo para “ontem”, quando se utiliza do vocábulo “presente”, dizendo que isso é algo para o instante, para o momento presente e não como um objeto de presente.

Nesse contexto, trazemos a importância da relação dos sujeitos com a linguagem, pois a relação dos sujeitos com seus corpos acontece por meio do discurso, do enunciado, dos signos, dos símbolos, das falas, sobre seus corpos; são essas representações que significam, no campo do real, e possibilitam ao sujeito modificar essas estruturas – do masculino e do feminino - em ações:

Relacionar e condicionar a transexualidade ao campo da sexualidade poderia ser lido como uma confusão ou imprecisão. No entanto, a aparente confusão significa uma atualização de uma concepção que atrela todos os níveis constitutivos da identidade dos sujeitos à sua estrutura biológica. O masculino e o feminino existiriam para dar sentido à complementaridade sexual. Outra variante dessa concepção é aquela que define os homens e as mulheres transexuais como lésbicas e gays que não aceitam suas homossexualidades. (BENTO, 2008, p.59-60).

Essas transformações, em função da subjetividade, foram colocadas em teoria pela filósofa estadunidense Butler, na teoria da *Performatividade*, a qual pressupõe que haja uma distinção entre o sexo ligado ao biológico e o gênero ligado ao cultural. Logo, o gênero e a sexualidade derivam de um sexo determinado, como podemos observar na SD a seguir:

SD 076 Bernardo homem trans: Pra fazer pêlos crescerem e voz engrossar, pra aperfeiçoar as características masculinas que meu corpo tem.

Ao dizer que precisa dessas características para ser um homem, Bernardo está performando o que se espera de um homem. Tais características são impostas pela sociedade e atribuem ao homem o aspecto de ser masculino.

Segundo a autora (BUTLER, 2003), o “destino anatômico” nascer com um pênis ou não – não esquecendo aqui o sujeito intersexo – em nada determinaria os comportamentos do sujeito na sociedade. Mas, é pela repetição do que devemos fazer, quando somos prescritos e ditos como menino ou menina, que somos levados à performatividade de um gênero ou outro, pois, com base na repetição do que devemos fazer, naturalizamos aquilo, ou não, como é a realidade do sujeito transexual.

A distinção sexo/gênero e a própria categoria sexual parecem pressupor uma generalização do “corpo” que preexiste à aquisição de seu significado sexuado. Amiúde, esse “corpo” parece ser um meio passivo, que é significado por uma inscrição a partir de uma fonte cultural representada como “extrema” em relação a ele. Contudo, quando o “corpo” é apresentado como passivo e anterior ao discurso, qualquer teoria do corpo culturalmente construído tem a obrigação de questioná-lo como um construto cuja generalidade é suspeita. Essas concepções têm precedentes cristãos e cartesianos, os quais, antes do surgimento da biologia vitalista no século XIX, compreendiam o “corpo” como matéria inerte que nada significa ou, mais especificamente, significa o vazio profano, a condição decaída: engodo e pecado, metáforas premonitórias do inferno e do eterno feminino. (BUTLER, 2003, p.185-186).

Dessa forma, na sociedade embasada pela heteronormatividade, é comum que a família ensine a criança a ser menino ou menina e é nesse momento que a subjetividade entra, já que isso permite à criança um deslizamento nesse processo de generificação<sup>15</sup>, o qual permite o questionamento sobre essas normas (heteronormas) que estão sendo incutidas; tais normas podem vir a constituir o sujeito ou não. Novamente, o Estado interdita o sujeito sobre como deve ser. Observemos a SD 029:

SD 029 Mãe de criança trans 1: eu tenho que mostrar pra ele, que se ele tá querendo se transformar em menina, ele vai sofrer alguma coisa com isso.

---

<sup>15</sup> O processo de generificação é o processo em que o sujeito é orientado a assumir comportamentos do gênero masculino, quando menino, e do gênero feminino, quando menina.

Na SD 029, mesmo sabendo que sua filha é uma menina transexual, a mãe continua se referindo à filha no gênero masculino. Ao dizer que ela – a mãe – precisa “mostrar” que a criança irá sofrer, se efetivar a transição, refere-se aos ensinamentos do imaginário – ditos e não-ditos – de ser menina e menino, evidenciando, também, em seu discurso, a dificuldade do que é ser mulher em uma sociedade que desvaloriza um gênero em detrimento de outro. Nas análises, aprofundaremos mais essa questão.

## **2.4 Sexualidade(s) em transformação**

As questões sobre sexualidade e gênero têm sido foco de diversas discussões e em diferentes segmentos na contemporaneidade. Uma significativa parte dessas discussões pauta-se nas relações estabelecidas na classificação binária de gênero, que ainda faz parte da estrutura de muitas sociedades sobre a sexualidade.

De acordo com essa lógica da divisão binária, em que o ser humano se encontra caracterizado de acordo com a questão do biológico, há dois (apenas) subgrupos: mulheres e homens. E, seguindo esse padrão de binaridade, o qual tomou o corpo físico como único meio de constituição do sujeito para ser (mulher ou homem), deixou de considerar que esses sujeitos possuem outros elementos que constituem sua identidade humana, como: as formas de expressões do gênero, as orientações afetivas-sexuais, as outras identidades de gênero, e, principalmente, as posições atribuídas para esses sujeitos.

A SD a seguir mostra essa relação engendrada entre determinado gênero (nesse caso feminino) e suas características cunhadas socialmente.

SD 111 Andreia mulher trans: até tomar o primeiro comprimido eu, eu tava morrendo de medo, eu fiz um... toda uma cerimônia. Eu coloquei música, fiquei olhando sozinha no meu quarto, e, quando eu tomei o primeiro comprimido, eu pensei: agora não tem mais volta, depois dele eu não volto mais. Com os hormônios, eu senti uma grande diferença na... na pele, ah... ela ficou muito mais suave, a quantidade de pelos diminuiu bastante e eu ganhei mais curvas também, na cintura, né? No bumbum também. Os peitos também cresceram razoavelmente; o cabelo eu também senti uma boa diferença.

Esse exemplo de Andreia na SD acima reforça a compreensão dos estudos de Foucault (1985) sobre a imposição da sociedade em relação ao corpo do outro sujeito. Tal corpo deve se adequar às normas que a sociedade dita para o masculino e o feminino, o ser homem e o ser mulher.

Foucault (1985) preocupou-se em entender como os mecanismos de poder da sociedade atual agem sobre o corpo humano e constatou que a dominação, a normatização e a vigilância atuam sobre o corpo dos sujeitos na sociedade, por meio da confecção de laudos médicos, psicológicos e periciais, além das práticas profissionais e ordem religiosa ou científica. Dessa forma, o autor mostra que a sociedade contemporânea é caracterizada pelas relações que articulam corpos, saberes e poderes, de forma que isso vai delineando a identidade histórica do sujeito.

Já próximo ao fim do século XX, surgiu um novo campo científico, os estudos de gênero, no qual, por meio de pesquisas significativas entre contribuições sociais de movimentos sociais de gênero, discutia-se e era afirmado que o comportamento humano não é condicionado pelo sexo biológico do sujeito. Também, é reconhecido que existem diferentes possibilidades na orientação afetivo-sexual dos sujeitos e que todas essas questões não são estáticas, uma vez que elas estariam e estão em constante movimento de adaptação em diferentes tempos e diferentes contextos sócio-histórico-ideológicos, ou seja, as questões inerentes ao gênero e sexualidade(s) ainda irão mudar muito.

Na próxima SD, a mãe de Melissa deixa escapar essa questão das mudanças com os dizeres “como uma criança assim”, no entanto, ela mesma não soube dizer o que seria esse “assim”.

SD 064 Mãe da Melissa: engrossar a voz, não vai ter gogó, não vai desenvolver como uma criança assim, pra puberdade masculina.

Na SD acima, fala-se sobre a formação imaginária do que é ser homem; a mãe de Melissa assevera a respeito das características que a filha não irá desenvolver e que são atribuídas ao sexo masculino, visto que, enquanto sujeito mulher, não se deve ter essas características.

Portanto, entender que há uma variedade nas composições identitárias e expressões da sexualidade é admitir que a sociedade humana é plástica e

heterogênea; atribuir sentidos e significados a esses novos conceitos é entender que a(s) cultura(s) está(ao) em constante movimento: “Não basta que esse sujeito mostre desconforto com a sua sexualidade. É preciso que o outro o nomeie, permita-o, designe-o” (CASSANA, 2018, p.25).

E, para isso, novas categorias surgem e são elencadas para nomear os elementos relacionados ao gênero e à sexualidade. Referente ao sexo biológico, o qual compreende os hormônios, cromossomos e órgãos genitais, originais de cada pessoa, são empregados os termos: sexo feminino/fêmea (para pessoas dotadas de vagina), intersexual (para aqueles sujeitos dotados de genitália ambígua) ou sexo masculino/macho (para sujeitos dotados de pênis).

Na série, são reproduzidos dizeres sobre a orientação sexual dos sujeitos, no entanto, algumas formas de exercício e expressão das sexualidades são apagadas. Vejamos a seguinte SD:

SD 037 Médico Alexandre Saadeh: a orientação sexual, ela designa quem eu escolho para ter uma atividade sexual, quem me desperta desejo. Então, a noção que eu tenho de ser homem, eu posso ter um desejo por uma mulher, vou ser heterossexual, por um outro homem, vou ser homossexual, pelos dois eu vou ser bissexual.

Na SD acima, além de falar sobre algumas formas de orientação e expressão da sexualidade, o médico não diz ou desconsidera, ou até mesmo não (re)conhece as outras formas de orientação sexual, como a pansexualidade e a assexualidade, as quais são apagadas/silenciadas no seu discurso.

Sobre a identidade de gênero, está associada ao que é considerado pelo próprio sujeito (subjetividade) do que ele diz ser: homem, mulher, transgênero/transsexual (indivíduos que não identificam com o sexo de nascimento): “Afim, que corpo é esse, nem de homem nem de mulher, mas, ao mesmo tempo, de homem e de mulher?” (CASSANA, 2018, p.25). Nesse contexto, temos a mulher transexual, que é o sujeito que nasceu com o sexo masculino, mas não se identifica com ele e reivindica ser reconhecida como mulher; e o homem transexual, o qual nasceu com o sexo feminino, no entanto, reivindica ser reconhecido como homem.

Quando há associação entre o sexo de nascimento e a identidade de gênero (dita condizente com aquele sexo do nascimento), o sujeito é dito cisgênero/cissexual, então, temos o homem cisgênero e a mulher cisgênero<sup>16</sup>.

Ainda, há outro elemento que devemos pensar sobre a identidade e as expressões de gênero, as quais caracterizam comportamentos femininos, masculinos e andróginos<sup>17</sup>, que estão associados a manifestações físicas, atitudes, vestimentas e formas de interação. A orientação afetivo-sexual possibilita-nos compreender outras formas de dizer a sexualidade, pautadas na atração físico-emocional, tais como: a heterossexualidade (atração entre opostos, sexos diferentes), a homossexualidade (atração entre iguais, com o mesmo sexo), a bissexualidade (relação com ambos, atração pelo sexo feminino e pelo sexo masculino), a pansexualidade (sujeitos que sentem atração pelo outro, independentemente do sexo/gênero) e a assexualidade (sujeitos que não sentem atração e desejo sexual)<sup>18</sup>.

Na análise da série, a ser desenvolvida no capítulo 4, retomaremos essa discussão e refletiremos sobre como essas diferentes designações entram em funcionamento para produzir um dizer sobre o sujeito transexual.

---

<sup>16</sup> Disponível em: <http://www.naomekahlo.com/single-post/2015/04/18/Cis-Trans-Travesti-o-que-significa>. Acesso em: 15 ago. 2018.

<sup>17</sup> Conceito da biologia que é sinônimo de hermafrodita; apresenta características e comportamentos de ambos os sexos, masculino e feminino, o qual é explicado em passagens bíblicas e mitológicas. Disponível em: <http://verdademundial.com.br/2014/12/a-origem-dos-sexos-adao-o-androgino/>. Acesso em: 15 ago. 2018.

<sup>18</sup> Disponível em: <http://www.lgbt.pt/conheca-os-tipos-de-orientacao-sexual/>. Acesso em: 15 ago. 2018.

### 3 CORPUS: UMA DESCRIÇÃO



GERDA WEGENER: "Two cocottes with hats" (Lili and friend).

*"Não acredito que existam qualidades, valores, modos de vida especificamente femininos: seria admitir a existência de uma natureza feminina, quer dizer, aderir a um mito inventado pelos homens para prender as mulheres na sua condição de oprimidas. Não se trata para a mulher de se afirmar como mulher, mas de tornarem-se seres humanos na sua integralidade" (Simone Beauvoir).*

A Análise de Discurso, embora pressuponha a metodologia linguística científica (dentro de seus limites), nunca deixa de considerar o histórico e o ideológico inscritos no objeto de análise. Como ressalta Lagazzi (1988, p. 51), é na linguagem que o sujeito se constitui e é também nela que ele deixa as marcas desse processo ideológico: “A linguagem configura as pistas para que possamos chegar um pouco mais perto do sujeito, e a Análise do Discurso possibilita que o conhecimento constitua-se além do ‘achar’ de cada pesquisador e fora de qualquer modelo pré-concebido” (LAGAZZI, 1988, p. 51). Ainda para a autora:

Só podemos, pois, falar em corpus, a partir de um recorte dos dados, determinado pelas condições de produção, considerando-se um certo objetivo e os princípios teóricos e metodológicos que, orientando toda a análise, possibilitarão uma leitura não-subjetiva dos dados. (LAGAZZI, 1988, p. 59).

O corpus deste trabalho é constituído pela série “Quem sou Eu?”, exibida pelo programa Televisivo *Fantástico*, da Rede Globo, entre os meses de março e abril do ano de 2017, em quatro domingos consecutivos. A série retratou diversas questões relacionadas à transexualidade, tais como as escolhas de quem sente que nasceu no corpo errado, quem seriam os transexuais, a “perigosa tentação” que é a automedicação sem acompanhamento de um profissional da área, questões relacionadas às cirurgias, ditas pertinentes/inerentes aos sujeitos transexuais, e as formas de relacionamento e de relacionar-se dos transgêneros, colocando-os em um contexto de relacionamento diferente do vivido por outras pessoas que não são transexuais.

Como objeto de análise e materialidade discursiva, fizemos a transcrição dos quatro episódios da série “Quem sou Eu?”<sup>19</sup>. A partir das transcrições, nós separamos o discurso de cada sujeito como uma sequência discursiva e, a partir dessas sequências discursivas, nós iniciamos os movimentos de análise sobre os dizeres reproduzidos nelas, bem como sobre a forma de reproduzir os dizeres sobre o sujeito transexual e as questões inerentes – ou não – a eles, atentando de forma interpretativa para os efeitos de sentidos produzidos nesses discursos. Assim, diz Orlandi (2015):

---

<sup>19</sup> Os episódios da série estão disponíveis no seguinte link: <http://especiais.g1.globo.com/fantastico/2017/quem-sou-eu/>. Acesso em 12 nov. 2018 às 21:31.

Como dissemos mais acima, a proposta é a da construção de um dispositivo da interpretação. Esse dispositivo tem como característica colocar o dito em relação ao não dito, o que o sujeito diz em um lugar com o que é dito em outro lugar, o que é dito de um modo com o que é dito de outro, procurando ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz mas que constitui igualmente os sentidos de suas palavras. (ORLANDI, 2015, p. 57).

A autora ainda evidencia que a Análise de Discurso “não procura o sentido “verdadeiro”, mas o real do sentido em sua materialidade linguística e histórica” (ORLANDI, 2015, p. 57). Assim, a partir dos gestos de análise ligados à interpretação das materialidades linguísticas discursivas presentes na série e recortadas por nós, pretendemos entender esses processos ideológicos que se evidenciam na linguagem.

Como ressalta Orlandi (2015, p. 58): “Os sentidos e os sujeitos se constituem em processos em que há transferências, jogos simbólicos dos quais não temos controle e nos quais o equívoco – o trabalho da ideologia e do inconsciente – estão largamente presentes”. Explicita-se, desse modo, que falamos todos a mesma língua, a qual pode ser falada de forma diferente, ou seja, o sentido sempre pode ser outro, a partir de um determinado discurso; isso quer dizer que, quando é proferido o discurso “travesti” ou “transexual, cada sujeito vai significar ou ressignificar esses discursos de acordo com seu conhecimento e vivência – simbolizado no real – e como esse sujeito foi afetado ou assujeitado por tais discursos

Na Análise de Discurso, o movimento analítico tenciona-se entre descrição e interpretação (PÊCHEUX, 1990). Desse modo, apresentaremos, na continuidade de nosso trabalho, a descrição dos episódios da série “Quem sou eu?”; no capítulo 4, analisaremos as sequências discursivas recortadas para compreender como a série diz sobre a transexualidade. Não analisaremos, como já pontuamos, toda a série. As sequências analisadas organizam-se a partir das regularidades que marcam uma filiação aos discursos médico, religioso, jurídico e midiático.

Os títulos das subseções deste capítulo foram escolhidos conforme a sequência usada para nomear os quatro episódios, como veremos a seguir. Cada episódio teve uma duração média aproximada de 10 minutos.

### **3.1 As escolhas de quem sente que nasceu no corpo errado!**

No início do episódio de abertura da série, os apresentadores Tadeu e Poliana trazem informações dicionarizadas sobre os termos trans e transgênero, para que os telespectadores compreendam os significados sobre o tema que a série vai retratar. Um dos jargões falados pelos apresentadores é que a série irá dizer sobre “as escolhas de quem sente que nasceu no corpo errado”, frase que impõe um padrão de corpo sobre o corpo do outro, como se efetivar as mudanças físicas corporais fosse uma regra para os transexuais, de maneira que não existam exceções em fazê-las. Além disso, aponta para um sujeito que seria livre para fazer as escolhas que quer, um sujeito que não estaria afetado pelo inconsciente e pela ideologia.

Logo no começo, Renata Ceribelli, ao falar dos sujeitos trans, traz o seguinte questionamento: “imagine que o que você olha não é o que você vê?” Uma proposta que desloca o sujeito transgênero de uma posição, evidenciando que precisa estar adequado às normas de feminilidade – quando for mulher trans – e às normas de masculinidade – quando se tratar de um homem trans – não podendo ser diferente: uma mulher com aparência masculinizada ou um homem com aparência feminilizada, por exemplo.

Como será perceptível no decorrer deste capítulo de descrição do *corpus* (como não analisaremos todas as sequências discursivas, resolvemos compor esse capítulo de descrição do *corpus* para apresentar um panorama geral do que é possível encontrar em cada episódio da série), alguns personagens têm um destaque maior em relação aos outros. Como nos diz Sodré (1986), ao analisar o modo como o personagem é colocado em cena no jornalismo:

Há muitas maneiras de escrever uma história mas nenhuma pode prescindir de personagens. Também são inúmeras as formas de apresentá-los, caracterizá-los ou fazer com que atuem. De qualquer modo, existe sempre um momento na narrativa em que a ação se interrompe para dar lugar à descrição (interior ou exterior) de um personagem. É quando o narrador faz o que, em jornalismo, convencionou-se chamar de perfil. (SODRÉ, 1986, p. 125).

Confirmando a citação anterior, na sequência da série, aparecem relatos de sujeitos transgêneros, dentre os quais se coloca em questionamento a posição dos sujeitos que não são trans, em relação aos que são, dizendo e descrevendo, por exemplo, que os homens mudam o tratamento com uma mulher a partir do momento

que descobrem ou sabem que ela é transexual; que os sujeitos não trans precisariam ser trans por um período para entender o que os trans sentem, numa perspectiva de que esses sujeitos, após essa experiência de troca de lugares, entenderiam o quanto os sujeitos trans ainda sofrem por conta do preconceito, aliado à falta de conhecimento de outros indivíduos.

Renata Ceribelli inicia o primeiro episódio dizendo que a personagem Alice, do conto infantil *Alice no País das Maravilhas*, representará os sujeitos transgêneros, afirmando que, assim como Alice na história, os transgêneros têm pressa em responder quem são (como se não soubessem sobre si, não tivessem autoconhecimento).

Entendemos que o termo “Alice”, na série, funciona como materialidade discursiva que, conforme Pêcheux (2015, p.151), deve ser entendida “enquanto nível de existência sócio-histórica, que não é nem a língua, nem a literatura, nem mesmo as “mentalidades”, mas que remete às condições verbais da existência dos objetos (científicos, estéticos, ideológicos...) em uma conjuntura histórica dada”, substitui metaforicamente o termo “trans”. A série recorre o tempo toda à história infantil *Alice no País da Maravilhas* como uma forma de contextualizar a transexualidade com base no efeito metafórico. Como afirma Pêcheux (1997), o efeito metafórico caracteriza-se por uma substituição contextual, o que implica um deslocamento dos sentidos. Nas palavras do autor:

Chamaremos o efeito metafórico o fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual, para lembrar que esse “deslizamento de sentido” entre x e y é constitutivo de “sentido” designado por x e y; esse efeito é característico dos sistemas linguísticos “naturais”, por oposição aos códigos e às “línguas artificiais”, em que o sentido é fixado em relação a uma metalíngua “natural”: em outros termos, um sistema “natural” não comporta uma metalíngua a partir da qual seus termos poderiam se definir: ele é por si mesmo sua própria metalíngua. (PÊCHEUX, 1997, p.96).

O efeito metafórico, que sustenta a série, é a substituição da personagem Alice por outras personagens que, no discurso jornalístico, são os sujeitos trans, os quais têm seu “perfil” exposto em rede nacional a cada programa de domingo. O primeiro exemplo desse sujeito trans, trazido pela série, é o caso de Melissa, ou simplesmente Mel, como prefere ser chamada. Mel tem 11 anos e é uma menina transexual. No início da entrevista com Mel, Renata Ceribelli questiona sobre o uso

de maquiagem como uma afirmação de sua feminilidade, o uso da maquiagem para afirmar que é uma mulher e está condicionada a um ideal de feminino, que passa pelo uso de maquiagem; a menina responde que não, pois ela sempre se sentiu mulher, independentemente de maquiagem.

Ao conversar com os pais, a repórter faz várias perguntas, diante das quais o pai revela que sentia um incômodo com a situação de ver a filha se vestindo como mulher, participando de brincadeiras socialmente designadas para meninas, até o momento em que Mel pediu aos pais que lhe dessem de presente de aniversário a transformação de menino para menina. Os pais procuraram auxílio de um médico no Instituto de Psiquiatria de São Paulo, onde tiveram contato com outros pais que vivenciavam a mesma situação: pais de crianças transgêneras.

Foi apresentado na série um encontro desses pais de crianças transgêneras que recebem auxílio do Instituto. Tal encontro evidenciou a situação em que uma mãe faz o relato sobre alertar a criança de um sofrimento futuro pelo qual passará ao se tornar um sujeito trans, como se a pessoa pudesse escolher entre ser ou não trans. Outros pais relatam que a primeira impressão sobre o filho era de homossexualidade, devido à falta de conhecimento e informações sobre a transgeneridade.

A partir da fala dos pais sobre homossexualidade, sobre o gay, a série traz um médico psiquiatra, chamado Saadeh, para explicar que a homossexualidade está relacionada à orientação sexual, ou seja, que a orientação sexual está relacionada ao desejo sexual, por quem o sujeito sentirá atração sexual; ser transexual é uma outra situação e está relacionada à questão de identidade de gênero. Diferentemente da orientação sexual, a identidade de gênero é condicionada à binaridade do masculino e do feminino, pertencendo o masculino ao homem e o feminino à mulher. No caso da pessoa trans, ela não se identifica com o gênero da sua genitália de nascimento, ou seja, se nasce com pênis, mas se sente mulher, é o caso da mulher transexual; ou, ainda, se nasce com vagina, mas sente-se homem, são os homens transexuais.

Ainda nesse encontro de pais, eles falam sobre a falta de informação a respeito da transexualidade; também relatam que ser trans é pior do que ser homossexual. A transexualidade é algo que traz sofrimento para a criança e para a família, segundo a série, tanto que alguns casais entram em conflito e chegam à

separação. Foi o caso dos pais de Mel, citada anteriormente, os quais chegaram a se separar, mas que depois reataram.

Ao conversar com os pais de Mel, Renata direciona a pergunta para o pai sobre a dificuldade de aceitar a filha trans, prevendo que, para o homem, é mais difícil do que para a mulher, até porque a mãe de Mel foi culpabilizada pelo marido e familiares pelo comportamento da filha, pelo fato de Mel ser uma menina trans. Então, o pai de Mel relata que a primeira lição que aprendeu com o médico Saadeh é que ninguém, nem mesmo os pais, podem mudar o gênero do/a filho/a.

A série traz a explicação científica da medicina para a transexualidade. O médico Saadeh explica que, por volta da 10ª semana de gestação, a genitália do bebê é formada; enquanto isso, o cérebro está em processo de estruturação e, por volta da 20ª semana, é que o cérebro estrutura a parte que pertence à identificação com a genitália. No caso dos transgêneros, a genitália não corresponde com o gênero ao qual a estrutura do cérebro se identifica, ou seja, a genitália é masculina, mas o cérebro estruturou-se como feminino, ou a genitália é feminina e o cérebro tem estrutura masculina, que corresponde, respectivamente, à mulher e ao homem trans.

O médico ainda diz que a transexualidade se manifesta na faixa-etária de dois a quatro anos de idade, pois, com essa idade, a criança já tem condições de dizer se é menino ou menina, se pertence ao gênero masculino ou feminino. Saadeh também afirma e informa que a transexualidade não tem influência do meio social, já que, se assim fosse, não existiria, uma vez que não há nada que incentive a ser transexual na sociedade.

Nesse contexto médico sobre a transexualidade, a série utiliza-se do caso de Mel para falar sobre o processo de transição<sup>20</sup>; nessa situação do masculino para o feminino, de menino para menina, inicia-se o bloqueio hormonal, com o objetivo de “neutralizar a puberdade”, para que Mel não desenvolva seu corpo como homem e nem como mulher. Durante esse processo, que durará até os 16 anos, outros profissionais, como psicólogos, psiquiatras, endocrinologistas, assistente social, entre outros, são chamados a dizer se Mel está apta a continuar o tratamento da

---

<sup>20</sup> Aqui, temos o que Sodré (1986) falar  sobre a cria o, no jornalismo, dos personagens. Mel passa a ter o perfil exposto, como se o que passou com ela fosse representativo do que se passa com todos os sujeitos trans.

transexualidade, que será baseado em hormônios, a fim de constatar se Mel de fato se sente mulher, nesse caso, mulher trans.

Há uma ênfase em dizer que o tratamento hormonal é reversível, uma etapa passível de arrependimento e, por isso, seria necessário esse tempo de reflexão do sujeito trans para propiciar sequência ao processo de tratamento e transição.

Finalizando o primeiro episódio, a série traz Mel em sua escola, dentro da sala de aula, com a professora e poucos colegas de classe. Ela conta que havia dito aos colegas que, após as férias letivas, voltaria como menina, pois antes era Miguel, e que estava feliz com os colegas que a haviam aceitado como Mel. Ela afirma estar mais feliz, visto que, agora, ela tinha escolhido ser feliz e, para ser feliz, precisava ser a Mel, a menina transexual de 11 anos de idade.

### **3.2 A perigosa tentação da automedicação**

Renata inicia o episódio apontando para uma nova fase na vida de um/uma transexual - que é iniciada pelo processo de hormonização - e fala que é difícil a passagem de um/uma jovem trans pela puberdade, utilizando como exemplo a história de Bernardo (outro personagem que sustentará o modo como a série relata a transexualidade). Mas, antes de falar sobre Bernardo, a repórter faz uma retomada da história de *Alice no País das Maravilhas*, evidenciando que é tudo fantasia de Alice, a qual irá representar os transgêneros, como se fossem sujeitos fantasiosos de si; novamente, a repórter fala sobre a necessidade dos transgêneros de responder quem são, mais uma vez, indicando que os trans não sabem de si.

Um jovem trans, chamado Bernardo, relata as angústias que viveu e vive, associadas a fatos que parecem ser simples, todavia, que ele não pode fazer, por exemplo, tirar a camisa, ir de sunga a uma piscina. Essas são práticas inerentes aos homens trans, entretanto, por regras impostas pela sociedade, são inibidos e, ao mesmo tempo, proibidos dessas práticas culturais corriqueiras.

A repórter indaga a mãe sobre como ela lidou com a realidade de ter um filho transexual; Luciana, a mãe de Bernardo, diz que tratou como qualquer mãe que quer ver seu filho bem e feliz.

Antes de a mãe fazer os relatos, a série enfatiza que a mãe de Bernardo é mãe solteira, evidenciando que ele não teve uma imagem de pai durante seu processo de formação; logo, aparece a mãe que diz ter se autoquestionado sobre a

sua transferência de imagem do feminino para o filho (que antes era filha), uma vez que, talvez, a sua imagem de mãe, do ser feminino, pudesse ter sido ruim e, por isso, sua filha (que agora é filho) queria ser filho.

A mãe de Bernardo diz que, desde os seis anos de idade, Bernardo revelava que queria ser menino. Ela procurou ajuda de médicos e profissionais de outras áreas da saúde, mas percebeu que a solução não estava em psicólogos; após o relato do filho sobre uma consulta com a psicóloga, a qual fez um “combinado” de que, no próximo encontro, Bernardo iria de brinco, só então a mãe percebeu que tinha um filho e não uma filha e que ele não estava com problemas mentais ou precisando de um profissional que o fizesse mudar. Ele não precisava mudar sua condição de homem trans.

Após a compreensão da mãe sobre o que de fato estava acontecendo, ela permitiu que o filho obtivesse características masculinizadas, começando pelo corte de cabelo. A mãe se propôs a enfrentar os outros pais na escola e evidenciou ao filho que ele teria que lidar com as outras crianças. Bernardo relata alguns acontecimentos, por exemplo, colegas que tentavam tirar ou puxar sua calça para ver o que tinha dentro; sofreu bullying, entre outras coisas, que só quem é transexual sabe e passa.

Nesse momento do episódio, a série faz outra retomada da história de Alice, no dado momento em que ela está no jardim das flores que falam e que, ao falarem, perguntam que tipo de flor é Alice, ao que ela responde que não é uma flor; dessa forma, as flores deduzem que Alice é um mato e resolvem expulsá-la do jardim. Bernardo corrobora o exemplo de Alice, que, nesse momento, é diferente, por não ser uma flor; sua imagem diz que tudo que é diferente traz discórdia, ou seja, aquilo que é diferente não deve ser aceito, não deve existir, somente aquilo que está previsto em normas e convenções sociais.

No caso de Bernardo, ele teve que mudar de escola, mas ressalta que há algo fundamental para sua persistência, que é o apoio da sua família, no caso, sua mãe.

Ao introduzir a história de Andréia (outra personagem na série, que tem seu perfil exposto), uma jovem trans, Renata fala sobre alguns fatos que servem para o trans como uma fuga para outro mundo, que, no caso de Andréia, seria o recurso da música.

Ao falar sobre sua infância, que foi difícil, visto que passou por situações semelhantes às de Bernardo, ela diz que preferia se relacionar amigavelmente com as meninas, porque se sentia assim, mas que os outros não a viam como menina, de maneira que ela teve algumas dificuldades. Andréia diz que descobriu sobre a transexualidade aos dezesseis anos de idade, pela internet; ela descobriu que se encaixava em algo, mas, ao pesquisar sobre a transexualidade e descobrir a marginalização do sujeito trans, saiu da dúvida e passou a ter medo: medo de ser quem era. No entanto, ela começou o tratamento quando estava no ápice da insatisfação com seu próprio corpo.

Nessa parte do episódio, é voltada uma atenção para “a perigosa tentação” da automedicação; é informado que, desde 2008, a hormonização é ofertada pelo SUS (Sistema Único de Saúde), que há o tratamento hormonal em nove centros espalhados pelo Brasil, porém, esse tratamento é permitido somente após os 18 anos de idade. O médico Saadeh explica que mais de setenta por cento dos/das trans que chegam ao ambulatório já fizeram uso de medicamentos sem acompanhamento e prescrição médica, além de chamar a atenção ao fato de que se deve voltar a essas questões de automedicação hormonal, uma vez que, se o hormônio utilizado não for adequado para a função corporal desejada, pode-se até desenvolver algumas doenças. O médico também faz colocações sobre a necessidade de centros especializados para atender a esse público.

Andréia começou a hormonização aos 22 anos de idade, pois leu sobre os riscos de um tratamento hormonal precoce e sem acompanhamento de um médico. Ela fala sobre algumas mudanças corporais, como a textura do cabelo, que diz ter melhorado, algumas “curvas” que ganhou no corpo, os seios que cresceram um pouco, mas que ainda tem algumas dúvidas sobre esse processo de transição.

Para sanar essas dúvidas de Andréia, Renata propõe um chá, retomando o momento da história de Alice em que a personagem está sentada à mesa para um chá com o chapeleiro maluco (personagem da história), ao qual ela direciona várias perguntas, a fim de que ele lhe ofereça algumas orientações. O chá de Andréia é com profissionais da área da saúde, os quais foram convidados para responder alguns questionamentos que Andréia possui sobre si.

A primeira a falar é uma médica endocrinologista, que orienta Andréia sobre o acompanhamento médico contínuo e o uso prescritivo de medicamentos corretos, dizendo que a deixarão uma mulher linda e maravilhosa, como ela desejar, em um

prazo de até dois anos. É dito que a hormonização é um processo que durará a vida toda.

Renata comenta sobre a possibilidade de cirurgia de mudança de sexo, a partir do momento em que a pessoa estiver contente com o corpo desejado. Mas, se está a contente, para que serviria cirurgia? Há uma contradição aí. Um médico urologista fala sobre os processos – psicológicos, psiquiátricos que envolvem a saúde mental – e que fazem parte desse processo até a cirurgia, mas ressalta que a manifestação e o desejo por essa intervenção têm que partir do próprio sujeito, ou seja, é o sujeito trans quem precisa dizer se quer fazer a redesignação sexual ou não.

A psicóloga fala que essa mudança, pós-cirúrgica, não é só uma mudança corporal, mas uma mudança que é social, que chegará até à família, à escola, o trabalho, à sociedade, como se esses setores precisassem aceitar o “novo sujeito”; ela fala sobre esse reconhecimento de si após a cirurgia.

Andréia discorre sobre a sua constituição familiar, uma vez que mora com a mãe, duas irmãs e um cunhado; comenta sobre o fato de não ter falado com o pai sobre a sua sexualidade; fala emocionada ao recordar do pai, pois ele é falecido. Relata também sobre relacionamentos amorosos, algo que não fez parte da sua vida ainda, mas que, agora, já que se sente bem com seu corpo, que está mais confortável com ele, está mais segura para lidar com a situação de um relacionamento.

Bernardo lida melhor com esse tipo de situação, pois está namorando com uma menina, mas diz que também gosta de menino e que se identifica como bissexual.

A série fala sobre a questão da identidade de gênero e da orientação sexual como duas coisas distintas, porém, ainda não define as duas nesse momento. Encerrando esse episódio, Tadeu diz que, no próximo, serão retratadas as questões envolvidas com a cirurgia de mudança de sexo, dizendo que é o processo mais radical nesse momento de transição, como se a transição se efetivasse com a cirurgia; isso é questionável, uma vez que, mesmo após a transição, no caso da mulher trans, apesar de ter vagina, ela ainda é denominada mulher trans. Também, no caso do homem, mesmo com pênis, é nomeado homem trans; logo, não é a cirurgia que define, que muda, que efetiva a transição.

### **3.3 A cirurgia de mudança de sexo no processo de transição**

A repórter Poliana Abritta começa a introdução da série dizendo que, nos episódios anteriores, foram destacadas questões relacionadas às/aos transexuais, como as dificuldades que estas/estes passam sobre o tratamento; após sua fala, Tadeu Schmidt faz a seguinte colocação sobre o episódio, dizendo que versará sobre a vida adulta dos transgêneros e que é só nesse momento que eles podem efetivar o processo de transição com a cirurgia de redesignação sexual.

Renata entrevista Thais, uma mulher trans, jovem, que, segundo ela, enfrentou diversos olhares de reprovação; ou seria de outro sentimento? De desejo, talvez? Mas de rejeição também, por parte dos familiares. Thais relata que a avó, a mãe, os irmãos, todos percebiam que ela tinha um jeito diferente de ser diferente do que se esperava de um menino e que os familiares tentaram corrigi-la, com brigas, castigos, violência física e verbal, entre outros.

Thais é do interior da Bahia. Segundo ela, lá, as pessoas desconhecem o que é a transexualidade. Ela conta ainda que fez ingestão de hormônios por conta própria e que, aos poucos, as mudanças começaram a aparecer, até que sua família percebeu e a expulsou de casa quando tinha apenas dezesseis anos de idade; estava sem nada.

Hoje, com 21 anos, ela reside em Curitiba, capital paranaense, e, assim como uma parte das mulheres transexuais, foi parar na prostituição. Thais fala sobre o medo que é viver na condição de prostituta, pois fica insegura sobre como as pessoas irão recepcioná-la em um pizzaria ou no shopping. Segundo ela, as pessoas ficam olhando, por isso, frequentar lugares públicos é algo muito difícil para uma mulher trans. Relata, ainda, sobre os aspectos das pessoas que ela encontra na rua, enquanto trabalha como prostituta, que podem ser pessoas violentas, agressivas, mal-intencionadas, entre outras características de pessoas transfóbicas.

Thais ainda diz que ser transexual é sinônimo de solidão, pois a família se afasta, os amigos se afastam, simplesmente pelo fato da pessoa viver na condição em que sempre se sentiu ser.

Retomando a história de Alice, que foi expulsa do jardim das flores por não ser uma flor, por meio dessa ancoragem, Renata questiona Thais sobre sua condição de mulher trans, perguntando a respeito de, caso ela pudesse escolher (como se fosse

uma escolha) entre ser trans ou não, o que ela escolheria; Thais diz que não seria uma mulher trans.

Relembrando os perigos das ruas, local de trabalho de Thais, a série ancora-se no contexto da história de Alice, em que ela está diante do personagem da Rainha de Copas: um ser intolerante, que exige que em seu reino todas as flores sejam vermelhas, inclusive, as que nasceram brancas; assim, àquelas que a contrariam, ela ordena sua famosa frase: “Cortem-lhe a cabeça!”. É nesse contexto que a série traz informações, com base em dados, sobre as pessoas trans, como a expectativa de vida de uma pessoa trans, que, no Brasil, não passa dos 25 anos de idade; que no ano de 2016, cento e setenta e sete pessoas trans foram mortos/mortas no Brasil; que, desde o início de 2017 até março, em que foi iniciada a exibição da série, trinta e três trans tinham sido assassinados/assassinadas. Em nenhum lugar do mundo foram registrados índices de mortalidade de pessoas trans com esses resultados. O Brasil ocupa o primeiro lugar no ranking de países que mais matam pessoas transexuais no mundo, título que não gera orgulho nenhum.

Thais diz que tem saudades de seus familiares; também fala que, se eles a tivessem aceitado como ela sempre foi, poderia ter estudado, ter ingressado em uma universidade, feito um curso superior. Ela fala também sobre o baixo índice de pessoas transexuais que frequentam as universidades. Thais diz que, se sua família tivesse aceitado como ela é, talvez, hoje, ela pudesse viver uma vida normal, ou seja, como a maioria das pessoas que possuem um outro grau de instrução e trabalham fora da prostituição; ela diz que ainda sonha em ser publicitária.

A série traz, então, a narrativa da vida de vários sujeitos trans, homens e mulheres, que hoje ocupam determinado cargo em seu emprego ou na sociedade, os quais sonham em ter uma profissão diferente da que têm agora.

Luisa está estudando engenharia civil, mas diz que não foi fácil o percurso até esse momento, pois sofreu muito preconceito e foi tratada de várias formas ruins. Ela relembra frases que ouviu na infância, tais como “engrossa essa voz”, “anda direito”, entre outras. Disse também que apanhou em casa pelo simples fato de dançar como uma mulher. Há jeitos para dançar como um homem ou como uma mulher? Questionamo-nos.

Luisa e a família são do interior de Minas. O pai começa falando que foi militar, que vem de uma família tradicional, na qual homem é homem e mulher é mulher, e que foi difícil entender esse processo de Luisa.

Segundo Renata, nesse mundo, não há lugar para um menino afeminado ou, ainda, para um homem no corpo de mulher e vice-versa. Luisa diz que se olhava no espelho e se achava uma aberração da natureza e que chorou muito. Renata questiona sobre quantos anos Luisa teria ficado se perguntando e tentando responder “quem era ela?”. Luisa diz que, durante vinte e dois anos, não soube quem era, até que, aos vinte e três anos, começou a se orientar e procurou ajuda médica.

Seu primeiro atendimento foi pelo SUS (Sistema Único de Saúde), quando teve uma crise de pânico e foi encaminhada para um hospital. Após consulta com o médico que a atendeu, ela foi encaminhada para um psicólogo, ao qual Luisa revelou sua sexualidade e se descobriu mulher trans.

Ao conversar com sua mãe, Luisa disse que era uma mulher transexual; a mãe disse que não sabia o que isso era, mas, junto com a filha, procurou informações para entender o que era a transexualidade. Já o pai, disse que, depois, conseguiu ver que era algo natural de Luisa e que não era uma opção que ela tinha escolhido.

Aos poucos, Luisa foi se reconhecendo e percebeu que seu problema estava relacionado à sua identidade de gênero. Novamente, o pai diz que foi complicado o processo de mudança pelo qual Luisa passou para ser uma mulher, sendo que essa complicação estaria relacionada à aceitação da vizinhança e da sociedade.

A série faz uma retomada da história de Alice, mas, agora, coloca Alice como uma menina mais segura de suas decisões e faz uma metáforização com Luisa, dizendo que está mais segura de si, pois tem o apoio de sua família e uma amiga mais que especial, Grazieli.

Ao iniciar o tratamento hormonal, Luisa percebeu que teria que deixar de lado outro sonho, o de ter um filho biológico, pois, devido à hormonização, haveria uma alteração em seu sistema endócrino e ela ficaria estéril. Então, Luisa e Grazieli tiveram um filho; nunca tiveram um romance, só amizade, dessa forma, o filho é o filho de duas amigas.

A criança ficou um tempo com Grazieli logo que nasceu, até desmamar e, depois, ficou com Luisa. Após Grazieli se estabelecer em outra cidade, as duas terão guarda compartilhada da criança.

Renata questiona Grazieli sobre a formação de sua família, que foge da ideia tradicional de família, ao que ela responde que era uma família assim que ela queria, nada tradicional.

Com vinte e seis anos, Luisa vai fazer um procedimento cirúrgico para retirar o pomo de Adão e outra cirurgia no órgão sexual, ambas em uma clínica particular do Rio de Janeiro, pois não quis enfrentar a fila do SUS (Sistema Único de Saúde), que oferece essas cirurgias desde 2008. O médico Eloísio diz que a demanda pela cirurgia de mudança de sexo no SUS é maior do que a oferta da cirurgia, de maneira que a fila de espera é de aproximadamente seis anos. A série informa que, durante o ano de 2016, foram realizadas trinta e seis cirurgias de mudança de sexo, o masculino para o feminino, e que o SUS também oferece outras cirurgias, como a retirada do pomo de Adão e a inserção da prótese de silicone para mulheres trans; para os homens trans, é oferecida a cirurgia de retirada das mamas, por exemplo, no caso de Dante, um homem trans que é mostrado na série e acaba de sair de uma cirurgia de retirada das mamas, o qual diz que essa era a visão que ele sempre quis ter ao olhar de cima para baixo o seu corpo, agora, sem os seios.

Só é possível realizar essas cirurgias pelo SUS após os vinte e um anos de idade, tendo passado por dois anos de acompanhamento com médicos e psicólogos. A mais complexa das cirurgias é a do órgão sexual, a qual possui mais de vinte técnicas. Em Luisa, será utilizado um pedaço do intestino para construção do canal vaginal; seus pais irão pagar pelas cirurgias, os quais relatam que se organizaram financeiramente para que isso fosse possível.

O pai fala emocionado que agora havia ganhado uma filha e diz que a ama; ressalta também que errou, mas que tudo é um processo, assim como reconhecer Luisa enquanto uma mulher.

Luisa diz que a cirurgia de mudança de sexo é algo que vai aumentar a sua qualidade de vida; ela diz que se sentia como uma pessoa deficiente e que fazer a cirurgia é algo que mudaria muita coisa, sendo um divisor de águas.

### **3.4 O amor e os relacionamentos no universo dos transgêneros**

Poliana começa o quarto e último episódio reforçando que, durante os outros episódios, foi falado sobre os sujeitos trans, que são pessoas que não se identificam com seu sexo de nascença, e que esses sujeitos trans foram representados por Alice. Tadeu diz que eles também têm uma difícil jornada no amor.

Renata começa falando sobre Alessandra (outra personagem que sustentará o discurso jornalístico produzido pela série), uma jovem mulher transexual de 29 anos, que tem uma beleza que seria difícil passar despercebida.

Alessandra relata que muitos homens a procuram e, se ela supõe que ele é machista e preconceituoso, diz que é travesti, porque, segundo ela, o termo travesti assusta; de acordo com ela, os homens têm medo do que os amigos vão dizer, se vão fazer vídeos, enfim, fazer chacota. Ela diz que isso a deixa muito triste, porém, outras situações também a deixam tão feliz que, conforme suas palavras, essa tristeza e sofrimento são anulados. Ela diz que, por conseguir se olhar em frente ao espelho em um corpo feminino, sente-se muito feliz.

A série retoma a história de Alice, que, nesse momento, após ter passado por várias situações de angústia, se vê perdida e diante de figuras intolerantes. Mas, Alice é inquieta e, assim como Alessandra, vai em busca de saber e responder: “Quem sou eu?”

Renata diz que é difícil olhar para Alessandra e pensar que, há onze anos, ela foi um homem, tinha corpo de homem, nome de homem e se vestia como homem. Quais seriam essas características de que Renata está falando?

Alessandra diz que não é algo de onze anos atrás, mas que vem desde a sua infância, que, desde criança, entende-se como mulher, mas que, há onze anos, ela sentiu a necessidade de mudar, pois não se reconhecia no reflexo do espelho, quando se olhava; não era o reflexo do que estava em seu interior.

Ao completar dezoito anos, Leca, como Alessandra gosta de ser chamada, decidiu que não se apresentaria mais como um homem, que não usaria seu nome de batismo, que não usaria roupas ditas masculinas, assumindo, então, sua identidade feminina. Leca começou a trabalhar como cabeleireira e, há três anos, fez a cirurgia de redesignação sexual, popularmente conhecida como mudança de sexo. Nas palavras de Renata, essa foi a última etapa de transformação de Leca, como se, caso ela não fizesse a cirurgia, não terminaria o processo de transição.

Renata questiona sobre o antes e depois da cirurgia. Leca diz que, antes, ela tinha medo, vergonha, era insegura, pensava no julgamento, como se sentar, como se portar, entre outros fatos.

A narrativa da série retoma a história de Alice, no momento em que ela desperta e percebe que tudo foi um sonho; assim como Alice, Alessandra acordou

de um sonho após a cirurgia e, ao perceber a realidade, ela sentiu que era tudo semelhante ao que já tinha vivido antes da cirurgia.

Renata questiona sobre a permanência e a continuidade do preconceito, mesmo após Leca ter passado pela cirurgia; ela diz que sim, que sempre existirá o preconceito, mas que tinha consciência disso, mesmo antes de fazer a cirurgia.

Sobre relacionamentos, Leca diz que nunca namorou ninguém, nem antes e nem depois da cirurgia. Então, a repórter questiona sobre sua virgindade, ao que ela responde que sim, é uma mulher virgem, pois tem medo de se entregar a alguém e se sentir decepcionada. Renata cita um exemplo, como se o homem não quisesse ficar com Leca por ela ser trans; ela diz que é isso mesmo, que, em algum momento da vida, se envolveu com um rapaz, pensou que estaria começando um relacionamento, mas ele não queria apresentá-la para os amigos, a família, a sociedade. Leca diz que essa pessoa está perdendo a chance de amá-la e de conhecê-la.

Ao falar sobre Léo, um homem trans, Renata diz que ele sabe bem as dificuldades enfrentadas e como é difícil ter um relacionamento por ser uma pessoa trans, já que Léo viveu trinta e cinco anos num corpo feminino e há três começou o tratamento hormonal.

Léo relata que, no prazo de três meses, após iniciado o tratamento, começaram a nascer barba e pelos e que ele achou isso maravilhoso. Já com seis meses de tratamento hormonal, até o formato do rosto mudou; depois de seis meses, ele diz sentir-se um homem completo.

Foi durante o processo de transição que Léo se apaixonou. Aconteceu na academia, pela professora de musculação. Ele diz que teve dificuldade para se declarar, pois Carla é uma mulher heterossexual, não é trans. Ele diz ainda que sua angústia em falar sobre seus sentimentos para Carla durou mais de um mês, visto que tinha receio da reação; enquanto isso, ficavam só nas trocas de olhares, até que, um dia, em um restaurante, Léo disse que era trans a Carla e estranhou a reação dela, já que não fugiu dele.

Carla diz que parecem ter vindo à tona sentimentos que ela desconhecia, mas que sentia paz e alegria quando estava com Léo, que já estava gostando dele. Renata questiona sobre seus relacionamentos anteriores e Carla diz que gosta de homem, que ela nasceu em um corpo feminino e se identifica com ele e que ela sente desejo por homens, mesmo que agora seja um homem trans.

Buscamos mostrar, neste capítulo, como os sujeitos trans, enquanto personagens que são apresentados, descritos e caracterizados na série televisiva, sustentando o discurso jornalístico que narra suas histórias, produzem um dizer sobre si e são ditos também por seus familiares, pelos médicos, pela mídia. Como parte do discurso jornalístico, esses sujeitos narram como é ser um sujeito trans em uma sociedade que ainda se sustenta na heteronormatividade.

Na continuidade, a partir dessa descrição mais geral do programa e dos personagens (SODRÉ, 1986) que fazem parte, assim como a Alice do País das Maravilhas, da narrativa sobre a transexualidade que o programa *Fantástico* resolveu contar, apresentaremos nossa análise, que foi organizada a partir dos seguintes discursos: 1. O médico trata; 2. O religioso pune; 3. O jurídico condena; 4. O midiático expõe.

#### 4 COMO O(S) DISCURSO(S)



**GERDA WEGENER:** Lili with a Feather Fan.

*“No dia que for possível à mulher amar em sua força e não em sua fraqueza, não para fugir de si mesma, mas para se encontrar, não para se renunciar, mas para se afirmar, nesse dia o amor tornar-se-á para ela, como para o homem, fonte de vida e não perigo mortal” (Simone Beauvoir).*

Neste capítulo, encontram-se as análises referentes ao modo como os discursos médico, religioso, jurídico e midiático são postos em funcionamento na série “*Quem sou Eu?*”. As sequências discursivas selecionadas para as análises deste quarto capítulo nos permitem analisar e perceber como os vários temas

relacionados e que dizem/significam sobre/a transexualidade foram divulgados e postos em circulação na mídia, especificamente pelo discurso jornalístico, retomando os discursos que tratam, punem, condenam e expõem o sujeito trans.

A escolha das SDs, assim como nos outros capítulos, foi feita de forma que optamos por umas e não outras, pois a materialidade linguística dessas SDs nos permitem trabalhar/analisar as regularidades que apontam para os discursos anteriormente ditos. Nosso *corpus* é composto por 277 SDs. Contudo, neste capítulo analítico, elas não seguem a ordem como foram descritas da série, mas as organizamos a partir das regularidades discursivas já citadas.

Em breve gesto analítico, nós percebemos que as SDs indicam para uma repetição de sentidos e significados, conforme a formação discursiva em que se inscrevem. Quando se diz sobre o discurso médico, ele vai patologizar o sujeito transexual. Quando analisada a inscrição da SD no discurso religioso, este tem um sentido de punição do sujeito transexual, que é um sujeito pecaminoso pelo fato de não se identificar com seu gênero de nascimento. Ao percebermos a SD inscrita no discurso jurídico, este ressignifica os sentidos de condenação e proibição do sujeito transexual. E a inscrição da SD no discurso midiático traz sentidos de exposição e espetacularização desse sujeito como um personagem de uma narrativa que deve ser contada, no entanto, ao expor, também coloca em circulação o conhecimento sobre, como veremos nas análises a seguir de algumas SDs selecionadas, os grifos são nossos.

#### 4.1 Médico Trata

O discurso médico aparece na série nos dizeres dos diferentes profissionais da saúde ao enunciarem sobre os sujeitos trans. Na primeira SD a ser analisada, retomamos o dizer de Alexandre Saadeh, que, no contexto em que a série está acontecendo, explica sobre a formação de uma criança desde o momento de sua concepção, passando pela formação de áreas específicas relacionadas à sexualidade, como a genitália e o cérebro, ao justificar o que houve com Melissa, menina transexual, que é a principal personagem do primeiro episódio.

SD 053 Médico Alexandre Saadeh: no **embrião humano né**, a, a **genitália** se forma por volta da décima semana, enquanto isso, o **cérebro** está em desenvolvimento, mas, por volta da vigésima

semana, se define a **área que dá a identidade de gênero** que a gente chama.

No início da SD, o referido médico marca uma distinção entre o ser humano e o restante dos animais, afirmando e ao mesmo tempo duvidando, o que fica perceptível com o uso do advérbio “né” - uma marcação que nos remete a pensar que a transexualidade, que é o tema em discussão na série, não é percebida ou não ocorre em outros animais, que não os seres humanos.

Ainda, na mesma SD, o médico relaciona o órgão sexual “a genitália” com o cérebro, sugerindo o complemento de um em função do outro, ao dizer que a genitália se “forma”, portanto, tem um modelo que é biologicamente estabilizado – vagina, pênis, ou ambos, como é o caso do intersexo – não podendo ser outros, mas que esses modelos não necessariamente correspondem à função dessa genitália, que é esperada pela sociedade, mas sim, sobre como essa função é atividade do cérebro, quando a parte responsável se desenvolve. Isso comprova o fato de que a função sexual do sujeito está condicionada ao que o seu sistema nervoso, controlado também pelo cérebro, indicar, portanto, não está associado àquilo que a sociedade esperará, de acordo com as suas normas impostas, que são alicerçadas em dizeres religiosos, por exemplo, o matrimônio na Igreja Católica - que é somente permitido e aceito a partir da união de pessoas de sexos diferentes, ou seja, um homem e uma mulher.

O médico ainda diz sobre a “área que dá a identidade de gênero”, ou seja, novamente, sobre o seu discurso, ele afirma que a identificação com o gênero é algo dado e não construído socioculturalmente. Porém, como mostramos na discussão sobre as teorias *queers*, o gênero com que o sujeito irá se identificar na sociedade é algo construído por essa mesma sociedade e pelos sujeitos no contato com outros sujeitos. Portanto, identificar-se com um gênero ou outro, ou ainda com nenhum, é algo que cabe somente ao sujeito como processo de identificação. Todavia, para o discurso médico, essa identificação efetiva-se em uma área “dada”, no momento de gestação que, como afirma o médico, é por volta da vigésima semana gestacional.

Discutindo sobre a formação de um bebê ainda em gestação, sua genitália e, posteriormente, possível sexualidade, o médico Alexandre Saadeh afirma na SD a seguir:

SD 055 Médico Alexandre Saadeh: genitália masculina, um cérebro masculino, genitália feminina, um cérebro feminino, **ou o contrário**, a genitália masculina, **mas o cérebro** se estruturou como feminino ou a genitália feminina e o cérebro se estruturou como masculino.

Na SD acima citada, o médico ainda fala sobre a personagem principal da discussão, que é a menina transexual Melissa, e, nesse momento, ele explica cientificamente como se concretiza a ocorrência do nascimento de um sujeito que pode vir a ser transgênero, posteriormente, o sujeito transexual. No início da SD, o médico explica a formação do sujeito cisgênero, aquele sujeito que nasce com a genitália dita masculina, o pênis, e o cérebro corresponde ao que é esperado socialmente de quem tem a genitália masculina, e aquele sujeito que nasce com a genitália dita feminina, a vagina, e o cérebro corresponde ao que é esperado socialmente de quem tem a genitália feminina.

Na mesma SD, o médico salienta sobre como se forma o sujeito transgênero. Ao utilizar-se da conjunção coordenada de adversidade - “mas” - que indica contrariedade, pois há na SD a palavra contrário, ele desconsidera tudo o que foi dito anteriormente sobre o sujeito cisgênero, a fim de explicar o que é e como se forma o sujeito transexual, colocando tais pessoas em um contexto diferente do sujeito cis, expondo e marcando que esses sujeitos, os transgêneros e transexuais, fogem à regra do biológico de formação dos sujeitos.

Ao mesmo tempo em que coloca esses sujeitos como diferentes desde o momento de sua formação gestacional, a conjunção “mas” pode ser entendida também como substantivo que abrevia o masculino, afirmando e legitimando a existência do sujeito transgênero, conseqüentemente, o sujeito trans: “mas o cérebro” - existência reafirmada pelo discurso científico do médico. Na adversidade, estaria a contradição subjetiva dos indivíduos interpelados pela ideologia.

Esse discurso médico-científico é tomado como referência para discussão no segundo episódio, ao abordar sobre a personagem Andreia, uma mulher transexual que fala sobre suas dúvidas com alguns profissionais relacionados à área da saúde. Andreia conversa com médicos de diferentes especialidades e uma psicóloga.

Nesse contexto, ela questiona os profissionais sobre as mudanças que aconteceram, acontecem e aquelas que ainda acontecerão em seu corpo; a médica Karen Seidel responde, como podemos observar na SD a seguir:

SD 115 Médica Karen Seidel: Se ela tiver fazendo **o acompanhamento regular, usando os medicamentos direitinho, na dose que a gente prescreve**, ela, em torno de dois anos, **já estará assim, uma mulher linda, maravilhosa, do jeito que ela deseja.**

Na SD acima citada, dita pela médica, ela discorre sobre o “acompanhamento regular”, que soa como um meio para interditar o sujeito de o ser/fazer com autonomia, pois afirma que ele precisa estar regularmente sendo acompanhado por um profissional. Continuando seu dizer, ela afirma ainda que esses sujeitos precisam fazer o uso de medicamentos e reafirma o acompanhamento regular, quando fala sobre fazer o uso de tais medicamentos, visto que esses sujeitos devem seguir as doses prescritas pelos médicos. É o discurso médico que legitima a existência desses sujeitos e a possibilidade de que possam intervir em seus corpos. Sem a legitimidade do discurso médico, esse sujeito não é “livre” para agir sobre si e seu corpo. Isso marca a autoridade do discurso médico que diz como o sujeito pode ou não agir.

A médica ainda continua sua intervenção no programa e usa o adjetivo invariável “assim”, fazendo referência a si própria para dizer a Andreia que ela pode ser uma mulher como ela, com seus adjetivos: “uma mulher linda, maravilhosa”; nesse sentido, a médica coloca-se como superior a Andreia e finaliza dizendo que é isso que Andreia deseja “do jeito que ela deseja”, como se Andreia tivesse inveja e quisesse ser como a própria médica, por isso, faz o uso de medicamentos.

Os dizeres da médica mostram como o sujeito trans ainda depende de que um outro sujeito - sejam os profissionais relacionados às áreas de saúde e assistência social - autorize que possa ser o que deseja. Isso também é marcado na SD a seguir, dita pelo médico Eloísio Alexsandro:

SD 117 Médico Eloísio Alexsandro: **a pessoa que tá vivenciando isso, nesse processo ela segue um acompanhamento, faz um acompanhamento psicológico, psiquiátrico, ou pela equipe de**

**saúde mental, e no seu momento ela vai dizer se deseja ou não algum procedimento de modificação corporal cirúrgico.**

Na SD acima, ainda no contexto de sanar as dúvidas de Andreia, o médico começa dizendo sobre “a pessoa que tá vivenciando isso”, ou seja, não é o profissional que vive e sente o que os sujeitos trans sentem e vivenciam em seu dia a dia, mas, na sequência, afirma que o sujeito precisa estar “nesse processo de acompanhamento psicológico, psiquiátrico, ou pela equipe de saúde mental”, retomando uma memória que paira sobre os sujeitos trans de que são doentes mentais, assim considerados até o início de 2018.

Na mesma SD, o médico ainda discorre sobre o desejo do sujeito de o ser “no seu momento ela vai dizer se deseja ou não”, deixando transparecer que esse sujeito tem autonomia para o ser, como se somente a sua subjetividade bastasse, o que não é verdade, como observamos anteriormente em outra análise, visto que o discurso médico serve como uma intervenção do/no sujeito para que ele seja quem ele é e saiba que é.

Ele, o médico, ainda reforça a ideia de que sujeitos trans precisam se sujeitar a cirurgias para o serem, quando afirma “algum procedimento de modificação corporal cirúrgico”, deixando o telespectador na dúvida; mas, ao citar o procedimento cirúrgico em seu dizer, marca esse ato como algo pertinente aos sujeitos trans, que precisam desse procedimento para ser o que desejam, retomando, assim, uma memória de que esses sujeitos precisam adequar-se aos parâmetros de gênero estabelecidos pela sociedade.

Portanto, o discurso médico vem tratar esses sujeitos e intervir em seus corpos para que suas existências sejam socialmente legitimadas e possivelmente aceitas, não, contudo, sem marcas de violências e preconceitos que circundam a vida dos sujeitos trans.

Assim como no discurso médico que ainda diz, dita e interdita sobre os sujeitos trans, pois é atravessado pelas ideologias presentes na sociedade heteronormativa, a próxima seção falará acerca do discurso religioso sobre os sujeitos trans, uma vez que os afeta e tenta culpabilizá-los por serem quem são.

## **4.2 Religioso Pune**

Na série *Quem sou eu?*, alguns dizeres, inscritos no discurso religioso, nos chamaram a atenção; como eles produzem sentidos sobre/para os sujeitos trans, houve a intenção de analisá-los. É o caso quando o programa retoma a história do personagem, no segundo episódio, sobre Bernardo, rapaz transexual. Nesse contexto, a narradora da série, Renata Ceribelli, conversa com Bernardo e sua mãe sobre a rotina do rapaz e a sua vivência enquanto homem transexual que é, ao que o jovem responde:

SD 099 Bernardo homem trans: o bullying eu sei que ele nunca vai acabar, porque eu sou quem eu sou, e tem **peessoas que se sentem ofendidas**, porque **a diferença sempre traz discórdia, né?**

Em seu dizer, Bernardo se utiliza de um substantivo feminino “ofensa” para dizer como as pessoas se sentem em relação ao que ele é, um homem trans: “pessoas que se sentem ofendidas”. O adjetivo “ofendidas”, derivado do substantivo ofensa, utilizado por Bernardo, retoma uma memória de injúria, desacato, ação de violar uma norma, uma regra, um dogma. Tal termo é muito utilizado no discurso religioso; dessa forma, ao dizer sobre um sentimento de ofensa, pois é assim que as pessoas se sentem diante dos sujeitos trans, o próprio Bernardo retoma esse dizer religioso, associado ao sujeito trans, visto que, por exemplo, é algo/alguém fora das normas, regras e preceitos da religiosidade.

Bernardo usa o substantivo feminino “discórdia”, que é outro termo utilizado no discurso religioso, para falar da desavença, a falta de entendimento, o desacordo, a luta, a divergência, entre outros significantes, com sentidos de desunião, de reprovação, o que não é considerado bom; ele completa seu enunciado da seguinte maneira “a diferença sempre traz discórdia, né?”, ou seja, os sujeitos trans são ditos como diferentes do que a sociedade impõe como certo/adequado/correto e Bernardo reafirma essa memória de que os sujeitos trans, por serem diferentes, é que causam tantas coisas ruins relacionadas à discórdia, ao invés de mostrar que as pessoas precisam entender quem são os trans. Porém, ao afirmar que o diferente - e aqui substituímos pelo trans, “o trans sempre traz discórdia né?” -, Bernardo reafirma a ideologia sobre o trans ser algo ruim, propósito de desavenças e mal-entendidos; ademais, deixa o questionamento para o telespectador, por meio do uso do advérbio “né”, que serve como interrogação e fica como reflexão para o sujeito.

Esse discurso, inscrito no religioso, também é evidenciado no início do quarto episódio, quando Renata Ceribelli fala sobre uma das personagens desse episódio, a mulher transexual Alessandra, como podemos observar na SD a seguir:

**SD 216 Renata Ceribelli: quando fez dezoito anos, Alessandra ou Leca, como gosta de ser chamada, decidiu que nunca mais ia se apresentar com seu nome de batismo, nem voltaria a usar roupas de homem; assumiu totalmente sua identidade feminina, começou a trabalhar como cabeleireira e, há três anos, entrou numa sala de cirurgia pra última etapa de transformação. Quem era a mulher Alessandra antes da cirurgia e depois?**

No começo de seu dizer, Renata expõe o nome de Alessandra e seu apelido Leca, que é como ela gosta de ser chamada; mesmo afirmando isso, a jornalista contradiz seu discurso e fala que Leca “decidiu que nunca mais ia se apresentar com seu nome de batismo” – batismo, que é um ato realizado pelo sujeito, quando ele é apresentado ou inserido em alguma religião -. Tal ato é comum na maioria das religiões, portanto, o substantivo masculino é um termo específico do discurso religioso, ao qual Renata recorre para se referir ao nome anterior – não citado pela reportagem - que Alessandra tinha, fazendo uma alusão ao fato de ela não ser mais de qualquer religião; ademais, complementa dizendo que Alessandra não voltaria a “usar roupas de homem”, marcando novamente o homem que um dia Alessandra foi e expondo um dizer estabilizado na memória sobre vestimentas específicas para homens e mulheres.

Na continuidade, ainda na mesma SD, Renata salienta que Alessandra “assumiu totalmente sua identidade feminina”, associando isso às vestimentas, à mudança de nome e dizendo sobre sua profissão: “começou a trabalhar como cabeleireira”. Isso evidencia uma memória, como se essa profissão fosse um condição, um marcador que está presente no dizer acerca do emprego para as mulheres transexuais, que é o caso de Alessandra.

E, para falar sobre as mudanças de Alessandra, a locutora ainda faz a seguinte afirmação: “entrou na sala de cirurgia pra última etapa de transformação”. Novamente, afirma que esses sujeitos precisam se adequar ao que a sociedade impõe como parâmetro de homem e mulher, não cabendo nessa sociedade um sujeito que transite entre um gênero e outro, o transgênero. Transformação enquanto substantivo feminino e inscrito no discurso religioso pode ser interpretado

como um verbo pronominal, converter-se ou mudar de forma, novamente, adequar-se.

Finalizando, na SD, Renata retoma um contexto de apagamento do próprio sujeito Alessandra ao dizer “quem era a mulher Alessandra antes da cirurgia e depois?”. A locutora, ao utilizar o pronome relativo “quem”, para interrogar Alessandra, deixa entender que a trans não sabia de/sobre si e coloca o fato da cirurgia como um marcador em sua vida, novamente, reforçando um dizer de que o sujeito transexual é um sujeito condicionado à cirurgia; porém, a locutora não fala de qual cirurgia, mas constrói um apagamento do que Alessandra era antes de fazer a cirurgia, efetivando esse procedimento como o ato de deixar tudo o que ela não desejou, mas viveu, no passado.

Ainda no quarto episódio, é contada a história da personagem Helena, uma mulher trans, que era casada com Anderson, um homem trans; da relação desse casal, nasceu um filho, Gregório. Helena, ao ser questionada por Renata Ceribelli sobre sua família, diz, como podemos observar na SD, a seguir:

SD 266 Helena mulher trans: no início, a gente não sabia como **explicar pras pessoas, como dizer; no momento da gestação, o pai que gera a criança.**

Ao responder à Renata, Helena deixa explícita a cobrança que a sociedade faz sobre a família: “explicar pras pessoas, como dizer, no momento da gestação, é pai que gera a criança”, dizendo que eles, o casal, tinham que explicar aos outros uma gestação em que o pai gera o feto; é a marca do dizer acerca da formação familiar religiosa, na qual só a mulher é responsável por gerar a prole, inclusive, as ações de cuidar, amamentar, entre outras, que, por muito tempo, foram ditas como atributos femininos, a saber, o mito do amor materno.

Ao utilizar-se da preposição “como”, Helena indicia também a sua própria estranheza em relação à situação de seu marido estar gerando uma criança no ventre, o que denota sua inscrição no discurso religioso, em que a mulher é quem deve gerar os filhos, não havendo outra possibilidade de ser; no entanto, como analisamos em outras SDs, relacionando-se à transexualidade, quase tudo foge à regra e norma estabilizada.

Mas, voltemos à nossa análise para a personagem da Alessandra. Na sequência que segue, ela e Renata falam sobre a sexualidade, porém, direcionando-a para o ato sexual. Ao ser questionada por Renata sobre sua vida sexual, Alessandra responde, como na SD a seguir:

SD 227 Alessandra mulher trans: **sou, sou virgem**, eu tenho **medo de me entregar à pessoa** e a pessoa me decepcionar.

Ao responder à Renata na SD acima, Alessandra faz questão de afirmar que é virgem: “sou, sou virgem”, discurso que retoma a memória da mulher casta, modelo de mulher que a igreja sempre pregou ser a mulher ideal para casar e constituir família. A virgindade é algo presente no discurso religioso e que, por muito tempo, vem dominando a ideia de que mulher decente é a mulher que permanece virgem até o casamento; talvez, a afirmação de Alessandra tenha sido nessa perspectiva de mostrar aos telespectadores que é uma mulher dentro dos parâmetros ditos pela igreja do que é ser mulher.

Novamente, Alessandra reafirma essa questão da condição da mulher e sua virgindade diante da sociedade e o que é dito pela igreja, pelo discurso religioso, ao dizer: “medo de me entregar à pessoa”; tal entrega é vista pela igreja como possível somente ao marido, em se tratando da mulher, sendo que, se essa entrega – a perda da virgindade – acontece não com o marido, a mulher era rechaçada e julgada como impura, pois a virgindade é sinônimo de pureza da mulher.

Historicamente, a mulher foi inferiorizada em relação ao homem; em se tratando da vida sexual, não era diferente. Enquanto, para um homem, ter várias parceiras era/é sinônimo de poder, de masculinidade, de vigor, para a mulher, como dito anteriormente, ter relação sexual, perder a virgindade antes do casamento era sinônimo de impureza e promiscuidade, o que lhe causava julgamento da sociedade e condenação.

A condenação é tida como a ação de condicionar alguém a algo/alguma coisa, em função de feito e, no caso dos sujeitos transexuais, são, por vezes, condicionados e condenados somente pelo fato de serem, como vamos analisar na seção a seguir. Tal discussão apresenta e reflete acerca do discurso jurídico sobre/para os sujeitos transgêneros, transexuais e travestis; eles, raras vezes, são amparados legalmente pelo discurso jurídico.

### 4.3 Jurídico Condena

O discurso legal, aquele inscrito no âmbito do jurídico, tem como premissa garantir a ordem social; sua aplicabilidade se estende de forma igual a todos os cidadãos. Isso é o que deveria acontecer, pois cada caso tem uma especificidade e a aplicabilidade da lei não é a mesma para todos os sujeitos ou, ainda, quando as leis não contemplam as especificidades desses sujeitos, como é o caso dos trans.

Então, cabe ao Estado garantir direitos e deveres aos transgêneros, mas, como observaremos na SD a seguir, isso não acontece. Segundo Cavalieri Filho (2003, p. 30): “as atividades humanas assumem forma múltiplas, econômicas ou não, mas todas elas podem ser reduzidas a dois tipos: atividades de cooperação e atividades de concorrência”. Essa “cooperação” e também a “concorrência” está demarcada no discurso jurídico, quando aplica a lei para o sujeito, entretanto, para que forma e para qual sujeito; assim, tem-se a concorrência.

Na próxima SD, temos a fala de Renata Ceribelli que, durante o segundo episódio, o qual discutiu questões sobre a medicação e a saúde da população transgênera, coloca em evidência a falha do Estado por meio do jurídico. Observemos:

**SD 106 Renata Ceribelli: é aí que muitos trans optam pela perigosa automedicação. Desde 2008, é possível fazer esse tratamento pelo SUS, em 9 centros pelo Brasil, mas é preciso ter mais de 18 anos e passar por acompanhamento psicológico. Você diria que entre os transexuais hoje, no Brasil, qual a porcentagem que acaba se automedicando por falta de um atendimento na rede pública?**

Na SD acima, Renata está em um contexto da série que fala sobre a medicação e as cirurgias no processo de transição que o sujeito transexual, segundo ela, passa. No início da SD, ela explicita que os sujeitos trans, em sua maioria, “optam pela perigosa automedicação” e, ao final da SD, se contradiz ao dizer questionar um médico sobre a porcentagem de pessoas trans que vão “se medicando por falta de um atendimento na rede pública”. Em um primeiro momento, a locutora afirma que o sujeito transexual é quem opta, quem escolhe pela automedicação, porém, depois, ela deixa evidente que o Estado, representado aqui pelo SUS, que deveria garantir esse atendimento, não comporta ou não fornece esse atendimento.

Em um outro momento, na mesma SD, ela aponta para a legalização do tratamento pelo serviço de saúde pública: “desde 2008 é possível fazer esse tratamento pelo SUS”, ou seja, o Sistema Único de Saúde, por lei, deve ofertar esse tipo de tratamento voltado para a transexualidade, no entanto, são poucos os centros de saúde que disponibilizam essa especialidade. Esse é um exemplo de como o Estado garante o direito na lei, torna isso legal por meio do jurídico, mas não oferece condições para que se cumpra.

Além de não propiciar essas condições para que mais centros de saúde sejam especializados no tratamento da transexualidade, o Estado ainda impõe algumas normas legais para que as pessoas tenham acesso a esses serviços, como é dito na SD “mas é preciso ter mais de 18 anos e passar por acompanhamento psicológico”. A conjunção adversativa “mas”, no enunciado, tem a função de negar o que foi dito anteriormente, por exemplo, o fato de o SUS oferecer o tratamento para a transexualidade, assim, concede o direito, mas restringe a alguns sujeitos, desde que cumpram o que lhe é exigido. Reforça-se, dessa forma, sempre, a questão do acompanhamento psiquiátrico ou psicológico, como foi dito na SD, reiterando a ideia de que esses sujeitos, os transgêneros, possuem de fato alguma disforia na mente.

No início do quarto e último episódio, Renata Ceribelli e Alessandra, mulher transexual já citada anteriormente como personagem desse capítulo, estão conversando sobre a vida de Alessandra; Renata questiona sobre quem Alessandra era antes e depois da cirurgia. Renata não cita especificamente qual cirurgia, mas, na SD anterior, disse que Alessandra havia entrado na sala de cirurgia há três anos para a “última etapa de transformação”. Ela responde o seguinte:

SD 217 Alessandra mulher trans: **a mulher Alessandra antes era uma mulher que tinha medo; ela tinha medo**, ela tinha vergonha de sair na rua, **ela tinha vergonha do julgamento**, de ser apontada na rua, vergonha de sentar de conversar e como se portar.

Na SD, Alessandra fala sobre o “julgamento”, algo corriqueiro do meio jurídico, porém, antes, ela ainda afirma “a mulher Alessandra antes era uma mulher que tinha medo, tinha medo”; Alessandra faz referência à realidade da vivência de quem é transexual. A palavra “medo”, que é sinônimo de temor, pavor, horror, inclusive a fobia, reflete essa realidade da violência vivida pelos sujeitos trans; em momento algum da SD ela afirma que perdeu esse medo.

“Ela tinha vergonha do julgamento”, afirma Alessandra, ainda na sua fala, julgamento que as pessoas fazem dos transexuais por serem destoantes dos padrões de gêneros impostos pela sociedade; esse julgamento é baseado em juízo de valor, na moral, em convicção e, como esses sujeitos têm poucas leis que os amparem na sociedade, ficam propensos à condenação à própria lei.

Assim, como já dito, trazemos outra SD que indicia a interdição do Estado por meio do jurídico, que se vale disso para limitar as possibilidades dos sujeitos trans. Nesse contexto, Renata evidencia algumas explicações sobre as cirurgias, como podemos observar na SD a seguir:

SD 194 Renata Ceribelli: **para fazer qualquer uma dessas operações pelo SUS, é preciso ser maior de 21 anos e ter passado por dois anos de acompanhamento médico e psicológico**, e a cirurgia mais complexa é, com certeza, a do órgão sexual.

Na SD, a imposição da cirurgia para os sujeitos transexuais já aparece no início da SD, é um já-lá, “para fazer qualquer uma dessas operações pelo SUS, é preciso ser maior de 21 anos e ter passado por dois anos de acompanhamento médico e psicológico”; não basta impor a esses sujeitos a cirurgia, pois o termo aparece no plural, mas sim, transmite-se a ideia de que os sujeitos trans precisam ir fazendo cirurgias até que estejam adequados.

A SD retoma a ideia de interditar legalmente esse sujeito, uma vez que, novamente, traz a informação legal de que existe uma idade mínima para que procedimentos operatórios sejam realizados nesses sujeitos, além do que eles “precisam” ter passado por um acompanhamento, a fim de atestar sua saúde e saúde mental, o que será feito também com base no acompanhamento psicológico de, no mínimo, dois anos.

Assim, retornando à série, ao primeiro episódio, no contexto que fala sobre Melissa, menina transexual de 12 anos, Renata, ao conversar com os pais da menina, percebe a emoção da mãe ao relatar sobre a reação dos familiares e do próprio pai, quando entendeu a condição da filha; a jornalista questiona a mãe, que responde:

SD 049 Mãe da Melissa: (ri sem graça) não era só ele, né? **A minha família inteira falava que a culpa era minha**, é você que deixa, **você que incentiva, porque com a gente não é assim**.

A mãe de Melissa revela sua emoção pelo sentimento de culpa, como ela mesma afirma na SD: “a minha família inteira falava que a culpa era minha”. Em momento algum da série ela diz que essa culpa não é dela, então, esse sentimento de remorso, da própria culpabilidade, deve ter levado essa mãe ao choro, à emoção, a revelar esse sentimento ainda evidente em sua fala.

“Você que incentiva, porque com a gente não é assim” - ela afirma a culpa ao utilizar a palavra incentivar, para falar sobre si, comparando-se aos demais familiares. É importante ressaltar essa questão do incentivo e lembrar que o sujeito trans não pode ser incentivado a ser; ele já o é quando nasce, só vai adquirindo características moldadas pela sociedade.

Diante disso, pode-se afirmar que a sociedade está evoluindo ou tem sofrido com o advento da informatização, a Revolução Tecnológica, o que favoreceu muito os meios de comunicação de massa, que ganharam uma propulsão exacerbada, fazendo da mídia o principal meio de comunicação e informação, até então, do século XXI. Portanto, não poderíamos deixar de mostrar como os sentidos circulam nesse espaço que é a mídia, observando e analisando como produz e faz circular os mais diferentes sentidos sobre a transexualidade (de certo modo, foi isso que viemos fazendo em toda a nossa dissertação. Contudo, aqui, colocamos esses dizeres em destaque).

#### **4.4 Midiático Expõe**

O discurso midiático foi pensado neste trabalho, uma vez que nosso objeto de análise é a série *Quem sou eu?*, a qual foi televisionada. Logo, tal discurso coloca em circulação os diferentes e mais variados sentidos, porém, não é possível saber como os telespectadores da série atribuíram significados aos dizeres que até eles chegaram pela televisão.

Para pensarmos em algumas possibilidades e alguns sentidos ideologicamente estabilizados sobre os sujeitos trans, trouxemos algumas SDs para compreender melhor o funcionamento do discurso da mídia na série. Isso pode ser observado na SD a seguir:

SD 040 Renata Ceribelli: **gênero só existem dois, o masculino e o feminino; transgênero é uma pessoa que não se identifica com o gênero de nascença**, por exemplo; uma pessoa que nasce homem, mas não se sente do gênero masculino, ou, que nasce mulher e não se identifica com o gênero feminino.

A SD acima faz parte do contexto do início do primeiro episódio da série, no qual Renata Ceribelli inicia a SD afirmando o dizer de que só existem dois gêneros “gênero só existem dois, o masculino e o feminino”; depois, ela termina a SD com a explicação sobre a transexualidade, mas, em nenhum momento da SD, ela fala sobre outra possibilidade de ser que não seja a de masculino ou feminino, como se não houvessem as pessoas não-binárias, as quais não se identificam com nenhum gênero.

Ela ainda afirma que “transgênero é uma pessoa que não se identifica com o gênero de nascença”; nessa afirmação, está dizendo que a pessoa já nasce com um gênero, novamente, marcando que existe um gênero, desconsiderando as outras possibilidades, e também faz toda a explicação sobre a transexualidade, baseada na binaridade masculino/feminino, homem/mulher, reafirmando dizeres acerca dos gêneros que contemplam apenas dois como possibilidade de serem, masculino ou feminino.

A exposição desses sujeitos na mídia, em sua maioria, infelizmente, tem sido nas manchetes de jornais ou noticiários, quando anunciam crimes de homicídio, nos quais os sujeitos trans são as vítimas. A série traz ainda, brevemente, um pouco desse contexto da violência para com esses sujeitos. Observemos a SD:

SD 141 Renata Ceribelli: **o caminho de Taís é tão perigoso quanto o de Alice**, quando deu de cara com a intolerância da Rainha de Copas. No reino da Rainha de Copas, todas as rosas têm que ser vermelhas, mesmo as que nasceram brancas, têm que ser vermelhas **e, diante de quem a contraria, ela ordena: cortem-lhe a cabeça**. A expectativa de vida das pessoas trans no Brasil não passa de 35 anos, cortem-lhe a cabeça! Em 2016, 177 trans foram mortos no país, cortem-lhe a cabeça! Desde o começo deste ano, já foram 33 assassinatos, cortem-lhe a cabeça! **Em nenhum outro lugar do mundo, os trans são vítimas de tanta violência, cortem-lhe a cabeça!** Cortem-lhe a cabeça! Cortem-lhe a cabeeeçaaaa! Tem saudade da família?

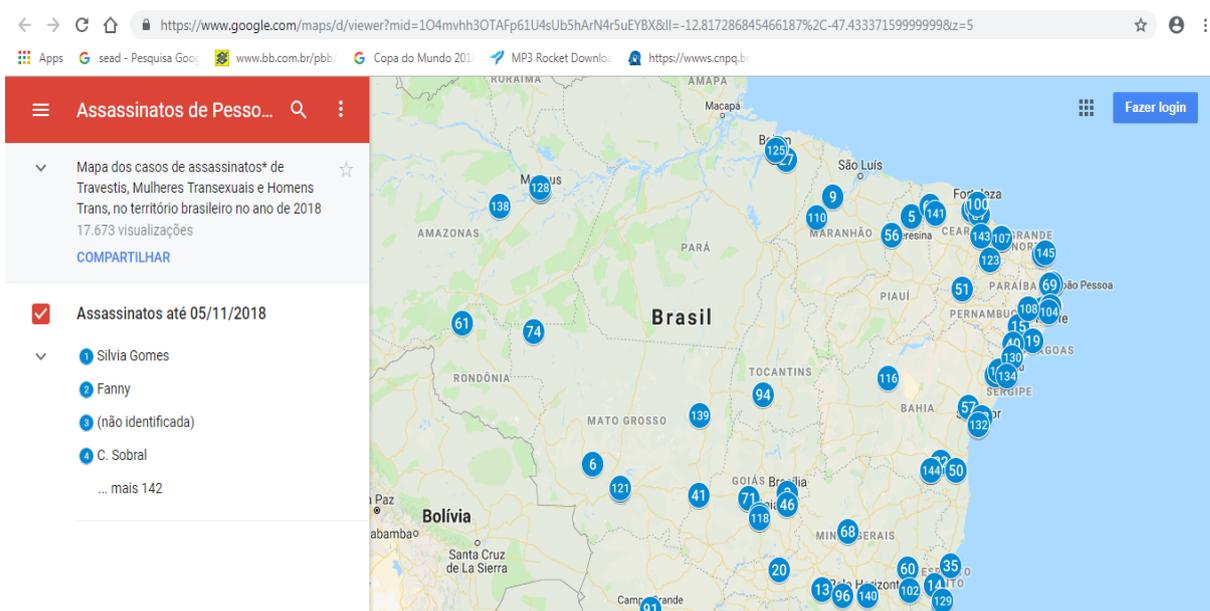
Na SD, ao dizer que “o caminho de Taís é tão perigoso quanto o de Alice”, Renata Ceribelli retoma uma memória muito presente, que é a das violências sofridas pelos sujeitos trans. Também, ao falar sobre perigo, retoma um contexto de marginalização desses sujeitos, pois, em sua maioria, trabalham na prostituição, atividade que é associada ao sujeito transexual mulher.

Utilizando-se do conceito de intertextualidade, ela ancora-se em uma cena da história infantil de *Alice no País das Maravilhas*, na qual a Rainha de Copas “diante de quem a contraria, ordena: cortem-lhe a cabeça”; assim, diz e fala sobre a intolerância sofrida pelos sujeitos trans e os atos de violência, associada ao ódio que os criminosos demonstram.

A SD traz alguns dados estatísticos, tais como: a expectativa de vida de transexuais, que é de 35 anos; os homicídios de 2016 (tendo em vista que a série foi transmitida entre os meses de março e abril de 2017) e, até o momento de sua circulação, em 2017, já haviam sido registradas 33 ocorrências de assassinatos de pessoas trans no Brasil.

Em pesquisa ao site da ANTRA (Associação Nacional de Travestis e Transexuais), encontramos dados atualizados dos homicídios de pessoas trans no Brasil, até a data de 05 de julho de 2018, sendo que foram catalogadas 146 mortes.

Trouxemos esse gráfico para evidenciar a necessidade urgente de políticas públicas e leis que protejam esses sujeitos, os quais estão perdendo o direito de viver, por conta da intolerância, preconceito e falta de conhecimento da sociedade.



Fonte: Associação Nacional de Travestis e Transexuais, Mapa dos Assassinatos, Mapa 2018. Dados catalogados até 05 de julho de 2018. Disponível em: <https://www.google.com/maps/d/viewer?mid=1O4mvhh3OTAFp61U4sUb5hArN4r5uEYBX&ll=-12.817286845466187%2C-47.433371599999999&z=5>. Acesso em 20 nov.2018.

Na mesma SD, Renata faz outra colocação “em nenhum outro lugar do mundo, os trans são vítimas de tanta violência, cortem-lhe a cabeça!”; com esse enunciado, ela expõe a situação de violência sofrida pelas pessoas trans e marca algo muito importante para se questionar: por que o Brasil, o nosso país, é o que mais mata pessoas transexuais no mundo?

O mesmo país que mais mata, que não cria leis para garantir os direitos desses sujeitos, é o que não lhes proporciona políticas de inserção no mercado de trabalho. Assim, os trans precisam se submeter a trabalhos coadjuvantes, informais e até mesmo ilegais. Na SD a seguir, é dito sobre a questão do trabalho e os sujeitos trans; observemos:

SD 143 Renata Ceribelli: mesmo assim, Taís segue sonhando; sonha um dia se tornar publicitária, como **a Manuela, que está desempregada**, mas sonha em ser produtora cultural; **ou a Dandara, que sonha em ser atriz, e hoje é assistente administrativo; o Gustavo é gerente de loja** e sonha em ser professor de educação física; **a Renata é recepcionista** e sonha em ser cantora; **o Rober é estriper** e sonha em ser administrador; **a Rafaela é prostituta** e sonha em ser coreógrafa; **já a Luiza, quer ser Engenheira e está conseguindo estudar pra isso**. Mas o caminho que a trouxe até aqui não foi fácil.

A SD traz o relato de várias situações referentes a trabalho e aos sujeitos transexuais. Primeiramente, “a Manuela está desempregada”, realidade de muitos sujeitos transexuais, o que, na maioria das vezes, principalmente em se tratando de mulheres trans, as condiciona à prostituição, pois é um mercado muito ativo no Brasil; e aí há uma certa incoerência, pois, se esse mercado sexual da mulher trans é ativo, porque elas são as que mais morrem?

Na sequência, Renata continua dizendo “ou a Dandara que sonha em ser atriz e hoje é assistente administrativo, o Gustavo é gerente de loja”. Na primeira sequência, a narradora deixa evidente que não vê a personagem Dandara como mulher, pois, ao referir-se à sua profissão, diz que ela é assistente administrativo; o correto seria assistente administrativa. Na segunda, ela traz uma exceção à regra, pois diz que Gustavo é gerente de loja, ou seja, esse homem trans ocupa um cargo

de destaque e de liderança, o que rompe com a ideologia dos trans serem coadjuvantes. Todavia, é filiada à matriz heterossexual, que, em geral, sustenta os homens em posições de poder, enquanto as mulheres (sejam cis ou trans) ocupam cargos subalternos.

Ela afirma que “Renata é recepcionista”, novamente, reforçando a ideia do trabalho do sujeito trans como coadjuvante e cita “Rober é estriper”, um homem trans que se utiliza do corpo “adequado ao conceito de masculino”, que o representa e, ao mesmo tempo, recai na ideia do corpo de homem, sem seios, malhado, com pelos, etc.

Finalizando a SD, ela fala sobre “Rafaela, que é prostituta”, e “já a Luiza, quer ser engenheira e está conseguindo estudar para isso”. Na primeira sequência, ela reforça a ideia da prostituição associada ao sujeito trans, mas também expõe uma possibilidade de mudança ao falar de Luiza; sua afirmação sobre Luiza aborda uma questão muito importante, que é o fato de ela querer ocupar um cargo de chefia como engenheira e estar conseguindo estudar, algo “garantido em lei”. Porém, não existem políticas de permanência para esses sujeitos; não há nada na educação básica, muito menos no ensino superior. E, novamente, o Estado legaliza o direito, mas não oferece condições.

**SD 184 Renata Ceribelli: hoje, com 26 anos, Luiza se prepara para tirar o pomo de adão; vai fazer também uma cirurgia no órgão sexual, tudo numa clínica particular, no Rio de Janeiro; ela não quis esperar pela fila do Sistema único de Saúde, que, desde 2008, faz esse tipo de operação.**

Na SD acima, marca-se como o Estado se exime do seu dever legal e funciona como um aparelho ideológico de repressão do sujeito, valendo-se das suas próprias leis, até porque é o Estado quem constrói e controla as leis. A exemplo disso, temos, nessa SD, Renata Ceribelli relatando os procedimentos de Luiza para alguns atos cirúrgicos: “hoje com 26 anos Luiza se prepara para tirar o pomo de adão; vai fazer também uma cirurgia no órgão sexual”, marcando a ideologia de adequação do sujeito trans à norma do corpo, de acordo com o gênero com que o sujeito se reconhece e será, então, reconhecido ou não pela sociedade.

Na sequência, Renata diz: “ela não quis esperar pela fila do Sistema único de Saúde, que desde 2008 faz esse tipo de operação” - para enfatizar que o Estado

está cumprindo com o seu dever, afinal, desde 2008, oferece as cirurgias, mas deixa escapar que ela não quis esperar pela fila; o que representa essa fila?

Algumas indagações foram feitas no decorrer deste capítulo de análise, as quais pretendemos responder adiante, nas considerações finais, que nos permitirão retomar nossas compreensões sobre os sentidos que circularam e circulam por/para os sujeitos transexuais na mídia, principalmente, no discurso jornalístico de domingo de um programa como o *Fantástico*.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS



GERDA WEGENER: "Sur La route d'Anacapri".

*"Que nada nos defina, que nada nos sujeite. Que a liberdade seja a nossa própria substância, já que viver é ser livre. Porque alguém disse e eu concordo que o tempo cura, que a mágoa passa, que a decepção não mata. E que a vida sempre, sempre continua" (Simone Beauvoir).*

A série *Quem sou eu?* retratou diversos dizeres sobre a transexualidade e os sujeitos trans, a qual, na medida do possível de ser dito pela/na língua/gem, fez circular os diferentes sentidos sobre o tema principal da série, a transexualidade.

Cabe destacar de antemão que a série teve uma contribuição social muito importante, pois, ao ser colocada em circulação, trouxe à tona discussões e informações sobre a transexualidade que eram desconhecidas por muitos. De certa maneira, a série teve uma função humanizadora de reconhecimento das pessoas transexuais. No início, pensamos que o tema escolhido era para atrair mais telespectadores, mas, no decorrer do trabalho, percebemos que alguns sentidos, postos em circulação, serviram de começo para uma ressignificação do que era e como era vista a transexualidade.

*Quem sou eu?* O título da série traz, primeiramente, um sentido de não saber de si, de autodesconhecimento, mas que pode ter servido também para que os telespectadores fizessem esse autoquestionamento sobre quem são. Principalmente, para aqueles que têm dúvidas sobre a sua sexualidade ou desconheciam formas diferentes de exercer a sexualidade, ou, simplesmente, de serem.

Outra questão que aparece no trabalho é o sujeito trans que, ao fazer parte da sociedade, é julgado por ela, excluído, mas, ao mesmo tempo em que é rejeitado, é um sujeito que produz dizeres e sentidos para e em nome dessa sociedade, a qual acolhe e exclui, ao mesmo tempo.

Fica evidente que o Estado, a instituição que tem o dever de garantir os direitos e deveres a todos os sujeitos, de forma igualitária e justa, por diversas vezes, exime-se dessa função, seja na escola, não garantindo a permanência dos sujeitos transexuais em instituições de ensino, seja na saúde, não oportunizando/disponibilizando a assistência necessária que o próprio Estado coloca como condição para os sujeitos trans; e por aí vai uma soma de descasos que inviabilizam invisibilizam esses sujeitos.

Existe uma resistência do Estado em legalizar as petições que surgem dos grupos, comunidades ou instituições correlacionados às causas dos sujeitos trans e dos LGBTQI+; isso justifica-se pelo fato de que, ao serem reconhecidos pela lei como sujeitos de direitos, eles poderão ocupar os mesmos lugares que os cidadãos não trans e, então, esse sujeito, que está à margem da sociedade, passaria a ser um sujeito de direito como os demais. No entanto, a sociedade e o Estado funcionam

como Aparelhos Ideológicos Repressivos sobre o sujeitos, de forma que concedem os direitos, mas não as condições para que exerçam e façam uso desses direitos, limitando-os em todos os segmentos.

A exemplo do que foi dito no parágrafo anterior, tivemos, recentemente, uma discussão no STF (Supremo Tribunal Federal) sobre a possibilidade de alteração do nome e do sexo/gênero nos documentos pessoais de pessoas trans, sem a condição de que tenham feito a cirurgia de redesignação sexual, vulgarmente conhecida como “mudança de sexo”, até mesmo porque não é vontade de todos os trans passar por esse tipo de cirurgia. A proposta de lei, que abordava o tema, foi aprovada e hoje é possível fazer essa alteração nos documentos sem a cirurgia, no entanto, ainda são exigidas algumas “comprovações” sobre a idoneidade do sujeito. Novamente, o Estado obriga-se a conceder o direito, mas impõe mecanismos de controle sobre os sujeitos trans.

O trans é um sujeito que não tem lugar na esfera religiosa, pois não há conhecimento de alguma religião que o tome como ele é; as religiões podem até aceitar o sujeito trans com o intuito de que se regenere, mude, enfim, enquadre-se no binarismo homem e mulher, pregado pela grande maioria das religiões, visto que entendem esse sujeito como pecador e desobediente aos ensinamentos de Deus/deuses.

Esse binarismo, citado anteriormente, tem uma base biológica do que é um corpo feminino e um corpo masculino, ideologia responsável pelo ideal de corpo masculino com pênis e sem seios e do feminino com vagina e com seios, características principais a serem modificadas quando se fala em sujeitos trans.

Os sujeitos trans, depois de todo o processo de aceitação de si mesmos, ainda são condicionados pela sociedade a se encaixar nesse padrão, apresentado anteriormente, do ser homem e do ser mulher, ou seja, todos acabamos nos inscrevendo em uma ideologia do corpo, que é ditada pela sociedade e interdita por vários outros meios, como é o caso de sujeitos que se submetem aos tratamentos considerados para os sujeitos transexuais.

Há, por parte do sistema público de saúde, como dito no texto, desde 2008, a oferta de tratamentos para a transexualidade, até porque, até o início do ano de 2018, isso era concebido pela medicina como uma doença mental. Mas, essa oferta de tratamento para a transexualidade foi disponibilizada para poucos centros de atendimento com essa especialidade, contudo, ainda foi criado algum pré-requisito

para submeter-se ao tratamento; dessa forma, tais requisitos atuam como interdição, por conta de idade mínima para cada etapa, tempo de acompanhamento e por aí vai um rol de regras a cumprir.

A demanda desse tratamento pelo SUS (Sistema Único de Saúde) sempre foi muito grande e, quando disponibilizado, foi restrito a alguns centros, o que ocasionou as grandes filas de espera, como dito no texto anteriormente. Essas filas justificam tal demanda de atendimento público de saúde para a população trans, que tardou em acontecer, mas, antes de tudo, as filas, ditas enormes, representam a quantidade de pessoas que fazem parte da sociedade e que não tinham seus direitos contemplados pela saúde pública. Esses sujeitos pagam seus impostos, assim como todos os outros, pois nenhum trans é livre de impostos por ser trans, então, não existe motivo para que não tenham assistência médica gratuita pelo fato de serem trans.

O discurso da medicina, em geral, entendeu o sujeito trans como doente e, por isso, talvez, tenha julgado necessário o acompanhamento/tratamento até então desses sujeitos, para que “alguém”, um outro, diga e ateste, ou ainda afirme sobre seu estado de ser trans. Como no início deste ano a transexualidade deixou de ser considerada uma doença, relacionada a um transtorno sobre a sexualidade, é possível que, nos próximos anos, a transexualidade perca esse sentido de doença mental, de modo que alguns profissionais parem de propor a cura para algo que não é doença.

Por se tratar de um programa dominical, o *Fantástico*, no qual circulou a série *Quem sou eu?*, tem uma grande audiência das famílias brasileiras, como dito anteriormente, o que propiciou que os dizeres sobre a transexualidade chegassem àqueles sujeitos que desconheciam, tinham dúvidas e não entendiam o que era mais essa forma de expressão da sexualidade. Ao mesmo tempo em que a série trouxe esses sujeitos e suas realidades de vivência para uma exposição, pois esses sujeitos vivem à margem da sociedade, escondidos em becos, ruas, casas noturnas, entre outros, também fez conhecer o que é a transexualidade, quem são os seus sujeitos, o que passam para sobreviver, propiciando a esses sujeitos uma visibilidade a nível nacional, que coloca em circulação os dizeres e sentidos sobre a transexualidade.

É importante essa visibilidade dos sujeitos trans, uma vez que tais sujeitos são invisibilizados, na maioria das vezes, também no mercado de trabalho, quando

conseguem adentrar o mercado de trabalho formal. A maioria dos sujeitos transexuais, principalmente as mulheres trans, vivem da prostituição. Há algumas exceções, mas que ocupam cargos de auxiliares como recepcionista, auxiliar administrativo, cozinheiro, diarista, professor(a), não cargos com prestígio social mais elevado, como médico, advogado, engenheiro, arquiteto, etc.

Existe uma resistência do jurídico em tornar o sujeito trans um sujeito contemplado pela lei em sua integridade, um sujeito de direito como todos os outros não trans. Esses sujeitos valem-se da legislação vigente, que ampara a grande parte da sociedade que é cisgênera, o que, em vários casos, não aplicar-se-ia aos sujeitos trans, mas isso é usado como instrumento de “justiça” para todos. Os sujeitos trans precisam, sim, de leis que contemplem e reflitam a sua especificidade de ser quem são, uma vez que a própria sociedade os coloca como diferentes e os exclui; pois bem, que existam leis diferentes para esses diferentes.

Essa questão legal, da falha do jurídico, reflete-se bem quando se trata de crime de transfobia, pois todos os crimes com esse perfil são noticiados como homicídios, como se não tivessem uma motivação única, que é o fato da vítima ser um sujeito trans.

Como mostrado anteriormente em nosso trabalho, com base em gráficos, inclusive, o Brasil é o país que mais mata sujeitos trans no mundo. Mas, há uma questão curiosa por trás desse fato, pois o país que mais mata é o país que mais assiste a vídeos pornográficos de pessoas transexuais. Então, nós pensamos na hipótese de que talvez isso respondesse algumas indagações. A formulação de leis em nosso país fica a cargo do legislativo, em diferentes instâncias; quem as coloca em prática é o executivo, em ambas as esferas, legislativo e executivo. Também não podemos esquecer o judiciário; nós encontramos somente pessoas da classe alta da sociedade, pessoas de prestígio, que zelam pelos valores da família (heteronormativa), que querem um sociedade melhor e assim vão se edificando seus discursos que são sempre os mesmos. E o que isso tem a ver com os sujeitos trans? Tem a ver que, possivelmente, essas pessoas de prestígio queiram, por meio da lei, ou pela falta delas, que os trans continuem à margem da sociedade como estão, pois a maioria das pessoas que fomentam o mercado da prostituição transexual são homens de família e bem-sucedidos. Diante disso, acreditamos que esses homens não queiram encontrar com um garoto de programa, com a qual “deu uma saidinha”, no shopping, quando estiver passeando com a sua família. Daí, a necessidade de

manter esses sujeitos à margem da sociedade. Essa é uma das várias hipóteses em que pensamos.

Há muito que se aprender sobre as diferentes formas de ser e exercer a sexualidade e é nesses ditos e não-ditos que os sujeitos trans vão legitimando a sua existência na sociedade; aquilo que parecia ser um sujeito impossível toma forma, corpo e voz, transformando aquilo que era impossível, possível com base na língua, na linguagem, nos dizeres, nos sentidos, na existência e na resistência.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS



GERDA WEGENER: "Um dia de verão".

*"Se vivermos durante muito tempo, descobrimos que todas as vitórias, um dia, se transformam em derrotas". Simone Beauvoir*

AIUB, Giovani Forgiarini. Quando o sujeito falha: reflexões a partir de noções de ideologia e formação discursiva. DOMÍNIOS DE LINGU@GEM (<http://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem>) – v.9, n.3 (jul/set. 2015) – ISSN 1980 – 5799.

BEAUVOIR, Simone de. **Na Força da Idade**, v.I. Tradução Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1961.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo, v.I, II. Tradução Sérgio Milliet. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980. BENTO, Berenice Alves de Melo. **O que é transexualidade?**. Editora Brasiliense, São Paulo –SP, 2008.

BOCK, Ana Mercês Bahia. **Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia**. 14ª Edição, São Paulo, SP, Saraiva. 2008.

BUTLER, Judith P. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro – RJ, 2003.

CAVALIERI FILHO, Sergio. **Programa de Sociologia Jurídica**. 13. ed. Rio de Janeiro – RJ.

CASSANA, Mônica Ferreira. **Corpo e(m) discurso: ressignificando a transexualidade**. 1ª edição. Editora Appris, Curitiba – PR, 2018.

CHASKO, Jonathan. “UM DOS HOMENS SERIA TRAVESTI”: ANÁLISE DO DISCURSO JORNALÍSTICO SOBRE AS TRAVESTIS EM CASCAVEL – PR. Dissertação de mestrado apresentada à Universidade Estadual do Oeste do Paraná – UNIOESTE, 2017.

COITO, Roselene de Fátima e SOARES, Alexandre S. Ferrari. Análise(s) do Discurso: gestos de interpretação em superfícies materiais; In: **O que fica da homossexualidade: a memória do futuro**. Cascavel, Pr, EDUNIOESTE, 2012.

COURTINE, Jean-Jacques. Analyse du discours politique: les discours communiste adressé aux chrétiens. **Langages**. Paris, Larousse, n. 62, 1981: 9-128.

DELA - SILVA, Silmara Cristina. A realidade - ficção do discurso televisivo / Silmara Cristina Dela - Silva – Dissertação do Instituto de Biociências e Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista São José do Rio Preto : [s.n.], 2004.

\_\_\_\_\_. O acontecimento discursivo da televisão no Brasil : a imprensa na constituição da TV como grande mídia / Silmara Cristina Dela da Silva. Tese de doutorado - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas – SP, 2008.

DEZERTO, Felipe Barbosa. Sujeito e sentido: uma reflexão teórica. Revista Icarahy Edição n.04 / outubro de 2010.

DIAS, Maria Berenice *et al.* Diversidade sexual e direito homoafetivo. Coordenação de Maria Berenice Dias. 2ª edição revista atualizada e ampliada. Editora Revista dos Tribunais, São Paulo – SP, 2014.

DIAS, Sandra. A função do nome próprio e da letra na obra de Van Gogh. Texto apresentado no V Congresso Nacional de Psicanálise da UFC, Fortaleza, 28 A 30 maio de 2009 “A letra, o olhar e a voz”.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. Lacan e a Análise de Discurso. In: **Discurso e sujeito trama de significantes**. BALDINI, Lauro & SOUZA, Lucília Maria Abrahão e (orgs.). São Carlos, EDUFSCAR, 2014, p. 143-182.

FERREIRA, Maria Cristina Leandro. Análise do discurso e suas interfaces: o lugar do sujeito na trama do discurso, p. 1-12.

FINK, Bruce. **O sujeito laciano**: entre a linguagem e o gozo. Rio de Janeiro – RJ, 1998.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade: o cuidado de si**. Edições Graal, Rio de Janeiro – RJ, 1985.

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 1: a vontade de saber**. 13ª edição. Edições Graal, Rio de Janeiro – RJ, 1988

\_\_\_\_\_. **História da sexualidade 2: o uso dos prazeres**. 8ª edição. Edições Graal, Rio de Janeiro – RJ, 1998.

GADET, Françoise; HAK, Tony. [1969]. **Por uma análise automática do discurso**. Uma Introdução à Obra de Michel Pêcheux. Editora da Unicamp, 1997.

GRIGOLETTO, Evandra. Do lugar social ao lugar discursivo: o imbricamento de diferentes posições-sujeito, p.1-11.

HARTMANN, Fernando. Sujeito do inconsciente e sujeito em análise de discurso: diferenças e aproximações, p.1-3.

JESUS, Jaqueline Gomes. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. Guia técnico sobre pessoas transexuais, travestis e demais transgêneros, para formadores de opinião. 2ª edição – Revista ampliada. Brasília – DF, 2012.

KATZ, Jonathan Ned. **A invenção da heterossexualidade**. Ediouro, Rio de Janeiro – RJ, 1996.

KUSS, Ana Suy Sesarino. **Amor, desejo e psicanálise**. Editora Juruá, Curitiba – PR, 2015.

MAGALHÃES, Belmira Rita da Costa. Diálogo (im)possível entre as concepções de sujeito em Althusser, Pêcheux e Marx. In: **Ler Althusser hoje**. SOUZA, Lucília Maria Abrahão & GARCIA, Dantielli Assumpção (orgs.). São Carlos, EDUFSCAR, 2017. p. 17-29.

MALDIDIÉ, Denise. A inquietação do discurso – **(Re)ler Michel Pêcheux hoje**. Tradução Eni P. Orlandi. Campinas, SP, 2003.

MALUF-SOUZA, Olímpia. Que sujeito? Interfaces entre o sujeito do inconsciente e o sujeito da ideologia. In: Discurso, sujeito e memória. MALUF-SOUZA, Olímpia et all (orgs.). Campinas, Pontes/UNEMAT, 2012, p. 109-122.

MARIANI, Bethania. Constituição do sujeito: percursos da linguística e da psicanálise. In: Discurso, sujeito e memória. MALUF-SOUZA, Olímpia et all (orgs.). Campinas, Pontes/UNEMAT, 2012, p. 31-46.

\_\_\_\_\_. Nome próprio e constituição do sujeito. Letras, Santa Maria, v. 24, n. 48, p. 131-141, jan./jun. 2014.

NASCIMENTO, Marcos Bulcão. Alienação, separação e travessia da fantasia. Opção Laciana online nova série, Ano 1 • Número 1 • Março 2010 • ISSN 2177-2673.

NAGEM, Gláucia. Os discursos nas voltas de uma análise. In: **Dois campos em (des)enlaces: discurso em Pêcheux e Lacan**. MARIANI, Bethania et all (orgs.). Rio de Janeiro, 7Letras, 2012, p. 131-135.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **Análise de Discurso: princípios e procedimentos**. 12ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2015.

\_\_\_\_\_. **Discurso e Texto: formulação e circulação dos sentidos**. 4ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2012.

\_\_\_\_\_. **Palavra, fé e poder**. Org. Eni Puccinelli Orlandi. Campinas – SP, editora Pontes, 1987.

\_\_\_\_\_. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6ª edição, Campinas – SP, editora da UNICAMP, 2007.

\_\_\_\_\_. O sujeito discursivo contemporâneo: um exemplo. In: **Análise do discurso no Brasil – mapeando conceitos, confrontando limites**. INDURSKY, Freda & FERREIRA, Maria Cristina Leandro (orgs.). São Carlos, Clara luz, 2007, p.11-20.

PACHECO, Ana Laura Prates. Quando não se diz nada fora da palavra. In: **Discurso e psicanálise: a-versão do sentido**. CAVALLARI et all (org.). Campinas, Pontes, 2016, p.143-157.

PÊCHEUX, Michel. **Análise de Discurso: Michel Pêcheux Textos Selecionados: Eni Puccinelli Orlandi**. 4ª Edição, Pontes Editores, Campinas, SP. 2015.

\_\_\_\_\_. **Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio**. 2ª Ed. Campinas – SP. Editora da Unicamp. 1995.

\_\_\_\_\_. **O Discurso: estrutura ou acontecimento**. Tradução: Eni Puccinelli Orlandi. 5ª edição. Campinas – SP, Pontes editores, 2008.

PEREIRA, Fernanda. CORPOS EM PROTESTO: Análise Discursiva do Movimento FEMEN. 2017. (160 f.). Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná. Cascavel.

PERROT, Michelle. Minha história das mulheres. Editora contexto, São Paulo – SP, 2007.

POLI, Maria Cristina. “Alienação” na psicanálise: a pré-história de um conceito. Psychê —Ano IX —nº 16 —São Paulo —jul-dez/2005 —p. 133-152.

SOARES, A. S. F. A Homossexualidade e a AIDS no Imaginário de Revistas Semanais (1985 - 1990). 2006. 238 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal Fluminense, Niterói. 2006.

SODRÉ, Muniz. Técnica de reportagem: notas sobre a narrativa jornalística. Muniz Sodré, Maria Helena Ferrari – São Paulo : Summmus, 1986.

SOUZA, Levi Leonel de. O desejo do discurso em Foucault: ou a vontade de verdade e da paixão por dizê-la. In: **Discurso e sujeito trama de significantes**. BALDINI, Lauro & SOUZA, Lucília Maria Abrahão e (orgs.). São Carlos, EDUFSCAR, 2014, p. 201-214.

SOUZA, Pedro de. A voz em desatino: dizer a si na palavra cantada. In: **Discurso e sujeito trama de significantes**. BALDINI, Lauro & SOUZA, Lucília Maria Abrahão e (orgs.). São Carlos, EDUFSCAR, 2014, p. 99-120.

ZANELLA, Alexandre da Silva. Espaços atravessados: sujeitos homossexuais no discurso jornalístico sobre a cidade. Tese de Doutorado em Estudos de Linguagem – Universidade Federal Fluminense, Instituto de Letras, Niterói – RJ, 2017.

ZANCHETTA, Juvenal. Imprensa escrita e telejornal. Juvenal Zanchetta Junior – São Paulo, UNESP, 2004.

ZOPPI-FONTANA, Mónica Graciela & AMARAL, Maria Virgínia Borges. Análise de discurso e o materialismo histórico. In: **Análise do discurso: dos fundamentos aos desdobramentos –30 anos de Michel Pêcheux**. INDURSKY, Freda, FERREIRA, Maria Cristina Leandro e MITTMANN, Solange (orgs.). Porto Alegre, Mercado das letras, 2015, p. 35-54.

#### **Sites pesquisados**

<https://fpabramo.org.br/2009/04/02/a-responsabilidade-social-da-midia-por-venicio-lima/>

<http://observatoriodaimprensa.com.br/primeiras-edicoes/dnis-de-moraes/>

<https://antrabrazil.org/>

<http://memoriaglobo.globo.com/>

## ANEXOS



GERDA VEGENER: "Lili Elbe".

*"Parecia-me que a Terra não seria habitável se não houvesse alguém que eu pudesse admirar". (Simone de Beauvoir).*

## **Sequências Discursivas (SDs): Transcrições<sup>21</sup> da Série: “Quem Sou eu?”.**

### **Episódio 1**

SD001 Tadeu Schmidt: no dicionário a palavra trans, significa além dê, gênero é o que identifica e diferencia homens e mulheres, ou seja, o gênero masculino e o gênero feminino, e transgêneros são aqueles que vão além do simples conceito de masculino e feminino.

SD002 Poliana Abritta: a partir de hoje a gente convida você a conhecer a vida dessas pessoas que enfrentam um caminho difícil para assumir uma nova identidade, a nossa viagem começa diante do espelho.

SD003 Renata Ceribelli: Olhe no espelho? Olhe e imagine que o que você vê, não é o que você é!

SD004 Entrevistada mulher trans1: Eu tenho uma alma feminina, num corpo masculino.

SD005 Cristiano homem trans: Por mais que não esteja nos meus registros, hoje eu não aceito que me trate por um nome diferente de Cristiano.

SD006 Entrevistado homem trans1: Hoje meu corpo me representa.

SD007 Entrevistado homem trans2: É como se eu tivesse passado a vida inteira dentro de um quarto, e agora, é como se eu tivesse me libertado de tudo isso, eu sei realmente quem eu sou.

SD008 Entrevistado homem trans 3: Tem dias que eu acho que as pessoas só conseguiriam entender, se elas fossem quem eu sou, ou, se eles pelo menos me deixassem ser.

SD009 Renata Ceribelli: Parte da beleza, do mistério, da força da diversidade humana, juntos somos como uma árvore, cheia de ramificações.

SD010 Entrevistada mulher trans 2: A parte mais difícil da infância é que eu já sabia que era mulher, mas as pessoas não me viam assim.

SD011 Entrevistado homem trans 4: Hoje eu tenho prazer em me olhar, esse é o rosto que eu sempre quis ter.

SD012 Entrevistada mulher trans 3: Porque que os homens passam a me olhar de uma outra forma, só porque eu disse que sou uma mulher transexual?

SD013 Entrevistado homem trans1: tenho orgulho da minha cicatriz que eu carrego aqui no peito.

SD014 Entrevistada mulher trans 4: Eu quero operar, mas não é uma cirurgia que vai me tornar mais mulher, eu já sou mulher.

SD015 Renata Ceribelli: Alice no país das maravilhas, quem nunca ouviu falar desse livro? Ele foi escrito há 152 anos pelo inglês Lewis Carroll, e já foi recontado inúmeras vezes das mais diferentes formas. A partir de hoje, nós vamos mostrar essa história pelo olhar da Alice. Ela vai representar todas essas pessoas que sentem que nasceram no corpo errado e estão em busca de sua identidade. Tudo começa numa corrida contra o tempo. Alice quer alcançar o coelho branco e seu

---

<sup>21</sup> As transcrições que fazem parte deste trabalho, sobre a série *Quem sou Eu?*, são de responsabilidade da autora desta dissertação.

relógio, os transeuntes também tem pressa, pressa em responder a uma única pergunta, Quem sou eu? Melissa tem 11 anos, adora o apelido que ela mesma criou, Mel. Desde quando você passou a não gostar que te chamassem de Miguel?

SD016 Melissa menina trans: Sempre, totalmente sempre.

SD017 Renata Ceribelli: A maquiagem é pra reforçar isso, eu sou uma menina?

SD018 Melissa menina trans: Não, eu sempre me senti menina, independente de maquiagem.

SD019 Renata Ceribelli: Quando que vocês perceberam que a Mel na verdade era uma menina e não um menino?

SD020 Pai da Melissa: ah, acho que, assim, desde, de... de muito cedo, quando, quando ela começava a... a utilizar roupas da, da...da Karina (mãe da Melissa), é sapatos.

SD021 Renata Ceribelli: e você fazia o quê?

SD022 Pai da Melissa: eu, f... eu até chegava a falar assim: puxa, porque que cê, cê num coloca uma camisa minha, num sei o que, e até ela chegou a, a usar mais fazia como vestido. Então não adiantava muito.

SD023 Renata Ceribelli : e você ficava bravo?

SD024 Pai da Melissa: ah, eu, eu ficava incomodado...

SD025 Mãe da Melissa: ficava muito bravo!

SD026 Pai da Melissa: é...

SD027 Melissa menina trans: pra mim eu tava fantasiada de menino até 9 anos, 9 anos com uma fantasia quente e pinicante, e aí eu pedi de aniversário, isso era em agosto de 2015, que ela ( a mãe) me transformasse em menina. Era o meu maior presente.

SD028 Renata Ceribelli: os pais foram procurar ajuda no Instituto de psiquiatria do Hospital das Clínicas de São Paulo, o primeiro centro público de atendimento para crianças transeuntes no Brasil, e lá conheceram outros pais, que vivem a mesma situação.

SD029 Mãe de criança trans1: eu tenho que mostrar pra ele, que se ele tá querendo se transformar em menina, ele vai sofrer alguma coisa com isso.

SD030 Mãe de criança trans2: não precisa se vestir de menina pra ser gay, porque eu achava que ela queria se vestir de menina por ser homossexual.

SD031 Renata Ceribelli : todos aqui achavam também que seus filhos seriam homossexuais?

SD032 Mãe de criança trans1: (resmungando) primeira impressão né?

SD033 Renata Ceribelli : ninguém pensava na palavra transeuntes?

SD034 Pai de criança trans1: na verdade eu, nós, por exemplo, nem sabíamos que existia né? A gente não tinha essa informação.

SD035 Pai de criança trans2: eu como pai, eu olhava, e eu achava assim, eu falava meu, que, que, que é isso? Ele deve tá copiando algum personagem de desenho, eu achava que eu tava criando errado e que eu tinha que mudar, porque você escuta, oh! Da boneca pra menina e da carrinho pra menino.

SD036 Renata Ceribelli: essa é uma grande confusão sobre o assunto, ser um menino ou uma menina gay, é questão de orientação sexual.

SD037 Médico Alexandre Saadeh: a orientação sexual, ela designa quem eu escolho pra ter uma atividade sexual, quem me desperta desejo. Então, a noção que eu tenho de ser homem, eu posso ter um desejo por uma mulher, vou ser heterossexual, por um outro homem, vou ser homossexual, pelos dois eu vou ser bissexual,

SD038 Renata Ceribelli : ser trans, é uma outra questão, trata-se de identidade de gênero.

SD039 Médico Alexandre saadeh: a identidade de gênero é a definição, se é homem ou se é mulher, como ela se sente, se percebe, se vê, como ela se reconhece.

SD040 Renata Ceribelli: gênero só existem dois, o masculino e o feminino, transgênero é uma pessoa que não se identifica com o gênero de nascença, por exemplo; uma pessoa que nasce homem, mas não se sente do gênero masculino, ou, que nasce mulher e não se identifica com o gênero feminino.

SD041 Pai de criança trans<sup>3</sup>: por falta de conhecimento e de informação, e pros pais já cansei de ouvir, se fosse gay seria ótimo, mas trans?é muito.

SD042 Renata Ceribelli: o processo não é simples e causa muito sofrimento pra criança e pra família, e é comum também os casais entrarem em conflito.

SD043 Mãe da Melissa: eu nunca fui contra.

SD044 Renata Ceribelli: e você sim?

SD045 Pai da Melissa: é eu, eu não, também não tinha o conhecimento mas, me, me aborrecia

SD046 Renata Ceribelli :Você como pai, pra você era mais difícil?

SD047 Pai da Melissa:era difícil, era difícil tanto é que chegou um, um, um momento da, da, da nossa vida, que a gente até se separou, eu achava que quem propiciava tudo isso era a Karina.

SD048 Renata Ceribelli : você fica emocionada né?

SD049 Mãe da Melissa: (ri sem graça) não era só ele né, a minha família inteira falava que a culpa era minha,é você que deixa, você que incentiva, porque com a gente não é assim.

SD050 Pai da Melissa: e na verdade né, uma das primeiras coisas que a gente aprendeu lá com o DR. Saadeh é que ou o pai ou a mãe nunca, num, num, num tem esse poder ainda de poder mudar o gênero de uma pessoa.

SD051 Médico Alexandre Saadeh: os pais não são culpados de uma criança ter uma questão de gênero, não tem isso, não existe isso.

SD052 Renata Ceribelli: como a ciência explica a origem do transgênero?

SD053 Médico Alexandre Saadeh: no embrião humano né, a, a genitália se forma por volta da décima semana, enquanto isso o cérebro está em desenvolvimento, mas por volta da vigésima semana, se defini a área que da a identidade de gênero que a gente chama.

SD054 Renata Ceribelli: ou seja?

SD055 Médico Alexandre Saadeh: genitália masculina, um cérebro masculino, genitália feminina, um cérebro feminino, ou o contrário, a genitália masculina, mas o cérebro se estruturou como feminino ou a genitália feminina e o cérebro se estruturou como masculino.

SD056 Renata Ceribelli: aí a gente tem o caso de uma criança que vai nascer transgênero?

SD057 Médico Alexandre saadeh:sim, e isso vai se manifestar por volta dos 2,3, 4 anos de idade, que é quando a criança tem uma maturidade neurológica pra dizer se é menino ou se é menina.

SD058 Renata Ceribelli: então a gente pode dizer que um transgênero já nasce assim?

SD059 Médico Alexandre Saadeh: nasce! não é escolha, não é influência do meio, porque se fosse influência do meio, não existiria transgênero.

SD060 Renata Ceribelli: imagine ter 11 anos, apenas 11 anos, e ter que tomar uma decisão como a de Alice, ela está diante de várias portas e tem que passar pela menor delas, a mais difícil, as portas simbolizam os vários caminhos que uma pessoa pode seguir. A Melissa vai passar por um tratamento que vai atrasar sua puberdade, ela vai fazer um bloqueio hormonal.

SD061 Médico Alexandre Saadeh: Então assim, quando começa a mudança corporal, a gente interrompe isso.

SD062 Mãe da Melissa: Ela não vai desenvolver como um menino, ela não vai desenvolver, não vai ter.

SD063 Pai da Melissa: características.

SD064 Mãe da Melissa: engrossar a voz, não vai ter gogo, não vai desenvolver como uma criança assim, pra puberdade masculina.

SD065 Renata Ceribelli: o bloqueio hormonal é a primeira fase do tratamento o objetivo é adiar a puberdade até que médicos e psicólogos possam dizer seguramente que aquela pessoa é trans, o Conselho Federal de Medicina permite que seja feito em crianças a partir de 12 anos de idade e só depois, por volta dos 16 anos é que o adolescente trans pode começar a tomar hormônios. Agora porque precisa bloquear, e não já entrar com tratamento hormonal direto?

SD066 Médica Leandra Steimetz: então, isso você bloqueia primeiro porque é muito inicial, porque se você começa já dá o hormônio é do sexo oposto nessa idade, você primeiro atrapalha todo o crescimento, e depois num, cê num desenvolve a puberdade adequadamente, esse é um tratamento totalmente reversível.

SD067 Renata Ceribelli: a Melissa uma hora vai ter que crescer, e cada vez mais, ela e a Alice vão ter a sensação de estarem num corpo inadequado, o que gera muito sofrimento, é numa lagoa de lágrimas que a Alice vai conseguir chegar no país das maravilhas, e a Melissa vai deixar pra trás, pra sempre, o menino Miguel.

SD068 Mãe da Melissa: depois das férias ela voltou de menina, mas antes disso ela já tinha falado pra todo mundo que ela queria ser uma menina, então não foi um, todo mundo já sabia.

SD069 Melissa menina trans: Então né, já faz algum tempo que eu vim explicar isso pra vocês, que eu queria fazer essa transição né de mudança de sexo, quem lembra

de mim quando eu era menino, eu era muito tímido...é tímida, muito comprimida, eu era no meu canto, e agora eu sou bem mais solta, sei lá, sou mais livre.

SD070 Professora da classe Melissa: que agora você tá mais feliz né?

SD071 Melissa menina trans: sim, aí eu compartilhei isso com vocês e vocês aceitaram super bem, e eu adorei isso, que eu pude confiar numa sala que eu ia levar pra vida toda, os amigos de coração, eu poderia ter a escolha de viver infeliz, e continuar minha vida inteira sendo infeliz, ou poderia ter a escolha de ser feliz e continuar nesse caminho que vai me fazer ser uma pessoa feliz.

SD072 Tadeu Schmidt: domingo que vem, os conflitos e descobertas de jovens trans que começam a mudar o corpo.

## **Episódio 2**

SD073 Renata Ceribelli: Bernardo está fazendo 15 anos, vai começar uma nova fase da vida.

SD074 Bernardo homem trans: eu era uma menina, me vestia como menina, e aí eu decidi me tornar quem eu sou.

SD075 Renata Ceribelli: ele está mais próximo do dia em que vai fazer um tratamento hormonal, pra que seu corpo ganhe traços mais masculinos.

SD076 Bernardo homem trans: Pra fazer pêlos crescerem e, voz engrossar, pra aperfeiçoar as características masculinas que meu corpo tem.

SD077 Renata Ceribelli: e assim o Bernardo pretende deixar pra trás um período difícil, que veio logo depois, de ele entrar na puberdade.

SD078 Bernardo homem trans: É difícil pra um homem ver que ele tá se tornando uma mulher, né?

SD079 Renata Ceribelli: a história de Bernardo bem que podia ser a história da Alice no país das Maravilhas, o livro começa com Alice correndo atrás de um coelho, que carrega um relógio de bolso, a menina acaba em um lugar mágico o país das maravilhas, é pura fantasia, mas o que sente Alice representa muito bem, não só o Bernardo, mas todos os trans que estão em busca de sua identidade e querem responder, quem sou eu?

SD080 Bernardo homem trans: tem dias que, eu não consigo me levantar da cama, porque eu fico muito triste com isso, eu não podendo ser quem eu sou, sabe? Não podendo sair na rua, e tirar uma camiseta, e eu também não vou me vestir de menina, então é muito complicado pra mim não ter o corpo que eu devia ter.

SD081 Renata Ceribelli : E como foi pra você, como mãe, lidar com essa situação?

SD082 Mãe de Bernardo: ããã uma certa impotência, né? Porque o que a gente quer, qualquer mãe, o que a gente quer, a gente não quer ver o filho passando por uma situação de dor, de angústia.

SD083 Renata Ceribelli: Luciana (mãe de Bernardo) foi mãe solteira e sempre tentou buscar a melhor forma de criar o filho, mas como qualquer mãe tem medo de errar.

SD084 Mãe de Bernardo: pensava, será que eu como mulher to passando alguma imagem ruim do feminino pra ele? Porque ele nega tanto né? O feminino, o quê que tá acontecendo, será que sou eu?

SD085 Renata Ceribelli: Cê falava pra sua mãe eu sou um menino eu não sou uma menina?

SD086 Bernardo homem trans: falava.

SD087 Mãe de Bernardo: falava.

SD088 Renata Ceribelli: desde que idade cê ouviu isso?

SD089 Mãe de Bernardo: ã começou a falar, expressar mesmo que não queria ser menina com 6 anos.

SD90 Renata Ceribelli: isso te assustou?

SD091 Mãe de Bernardo: sim, claro, eu, eu pensei o que eu vou fazer agora né? Eu me senti sozinha, eu não vou conseguir lidar com isso sozinha, então eu vou buscar ajuda.

SD092 Renata Ceribelli: Luciana levou o filho á vários psicólogos, nenhum, conseguia entender que Bernardo era um garoto trans.

SD093 Mãe de Bernardo: e a gente tava caminhando, e ele falou, mãe! vamos parar que eu preciso comprar um brinco, que eu preciso chegar de brinco. Aí eu falei, mas porquê? Porque, eu prometi pra minha psicóloga que eu vou usar, vou usar brinco. E foi quando eu percebi, bom! não é dessa forma, eu não to levando o Bernardo pra se curar de alguma coisa, pra voltar a ser menina, nada disso, é pra gente entender o que tá acontecendo.

SD094 Renata Ceribelli: foi então que Luciana tomou uma decisão, iria finalmente permitir que Bernardo fosse quem ele queria ser.

SD095 Mãe de Bernardo: era o sonho dele ter um moicano aos 6 anos,7 anos de idade, e eu banquei, falei olha, você vai, você vai ter que lidar com as crianças, com o que elas vão falar com você, e eu vou lidar com os pais, porque eu já sabia que ia ser, é, paulada.

SD096 Renata Ceribelli: mas a reação na escola, foi pior do que eles esperavam.

SD097 Bernardo homem trans: ninguém me entendia, muita gente vinha me perguntar se eu era menino ou menina, muita gente vinha e me empurrava, e puxava minha calça pra ver quê que tinha dentro, ninguém nunca conseguiu, mas todo mundo puxava minha calça, é tinha gente que me batia por causa disso, sabe? eu sofri muito nessa época.

SD098 Renata Ceribelli: no jardim das maravilhas as flores são falantes, e querem saber qual tipo de flor é Alice, mas Alice diz que não é uma flor como elas, as flores dizem então que ela é um mato, e por isso tem que ser desprezada e expulsa do jardim.

SD099 Bernardo homem trans: o bullying eu sei que ele nunca vai acabar, porque eu sou quem eu sou, e tem pessoas que se sentem ofendidas, porque a diferença sempre traz discórdia né?

SD100 Renata Ceribelli: Este ano Bernardo mudou de escola, hoje é seu primeiro dia de aula, e ele já vai chegar se apresentando como um menino, se os novos amigos vão aceitá-lo como um menino só o tempo dirá, mas ele vai continuar tendo o apoio da pessoa mais importante.

SD101 Mãe de Bernardo: ele é uma pessoa muito valente, muito forte né? Eu tenho muito orgulho dele ser transexual e dele ser a pessoa que ele é, me enche de orgulho.

SD102 Renata Ceribelli: quando toca piano Andreia se transporta para outro mundo, consegue fugir por um instante da realidade dela.

SD103 Andreia mulher trans: a música sempre foi um refúgio para mim, na minha infância eu realmente num, num tive muitos amigos, na escola mesmo eu, tentava me misturar mais com as garotas, às vezes acabava mais isolada, porque né? Me enxergavam como menino.

SD104 Renata Ceribelli: Andreia tinha 16 anos quando descobriu na internet histórias parecidas com a dela.

SD105 Andreia mulher trans: quando eu descobri que, tinha um lugar que me encaixava eu tive um alívio muito grande, ao mesmo tempo que eu tirei um peso, entrou outro, o peso de que eu descobri que, na maioria das vezes essas pessoas eram marginalizadas, que sofriam muito preconceito, então, saiu a dúvida e entrou o medo. Quando eu decidi que ia começar o tratamento hormonal, eu realmente tava assim no ápice da insatisfação comigo mesma.

SD106 Renata Ceribelli: é aí, que muitos trans optam pela perigosa automedicação. Desde 2008 é possível fazer esse tratamento pelo SUS, em 9 centros pelo Brasil, mas é preciso ter mais de 18 anos e passar por acompanhamento psicológico. Você diria que entre os transexuais hoje no Brasil, qual a porcentagem que acaba se automedicando por falta de um atendimento na rede pública?

SD107 Médico Alexandre Saadeh: dos adolescentes que chegam no ambulatório hoje, mais de 70% já tomam medicação, e as vezes com dosagens altíssimas e correndo risco de saúde, por exemplo, se é um, biologicamente um menino, mas se acredita uma menina, se é uma mulher transexual, uma menina transexual, se toma hormônios femininos em altas dosagens, e talvez, não sejam os hormônios indicados para aquele funcionamento metabólico, ela corre o risco de ter um AVC, tromboembolia, uma série de questões que ela não precisaria passar por isso se tivesse um centro que atendesse, que olhasse, que acompanhasse, pra essa pessoa em especial.

SD108 Renata Ceribelli: tem risco de vida?

SD109 Médico Alexandre Saadeh: tem, tem.

SD110 Renata Ceribelli: quando leu sobre os perigos, Andreia decidiu esperar, e só hoje com 22 anos, está passando pelo tratamento hormonal.

SD111 Andreia mulher trans: até tomar o primeiro comprimido eu, eu tava morrendo de medo, eu fiz um, toda uma cerimônia, eu coloquei música, fiquei olhando sozinha no meu quarto, e, quando eu tomei o primeiro comprimido eu pensei agora não tem mais volta, depois dele eu não volto mais. Com os hormônios eu senti uma grande diferença na, na pele, ah, ela ficou muito mais suave, a quantidade de pelos diminuiu bastante, e eu ganhei mais curvas também, na cintura né? no bumbum também, os peitos também cresceram razoavelmente, o cabelo eu também senti uma boa diferença.

SD112 Renata Ceribelli: e durante essa transformação, várias questões estão surgindo para Andreia. No país das maravilhas, Alice também se vê perdida e cheia

de dúvidas sobre o caminho que está seguindo, até que ela encontra o chapeleiro maluco numa mesa de chá, e faz muitas perguntas. Andreia vai viver agora uma experiência parecida. Nesse chá nós reunimos especialistas de diferentes áreas para responder as dúvidas da Andreia, que tá passando por um momento de transformação corporal. Surge uma dúvida nova todo dia nessa fase que você está tomando hormônios?

SD113 Andreia mulher trans: todo dia eu me olho no espelho e vejo alguma mudança, e me pergunto. Onde essa mudança vai me levar?

SD114 Renata Ceribelli: quem pode responder isso pra ela?

SD115 Médica Karem Seidel: Se ela tiver fazendo o acompanhamento regular, usando os medicamentos direitinho, na dose que a gente prescreve, ela em torno de dois anos já estará assim, uma mulher linda, maravilhosa, do jeito que ela deseja.

SD116 Renata Ceribelli : mas para manter as formas conquistadas, Andreia terá que tomar o hormônio feminino pro resto da vida. Se depois de dois anos, quando ela já tiver se sentindo melhor e com um corpo mais feminino, é, é a hora dela pensar numa cirurgia?

SD117 Médico Eloísio Alexsandro: a pessoa que ta vivenciando isso, nesse processo ela segue um acompanhamento, faz um acompanhamento psicológico, psiquiátrico, ou pela equipe de saúde mental, e no seu momento ela vai dizer se deseja ou não algum procedimento de modificação corporal cirúrgico.

SD118 Psicóloga Clarice: é importante a gente dizer que essa transição de gênero ela não envolve só uma transição do corpo, né? Ela envolve toda uma, uma mudança social, de reconhecimento de si, de reconhecimento pra família, de reconhecimento pra, pra sociedade.

SD119 Andreia mulher trans: eu já entrei nessa si... nessa batalha, sabendo que eu ia ter que ser forte, que eu ia passar preconceito, que eu ia chorar, que eu ia ter dúvida de mim mesma, se eu ia conseguir continuar, com as dificuldades, por bem eu tive a aceitação completa de familiares, amigos e colegas de trabalho. Lá em casa mora eu, a minha mãe, minhas duas irmãs e meu cunhado, e meu pai ele é falecido desde 2012, eu nunca cheguei a contar pra ele primeiro que eu gostava de homens, e tampouco cheguei a contar pra ele que eu sou trans, e, assim, meu pai foi uma pessoa primordial na minha vida, ele deu um grande impulso pra que eu tivesse esse início né? Na minha carreira como musicista, vira e mexe eu penso! pai, eu queria que você visse quem eu sou agora, eu queria que você conhecesse quem eu realmente sou.

SD120 Renata Ceribelli: nessa nova etapa, Andreia também espera conseguir finalmente se relacionar com alguém.

SD121 Andreia mulher trans: eu tinha né, algumas paixões minhas, que não dariam certo né, agora que eu realmente já me sinto né? Relativamente confortável com meu corpo, eu já me sinto muito mais preparada pra ter um relacionamento, eu não teria mais o mesmo desconforto que eu teria antes em deixar alguém tocar o meu corpo realmente.

SD122 Renata Ceribelli: mesmo sem ainda ter passado pelo tratamento hormonal, o Bernardo consegue lidar melhor com essa questão, ele conta que está namorando uma garota, mas que gosta de meninos também.

SD123 Bernardo homem trans: eu sempre me identifiquei como bissexual. Eu sempre gostei de meninos e de meninas. Mas eu sempre gostei dos dois da mesma forma.

SD124 Renata Ceribelli: nasceu num corpo de menina, se sente um menino, e é bissexual. O caso de Bernardo serve para entender que, identidade de gênero é uma coisa, e orientação sexual é outra. Este é mais um rosto da árvore da diversidade humana.

SD125 Tadeu Schmidt: domingo que vem, na mesa de cirurgia, a etapa mais radical no processo de transição.

### **Episódio 3**

SD126 Poliana Abritta: nos últimos dois domingos a gente mostrou aqui como é difícil nascer com o corpo de uma mulher e pensar como um homem, ou o contrário, se sentir mulher mas ver a imagem de um homem no espelho.

SD127 Tadeu Schmidt: uma angústia que se manifesta já na infância, mas é só na vida adulta que os transexuais podem dá o passo definitivo no processo de transição, a intervenção cirúrgica.

SD128 Poliana Abritta: uma decisão difícil para essas pessoas que desde muito cedo sofrem com a rejeição.

SD129 Renata Ceribelli: Taís sabe o que é sentir medo, desde muito cedo enfrenta olhares de reprovação, sempre dizendo: você não é uma menina, você é um menino.

SD130 Taís mulher trans: minha mãe, minha vó, minhas tias, sabiam que eu tinha um jeito diferente, né? Elas tentavam me corrigir me batendo, me deixando de castigo, eu sou do interior e lá as pessoas não tem conhecimento do que é uma pessoa transexual.

SD131 Renata Ceribelli: Taís é de Santa Maria da Vitória na Bahia, durante algum tempo achou que ninguém poderia conhecê-la de verdade, nem mesmo a família.

SD132 Taís mulher trans: eu fui tomando hormônio por conta própria, sem eles saberem, teve um momento que eles começaram a notar meus seios, meu corpo feminino, e aí eles decidiram me expulsar de casa né?

SD133 Renata Ceribelli: ela tinha apenas 16 anos.

SD134 Taís mulher trans: não me deram nada, não me deram nada, eu tive que me virar.

SD135 Renata Ceribelli: hoje com 21 anos. Taís mora em Curitiba, seguiu a mesma estrada da maioria das mulheres trans no Brasil, caiu na prostituição.

SD136 Taís mulher trans: hoje em dia, muitas trans, muitas das gente, tem medo de ir ao shopping, medo de ir numa pizzaria, porque já sabe como que vai se recebida.

SD137 Renata Ceribelli: é uma vida solitária?

SD138 Taís mulher trans: sim, amigos, família pessoas que acabam afastando de você por motivo nenhum. Pelo simples motivo de você viver na condição que você sempre se sentiu.

SD139 Renata Ceribelli: uma situação que tem paralelo com a saga de Alice no clássico, Alice no país das Maravilhas. Na jornada de autodescoberta, entre

paisagens e personagens surreais, Alice acaba sendo expulsa do jardim das flores, apenas por ser diferente, por não ser uma flor. Se você pudesse escolher?

SD140 Taís mulher trans: se eu pudesse, se eu pudesse escolher eu não seria trans, que a gente na rua, a gente tá sujeito a tudo né Renata? Qualquer tipo de violência, de discriminação, pré-conceito, agressão, pessoas maldosas.

SD141 Renata Ceribelli: o caminho de Taís é tão perigoso quanto o de Alice, quando deu de cara com a intolerância da Rainha de Copas. No reino da rainha de copas todas as rosas tem que ser vermelhas mesmo as que nasceram brancas, tem que ser vermelhas, e diante de quem a contraria, ela ordena: cortem-lhe a cabeça. A expectativa de vida das pessoas trans no Brasil não passa de 35 anos, cortem-lhe a cabeça! em 2016, 177 trans foram mortos no país, cortem-lhe a cabeça! desde o começo deste ano, já foram 33 assassinatos, cortem-lhe a cabeça! em nenhum outro lugar do mundo, os trans são vítimas de tanta violência, cortem-lhe a cabeça! cortem-lhe a cabeça! cortem-lhe a cabeeeçaaaa! Tem saudade da família?

SD142 Taís mulher trans: Tenho, se a aceitação da família fosse diferente, talvez eu poderia tá estudando, ter ingressado numa faculdade, ta cursando uma faculdade já, poucas são as que cursam uma faculdade, as que é a família aceita, que tem uma vida normal.

SD143 Renata Ceribelli: mesmo assim, Taís segue sonhando, sonha um dia se tornar publicitária, como a Manuela que está desempregada, mas sonha em ser produtora cultural, ou a Dandara que sonha em ser atriz, e hoje é assistente administrativo, o Gustavo é gerente de loja, e sonha em ser professor de educação física, a Renata é recepcionista, e sonha em ser cantora, o Rober é estriper, e sonha em ser administrador, a Rafaela é prostituta, e sonha em ser coreógrafa, já a Luiza quer ser Engenheira, e esta conseguindo estudar pra isso. Mas o caminho que a trouxe até aqui não foi fácil.

SD144 Luiza mulher trans: tive que encarar muita coisa, muito preconceito, é, hum, diversos momentos assim, que eu percebi que isso era uma coisa séria pra mim, eu fui tratada com, com ignorância, tratada é de um forma muito ruim mesmo, sabe? Desde a infância que eu escuto frases como: anda direito, engrossa essa voz, homem não pode ser mulher.

SD145 Renata Ceribelli: cê apanhou dentro de casa?

SD146 Luiza mulher trans: já, já apanhei.

SD147 Renata Ceribelli: porque?

SD148 Luiza mulher trans: por, por simplesmente dançar igual mulher, por exemplo.

SD149 Renata Ceribelli: a família da Luiza, é da serra do cipó, em Minas Gerais.

SD150 Pai de Luiza: eu fui militar, e eu venho de uma cultura assim, dos pais, é, é rígidos, os pais que no entendimento deles homem é homem e mulher é mulher,

SD151 Renata Ceribelli: e neste mundo, não havia lugar para um menino afeminado, muito menos para um menina num corpo de menino,

SD152 Luiza mulher trans: eu me olhava no espelho todos os dias e falava, eu acho que eu sou uma aberração da natureza,

SD153 Renata Ceribelli: chorava?

SD154 Luiza mulher trans: chorava.

SD155 Renata Ceribelli: foram quantos anos se perguntando quem sou eu?

SD156 Luiza mulher trans: 22 né? 22 anos, que daí a partir dos 23 né, eu já comecei a me orientar, ainda era desorientada, mas depois comecei a me orientar melhor,

SD157 Renata Ceribelli: o caminho dela começou a ficar mais claro quando decidiu procurar ajuda médica,

SD158 Luiza mulher trans: meu primeiro atendimento foi pelo Sistema Único de Saúde. Eu tive uma crise de síndrome do pânico, fui levada para o hospital, e chagando lá, eu explicando meu caso pra médica, ela me encaminhou para o psicólogo, e essa psicóloga no caso, me fez uma investigação básica, da minha infância onde eu revelei, um pouco desse sofrimento que eu passei, mesmo porque isso tava tudo um pouco ainda escondido na minha mente, sabe?

SD159 Mãe de Luiza: ela chegou pra mim e falou: mãe, eu acho que eu sou transexual, mas o que é isso transexual? É gay? Ela falou, não, eu sou uma mulher num corpo de homem, eu fiquei assim, passada, sem entender, aí ela começou a me explicar, aí eu procurei saber tudo sobre isso, eu falei meu Deus e agora o quê que vai ser,

SD160 Pai de Luiza: Depois eu fui vendo que era uma coisa assim, é, é próprio da natureza né? Não era uma coisa assim, é, é, que de opção, né?

SD161 Renata Ceribelli: e aos poucos Luiza, foi se reconhecendo.

SD162 Luiza mulher trans: eu comecei a usar roupas femininas dentro de casa, me observar muito no espelho e tal, e fui percebendo que realmente era aquele ali meu problema, era problema de identidade.

SD163 Pai de Luiza: e essa transformação do corpo dela, pra mulher foi muito difícil, foi complicada a forma de vestir, a forma de se revelar foi muito difícil, por causa disso, por causa do conceito local, entendeu?

SD164 Mãe de Luiza: é a sociedade.

SD165 Pai de Luiza: a sociedade local também não aceitava.

SD166 Renata Ceribelli: o julgamento da Alice será pela rainha de copas, mas neste momento da jornada ela esta mais segura sobre quem ela é, e também sobre quem ela quer ser, uma segurança que a Luiza conquistou quando passou a contar com o apoio da família, e de uma grande amiga, a Grazieli.

SD167 Grazieli: eu emprestei muita roupa, foi tipo assim, foi aquela mudança e eu acabei me envolvendo naquilo.

SD168 Renata Ceribelli: até que chegou um momento, de Luiza começar o tratamento hormonal, foi ao que ela se deu conta de que logo teria de abandonar outro sonho, o de ter um filho biológico.

SD169 Luiza mulher trans: eu sabia que eu não ia mais poder ter filho né? porque o meu sistema endócrino ia ser alterado,

SD170 Renata Ceribelli: ia ficar estéril?

SD171 Luiza mulher trans: ia ficar estéril.

SD172 Renata Ceribelli: antes de começar o processo, Luiza procurou a amiga Grazieli e fez uma proposta.

SD173 Grazieli: e a gente decidiu ter um filho, e hoje ta aí, essa coisinha.

SD174 Renata Ceribelli :um filho de duas amigas?

SD175 Grazieli: um filho de duas amigas.

SD176 Renata Ceribelli: nunca tiveram um romance?

SD177 Grazieli: não. Só amizade mesmo. Uma relação amorosa, mas de amizade. Né?

SD178 Renata Ceribelli: e hoje como é que vocês dividem a guarda da criança?

SD179 Luiza mulher trans: bom, no, no início, é ela ficou com ela até desmama né, aí depois que ele não mamou mais, é ele veio morar um tempinho comigo, e ela tá se estabelecendo lá em Belo Horizonte né? Onde ela tá trabalhando, e depois que ela estiver estabilizada, a gente já tá conversando em compartilhar a guarda.

SD180 Renata Ceribelli: uma família nada tradicional você formou?

SD181 Grazieli: nada, nada tradicional.

SD182 Renata Ceribelli: era isso que você queria?

SD183 Grazieli: totalmente fora do padrão assim, com certeza.

SD184 Renata Ceribelli: hoje com 26 anos Luiza se prepara para tirar o pomo de adão, vai fazer também uma cirurgia no órgão sexual, tudo numa clínica particular, no Rio de Janeiro, ela não quis esperar pela fila do Sistema único de Saúde, que desde 2008 faz esse tipo de operação.

SD185 Médico Eloisio Alexsandro: A demanda é muito maior do que a nossa capacidade de resolução, infelizmente. Estamos com a mais ou menos 6 anos de fila de espera.

SD186 Renata Ceribelli: em todo o ano de 2016 foram feitas pelo SUS, 34 operações de mudança do órgão sexual masculino para o feminino, mas é possível fazer pela rede pública, outros tipos de cirurgia, como o implante de próteses de silicone, operação na garganta para mudança do timbre de voz, e para os homens trans a retirada dos seios,

SD187 Médico Eloisio Alexsandro: e é uma grande satisfação para esses indivíduos, poder andar, é, sem a camisa e na numa prática da piscina, na praia.

SD188 Enfermeiro: Bom dia Dante?

SD189 Dante homem trans: bom dia.

SD190 Enfermeiro: passou bem á noite?

SD191 Dante homem trans: passei.

SD192 Enfermeiro: vamos vê como ficou?

SD193 Dante homem trans: to bobo, essa visão que eu sempre quis ver daqui de cima.

SD194 Renata Ceribelli: para fazer qualquer uma dessas operações pelo SUS, é preciso ser maior de 21 anos e ter passado por dois anos de acompanhamento médico e psicológico, e a cirurgia mais complexa é com certeza, a do órgão sexual.

SD195 Médico Eloisio Alexsandro: esse tipo de cirurgia existe mais de 15, 20 técnicas descritas pra realização da transgenitalização feminina.

SD196 Renata Ceribelli: no caso da Luiza, será utilizado um pedaço do próprio intestino, pra construção do canal vaginal, e são os pais dela que irão bancar esta operação. É ela contou que cês fizeram economia, a família toda ta se organizando pra isso?

SD197 Pai de Luiza: isso, exatamente.

SD198 Mãe de Luiza: nós dois né? E família.

SD199 Pai de Luiza: vai viajar, papai vai ficar com muita saudade viu.

SD200 Luiza mulher trans: eu também.

SD201 Pai de Luiza: nova vida né filha? linda que o papai ganhou né? Te amo muito, muito, muito.

SD202 Luiza mulher trans: eu também pai.

SD203 Pai de Luiza: mas eu erreí muito também , mas, eu, que é tudo um processo né?

SD204 Luiza mulher trans: tudo, com certeza.

SD205 Pai de Luiza: fez parte, sabendo que eu nunca te abandonei, nunca.

SD206 Luiza mulher trans: eu sei pai. Eu tenho vários outros sonhos, eu sempre tive outros sonhos desde a infância, essa cirurgia é, é uma forma de aumentar minha qualidade de vida, eu me sentia é, como uma pessoa deficiente mesmo, sabe? É, realmente um divisor de águas na minha vida,

SD207 Renata Ceribelli: agora mesmo quando acordar, Luiza poderá seguir sonhando.

SD208 Tadeu Schmidt: domingo que vem, no último episódio, o amor e os relacionamentos no universo dos transgêneros.

#### **Episódio 4**

SD209 Tadeu Schmidt: nas últimas semanas você viu aqui no fantástico, a vida de pessoas que não se identificam com o sexo de nascença.

SD210 Poliana Abritta: usamos a personagem Alice, do livro Alice no país das Maravilhas, pra representar todas elas, pra nos ajudar a entender a difícil jornada dos transgêneros.

SD211 Tadeu Schmidt: um caminho com muitos obstáculos também no amor.

SD212 Renata Ceribelli: ela tem 29 anos e uma beleza difícil de passar despercebida.

SD213 Alessandra mulher trans: os homens chegam bastante em mim, se o cara é um cara que não me interessa nenhum pouco, que eu sei que ele é machista preconceituoso, eu já chego e falo pra ele bem assim que sou uma travesti, porque o nome travesti assusta, o homem, ele tem vergonha do quê que os amigos vão dizer, se os amigos vão zoar, se vão fazer videozinho, se vão tirar um barato, me entristece, me entristece por, quando isso ocorre, mas outras coisas me fazem tão feliz, que anula. Hoje em dia pelo simples fato de me olhar no espelho e ver um corpo feminino, me faz feliz.

SD214 Renata Ceribelli: vamos imaginar agora que Alessandra é Alice, do livro Alice no país das Maravilhas, na jornada de autodescoberta, a personagem muitas vezes

vive momentos difíceis, se vê perdida e diante de figuras intolerantes. Agora, a história chegou ao fim, mas ela é inquieta, curiosa, e não tem medo de seguir em frente, porque o que ela mais quer, é responder, quem sou eu? Alessandra, é difícil olhar pra você, vendo assim uma mulher bonita, e imaginar que onze anos atrás você tinha corpo de homem, se vestia como homem, tinha um nome de homem, que revolução foi essa que aconteceu na sua vida?

SD215 Alessandra mulher trans: na verdade Renata, é, assim, não foi somente há onze anos atrás, vem desde, quando da minha infância, que eu me entendo como mulher, mas há onze anos atrás, que teve um start na minha vida, que eu falei assim, eu preciso mudar, porque tipo eu num, num conseguia me olhar no espelho, foca naquela pessoa que eu tava vendo, vendo no espelho, e me encontrar, eu não me encontrava, eu encontrava o ser humano que estava aqui.

SD216 Renata Ceribelli: quando fez dezoito anos, Alessandra ou Leca, como gosta de ser chamada, decidiu que nunca mais ia se apresentar com seu nome de batismo, nem voltaria a usar roupas de homem, assumiu totalmente sua identidade feminina, começou a trabalhar como cabeleireira, e há três anos entrou numa sala de cirurgia pra última etapa de transformação. Quem era a mulher Alessandra antes da cirurgia e depois?

SD217 Alessandra mulher trans: a mulher Alessandra antes, era uma mulher que tinha medo, ela tinha medo, ela tinha vergonha de sair na rua, ela tinha vergonha do julgamento, de ser apontada na rua, vergonha de sentar de conversar, e como se portar.

SD218 Renata Ceribelli: assim como na história de Alice no país das maravilhas, em que a garota se da conta de que tudo não tinha passado de um sonho, depois da cirurgia, Leca despertou para a realidade, e percebeu que tudo seria parecido com o que ela já tinha vivido até então. Ou seja, o preconceito continua?

SD219 Alessandra mulher trans: sempre, sempre, sempre, sempre, sempre, mas eu fiz a cirurgia sabendo desse preconceito.

SD220 Renata Ceribelli: você já namorou depois da operação?

SD221 Alessandra mulher trans: nunca

SD222 Renata Ceribelli: e antes da cirurgia?

SD223 Alessandra mulher trans: não, nunca,

SD224 Renata Ceribelli: cê nunca namorou?

SD225 Alessandra mulher trans: nunca namorei na vida.

SD226 Renata Ceribelli: você tá me dizendo que sexualmente você é virgem?

SD227 Alessandra mulher trans: sou, sou virgem, eu tenho medo de me entregar a pessoa, e a pessoa me decepcionar,

SD228 Renata Ceribelli: dele chegar e falar uma mulher trans eu não quero?

SD229 Alessandra mulher trans: isso, isso já aconteceu, já aconteceu de eu ficar com um rapaz umas duas ou três vezes, eu pensar que a gente tava engatilhando um namoro, e ele num querer me apresentar para ninguém, nem pra amigos, nem pra sociedade, dele me levar até o cinema.

SD230 Renata Ceribelli: tá perdendo a chance de te amar?

SD231 Alessandra mulher trans: ta perdendo a chance de me amar, de me conhecer, de conhecer a pessoa que eu sou.

SD232 Renata Ceribelli: o Leo sabe como é difícil encontrar alguém disposto a ter uma relação com uma pessoa trans, ele viveu com um corpo feminino por 35 anos. E há três anos começou o tratamento hormonal para ganhar características masculinas.

SD233 Leo homem trans: com três meses já começou já nascer barba, fiquei com mais pelo no corpo, Foi tudo maravilhoso, tudo em três meses, com 6 meses já começou a mudar o formato do rosto, total.

SD234 Renata Ceribelli: do seu rosto?

SD235 Leo homem trans: do meu rosto, total.

SD236 Renata Ceribelli: depois de 6 meses?

SD237 Leo homem trans:depois de 6 meses, eu fiquei homem, completo assim.

SD238 Renata Ceribelli: e foi durante esse processo que ele se apaixonou.

SD239 Leo homem trans: minha paixão foi na academia, é foi professora da academia, e foi na musculação, começamos uma conversa na amizade, essas coisas, começou a rolar né?

SD240 Renata Ceribelli: mas Leu teve muita dificuldade em se declarar, é que Carla é uma garota heterossexual, e não é trans. Quanto tempo de angustia pra você chegar nela e dizer que você é um trans, um homem trans?

SD241 Leo homem trans: foi engraçado, eu fiquei um mês e pouco mais ou menos, tinha uma troca de olhares, mas eu pensei que era só amizade, e aí o papo vai, papo vem, no restaurante uma vez, depois de um mês e pouco, num restaurante, eu contei pra ela, eu sou trans, ela o que? Ela ficou assim.

SD242 Renata Ceribelli: primeiro momento.

SD243 Leo homem trans: primeiro momento, eu falei: ué ela não falou nada, estranho porque geralmente as pessoas ficam todas espantadas, fogem de mim, falei ué, ela não fugiu eu achei estranho.

SD244 Carla: eu acho que brotou uma coisa, não sei se, se veio a tona né, no meu coração assim, uma coisa que eu não imaginava que poderia sentir, é uma calma, é uma paz aqui, tipo e aí.

SD245 Renata Ceribelli :porque você já tava apaixonada. Você nunca tinha tido uma relação diferente.

SD246 Carla: não, eu gosto de homens, nasci num corpo feminino, gosto do meu corpo como ele é, me identifico bem com o meu corpo, e me atraio e me relaciono com homens, simples, que sejam agora um homem trans. É uma pessoa linda, tem um corpo lindo, um coração lindo,

SD247 Renata Ceribelli: que lição vocês acham que fica dessa historia de amor pras pessoas?

SD248 Carla: eu acho que não é bem lição, é que nos vivemos o que nós acreditamos, e a gente segue o nosso coração, eu acho que o amor por ele mesmo, já não é uma lição, eu acho que a gente vive o amor da maneira que a gente

acredita, não é lição pra ninguém, é só nossa vida. Eu acho que as pessoas complicam demais, eu acho que se as coisas fossem mais simples, né?

SD249 Renata Ceribelli: como todo casal apaixonado, eles já tem planos,

SD250 Leo homen trans: casar, ter filho, inseminação? Adotar?

SD251 Carla: é então, tem várias formas.

SD252 Leo homen trans: tem várias formas.

SD253 Renata Ceribelli: formar uma família.

SD254 Leo homen trans: formar uma família. De muito amor.

SD255 Renata Ceribelli: o sonho de Leo e Carla virou realidade na vida de Anderson e Helena, o Anderson e a Helena, são pioneiros, na formação de um novo tipo de família aqui no Brasil, ele que nasceu no corpo de mulher, e ela que nasceu num corpo de homem, se casaram e tiveram o Gregório, essa criança linda aqui, como as pessoas reagem quando sabem que vocês formaram uma família nessas circunstâncias?

SD256 Helena mulher trans: elas não acreditam, a maioria das vezes pensam que o Gregório é adotado, por ser filho de um casal trans.

SD257 Renata Ceribelli: você fica bravo?

SD258 Anderson homem trans: é eu fico mais ou menos, mas eu sei que não é.

SD259 Renata Ceribelli: os cabelos e os olhos claros vem da família do Anderson, e a agitação, bom, isso é fome mesmo, com 1 aninho, Gregório ainda mama no peito. Quando as pessoas veem você um homem amamentando, elas ficam assustadas, coversam com você, qual que é a reação das pessoas?

SD260 Anderson homem trans: não, ficam cuidado assim, que nem no posto um dia eu fui levar ele, daí eu tava dando mama pra ele, e a mulher bem assim, eu nunca vi um homem dar mama.

SD261 Helena mulher trans: as pessoas elas ficam impressionadas quando elas veem o Anderson amamentando.

SD262 Renata Ceribelli: como foi pra você, se sentindo um homem, viver essa momento tão feminino?

SD263 Anderson homem trans: eu tinha vergonha de andar na rua, até comprava as blusas as camisetas assim grande, e tudo pra não mostrar muito a barriga.

SD264 Renata Ceribelli: mas ao mesmo tempo gostava da barriga ou não?

SD265 Anderson homem trans: gostava, quando tava em casa no momento de ficar em casa, tava eu e a Helena, e tudo assim, daí a gente passava a mão na barriga, até quando ele se mexia, ele chorava, ela chorava mais ainda.

SD266 Helena mulher trans: no início a gente não sabia como explicar pras pessoas como dizer no momento da gestação o pai que gera a criança,

SD267 Renata Ceribelli: e depois disso como ficam as funções de pai e mãe?

SD268 Helena mulher trans: ficam da forma tradicional, apesar dele amamentar, eu acho que a única coisa que ele faz de papel de mãe hoje é a amamentação.

SD269 Renata Ceribelli: isso é curioso, como é que vocês estão ensinando pra ele que você é o pai e você é a mãe?

SD270 Anderson homem trans: porque daí eu falo bem assim, vai lá na mãe daí ele vai certinho lá nela, daí quando ela fala vai lá no pai ele vem daí certinho em mim.

SD271 Renata Ceribelli: pouco depois dessa entrevista, helena e Anderson se separaram e ainda estão decidindo como ficará a rotina de Gregório. Para a justiça a situação deve ser encarada da mesma forma como de qualquer outro casal.

SD272 Carmem advogada: a partir da lei de/do final de 2014, a guarda compartilhada é regra.

SD273 Renata Ceribelli: se a guarda compartilhada não for possível devido ao desentendimento do casal?

SD274 Carmem advogada: é imposto aos pais se entenderem, a não ser que um não tenha capacidade de ser guarda, e o juiz em geral escolhe uma residência principal, porque pra criança ela tem que ter um núcleo especial, um núcleo uma referencia da moradia principal.

SD275 Renata Ceribelli: o relacionamento de Anderson e helena, acabou, mas o amor entre eles gerou Gregório. Que vai crescer em uma geração com outro olhar para os transgêneros.

SD276 Helena mulher trans: Nós vamos falar sim para o Gregório, que um dia eu fui homem, virei trans, o Anderson também vai falar para o Gregório, que um dia ele foi mulher e virou homem, e que ele é formado de uma família de um casal trans. Eu não tenho medo desse momento chegar, não tenho, eu acredito que da forma que a gente trata ele, da forma que a gente cria ele, e o meio, que ele vive, ele não vai ficar magoado, ele não vai ficar sentido, ele vai aceitar numa boa, ele não vai ter vergonha, não vai ter preconceito,

SD277 Renata Ceribelli: Gregório vai aprender desde cedo que as pessoas são diferentes, e tudo bem, afinal a árvore da diversidade que mostramos no início da nossa série, é realmente cheia de ramificações, mas quando estamos falando de amor, não existe diferença.